

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

João Fábio Haddad Caramori

Uso de rituais na jornada pela transicionalidade

SÃO PAULO

2020

João Fábio Haddad Caramori

O USO DE RITUAIS NA JORNADA PELA TRANSICIONALIDADE

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obter o título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Safra

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

**Nota:** Para a confecção da ficha catalográfica consulte sua biblioteca de origem.

• **Modelo do verso da página de rosto**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Silva, Maria Salete Abrão Nunes da.

Bendito o fruto do vosso ventre : estudo psicanalítico da maternidade e da paternidade por adoção / Maria Salete Abrão Nunes da Silva ; orientadora Maria Lúcia Toledo de Moraes Amiraliam. --São Paulo, 2007.

241 f.

Tese (Doutorado) -- Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

1. Adoção (criança). 2. Pais adotivos. 3. Psicanálise. 4. Relações pais-criança. 5. Subjetividade. 6. Esterilidade. 7. Freud, Sigmund, 1856-1939. I. Amiraliam, Maria Lúcia Toledo de Moraes. II. Título. III. Título: Estudo psicanalítico da maternidade e da paternidade por adoção.

LC HV875

Nome: Caramori, João Fábio Haddad

Título: Uso de rituais na jornada pela transicionalidade

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade  
de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_

*“– Teria sido melhor voltares à mesma hora, disse a raposa. Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade! Mas se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar o coração... É preciso ritos.  
– Que é um rito? perguntou o príncipezinho.  
– É uma coisa muito esquecida também, disse a raposa. É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias; uma hora, das outras horas. Os meus caçadores, por exemplo, possuem um rito. Dançam na quinta-feira com as moças da aldeia. A quinta-feira então é o dia maravilhoso! Vou passear até a vinha. Se os caçadores dançassem qualquer dia, os dias seriam todos iguais, e eu não teria férias!  
Assim o príncipezinho cativou a raposa...”*

*- Antonie de Saint-Exupéry, O pequeno príncipe.*

## AGRADECIMENTOS

Para todos que confiaram seus cuidados a mim. Os pacientes, ou melhor, as pessoas que repartiram suas íntimas dramáticas, dividiram seus segredos com as palavras e, de maneira silenciosa, transmitiu-me os conflitos de seus corações, mobilizaram-me com suas lágrimas, alertaram-me com seu desespero, agradeceram-me com seu sorriso e me dedicaram seu tempo. Não fui somente interlocutor de todas essas histórias reveladas, tive a possibilidade de ser um personagem inserido após um enredo já escrito, uma reedição de suas narrativas que, espero, terem sido histórias mais delicadas, mais toleráveis e com um possível final feliz. Profundamente agradeço a experiência humana que fora estrela vésper para a criação deste trabalho.

Ao professor Gilberto Safra agradeço a oportunidade, a confiança e o cuidado. Em nosso primeiro encontro acolheu-me como um mentor, em seu trilhar teórico respondia a todas as minhas angústias que me deparei durante meu percurso como psicólogo clínico. Seu olhar que vai em direção aos campos do infinito, das ontologias do ser e poético! Ao homem que me é exemplo, a pessoa que a própria presença e olhar é experiência ética. Por constantemente habitar meus pensamentos com sua frase: A vida é farta!

Claudia Rocha e Camila Perillo, as secretárias do Instituto de Psicologia da USP de São Paulo. Se as aulas e orientações das pesquisas que criamos nesta instituição são as bases para nossos trabalhos científicos, vocês são as engrenagens que fazem todo o relógio funcionar. Não teria como não agradecer o profícuo trabalho de vocês, a delicadeza e pequenos conselhos. Vocês são parte disso.

Walter Martins Migliorini, pela nossa profunda amizade, respeito e por estar presente nos momentos que eu mais necessitei. Sua essência me é exemplo, a perfeita união da delicadeza e a rigidez, do mestre e do aprendiz. Um homem que não só me apresentou a teoria winnicottiana, como é a própria encarnada. Sem você eu jamais teria chego até aqui, ponte fundamental que me guiou até os passos do professor Safra.

Rodrigo Fabio Moreno, uma pessoa que é parte fundamental de toda minha historicidade. Eu te agradeço profundamente pela sua leveza de ser, pela coragem personificada que você é. O primeiro dos meus irmãos elegido pela vida. Obrigado pelas risadas, pelas constantes brincadeiras que são parte da sua marca e pela paciência!

Para Thayna Baltieri, uma extensão da minha família. Por toda sua humildade e perseverança na vida, por ter cicatrizes que refletem com as minhas, por ter palavras que resgatam e animam, pelas suas sombras amenizarem a intensidade do sol. Uma hermeneuta da natureza humana, profunda conhecedora das minúcias do cuidado e do amor.

Claudio Dias, meu verdadeiro irmão. Por forrar meu coração com sua fidelidade e carinho. Por me ensinar que o silêncio é presença e confiança. Ao laço de amizade que se expande pelo espaço-tempo, unindo nossos corações. Pela mística que carrega em sua alma e ser entidade transcendente.

Alan Ribeiro da Cunha, você me é sinônimo de integridade, um querido amigo para toda minha vida. Pela essência solar que você carrega consigo, um modo de vida leve que sempre é acalanto, as constantes piadas, algumas sem graça, pelo entusiasmo pela vida e a alegria nas pequenas coisas.

Erich Nagashima, meu fiel cuidador. Por ser a pessoa que encontra beleza nas coisas mais inusitadas do mundo. Por amar toda forma de ser, pela comunhão constante com a própria vida, pela leveza existencial.

Giovanna Nóbrega Biasotto, por ser espontânea, a verdade encarnada que você é. Por ser sentimento e espírito, por converter nossas conversas em intensas gargalhadas. Por saber transformar a luz de um vaga-lume em uma supernova. Uma amiga maravilhosa, agente da intuição e psicóloga formidável, um dia almejo consonar com sua delicadeza.

Rian Stenico Beduschi, pelos anos de amizade sem igual. Com você compreendi o que significa perder a noção do tempo, nossas horas infindáveis de conversas sobre a natureza humana que distorcem o tempo, fazendo dias parecerem instantes. Obrigado pelo incentivo e por eclodir o melhor que há em mim.

Yasmin Teixeira, pela nossa grande amizade que perdura por anos e por me ser inspiração. Por todo tempo dedicado, pelas filosofadas sobre a natureza humana, sobre as produções científicas, coisas da vida, os relacionamentos contemporâneos, e principalmente, pela risada fácil.

Eduardo Funo, por nunca ter me chamado pelo nome, mas sempre de “irmão”. Pela quantidade massiva de risos e por dividir comigo seus sonhos, pelos conselhos amorosos e constante preocupação.

Para Hanna Vivian Figueredo Alvez Lima, pela eterna integridade e por ser a maior lição de amor que um ser humano poderia ter. Por ser sempre força, por ser sempre sol.

Para Mariana do Nascimento Arruda Fantini, que sua enorme amizade, doçura e gentileza me foram oásis na grande São Paulo.

A Júlia Caramori, que nos meus períodos de maior cansaço, mesmo sem perceber, fora o sol que me fez continuar seguindo.

A Joanna Haddad Caramori e sua peculiar forma de amar.

Ao meu pai, João Fábio Caramori e os aprendizados constantes.

E minha mãe, Rita de Cássia Haddad, que me fora amor incondicional, alicerce da minha existência e ponte da transicionalidade.



## RESUMO

CARAMORI, J. F. H. (2020). *O uso de rituais na jornada pela transicionalidade*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir sobre a possível apreciação das manifestações sintomáticas dos rituais obsessivos como um adoecimento que ocorreu dentro do campo dos fenômenos transicionais, e assim, como providos da esperança e possibilidade da continuidade de ser. Como método investigativo utilizou-se a fenomenologia-hermenêutica aplicada à investigação teórico-clínica. O período de três anos de trabalho terapêutico as dramáticas de uma paciente obsessiva foram os fios que possibilitaram o tecer de uma narrativa, estrela vésper para o aprofundamento deste trabalho. A trajetória teórico-clínica partiu especialmente das contribuições do campo psicanalítico de Freud, Winnicott e Safra, além de outros autores que propiciaram um profícuo diálogo a respeito do tema. Dentro da perspectiva de Freud, os atos obsessivos subordinam-se à conflitos inconscientes e surgem como parte de mecanismos defensivo e manifestação simbólica de conflitos inconscientes, através das contribuições dos fenômenos transicionais, que em seu viés interrelacional atrelados aos fenômenos não sensoriais, observou-se uma questão relacionadas a sensação da ruptura da continuidade de ser e ainda sim, um pedido de socorro imbuído de esperança. Em Safra, é possível compreender que o uso de rituais dentro do adoecimento emocional trata-se de uma condição emocional da ruptura do registro ético, ou seja, da experiência de alteridade, que é base dos processos de subjetivação e da eclosão da singularidade de cada um.

Palavras-chave: Rituais, Atos obsessivos, Sansões, Hermenêutica, Psicanálise

## ABSTRACT

CARAMORI, J. F. H. (2020). The use of rituals in the journey of through transitionality. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Abstract: This article aims to discuss the possible appreciation of the symptomatic manifestations of obsessive rituals as an illness that occurred within the field of transitional phenomena, and thus, as provided with hope and the possibility of continuity of being. As an investigative method, phenomenology-hermeneutics applied to theoretical-clinical research was used. The three-year period of therapeutic work, the dramatic of an obsessive patient, were the threads that made it possible to weave a narrative, a star before the deepening of this work. The theoretical-clinical trajectory started especially from the contributions of the psychoanalytic field of Freud, Winnicott and Safra, in addition to other authors who provided a fruitful dialogue on the subject. Within Freud's perspective, obsessive acts are subordinate to unconscious conflicts and appear as part of defensive mechanisms and symbolic manifestation of unconscious conflicts, through the contributions of transitional phenomena, which in their interrelational bias linked to non-sensory phenomena, was observed an issue linked to the sensation of the rupture of the continuity of being and yet, a cry for help imbued with hope. In Safra, it is possible to understand that the use of rituals within emotional illness is an emotional condition of the rupture of the ethical record, that is, the experience of otherness, which is the basis of the processes of subjectification and the emergence of the singularity of each one.

Keywords: Rituals, Obsessive acts, Sanctions, Hermeneutic, Psychoanalysis

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 - INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>13</b> |
| 1.a - As Intenções deste Trabalho.....  | 13        |
| 1.b- Uma breve retrospectiva dos rituais e a psicanálise.....   | 16        |
| 1.c - Justificativa da pesquisa.....  | 24        |
| 1.d - O estado da arte – A psicanálise e rituais.....   | 24        |
| 1.e - Discussão do estado da arte.....  | 34        |
| <b>2 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS: DA HERMENEUTICA ÀS<br/>NARRATIVAS CLÍNICAS.....</b>   | <b>36</b> |
| 2.a - A hermenêutica e a investigação em psicanálise.....   | 36        |
| 2.b - A vinheta clínica como procedimento metodológico.....   | 38        |
| 2.c - Das vinhetas clínicas às narrativas.....  | 39        |
| 2.d - Os nomes dos protagonistas das crônicas e a mitologia grega.....  | 41        |
| <b>3 - OS RITUAIS PROTETIVOS.....</b>   | <b>43</b> |
| 3.a - A protagonista Cassandra: <i>“Eu estou bastante medrosinha”</i> .....   | 47        |
| 3.b - Algumas considerações sobre Cassandra: <i>“Ele enfiava a mão no viveiro de pássaros,<br/>quebrava o pescoço deles e jogava em mim!”</i> .....                                 | 50        |
| 3.c - A contratransferência - O caminho da esperança: <i>“Eu achei tão engraçado que eu sonhei<br/>que você estava em cima de uma flor, parecia algo tipo budista, sabe?”</i> ..... | 52        |
| 3.d – Algumas considerações teóricas sobre Cassandra: <i>“Eu não queria ser igual meu pai,<br/>jamais”</i> .....  | 53        |
| 3.e - Considerações finais sobre Cassandra e seus rituais: <i>“Eu me lembro de uma angústia tão<br/>forte que somente sumia quando eu rezava”</i> .....                             | 60        |
| <b>4 - OS RITUAIS E A ORDEM.....</b>  | <b>65</b> |
| 4.a - A protagonista Erínia: <i>“Eu simplesmente detesto quando as coisas não saem do meu<br/>jeito”</i> .....  | 65        |
| 4.b - Algumas considerações sobre Erínia: <i>“...quando eu surto eu nem sei mais onde eu<br/>estou...”</i> .....  | 68        |
| 4.c - A contratransferência - O caminho da esperança: <i>“Eu sonho em ser mãe, acho que eu não<br/>cometeria os mesmos erros da minha”</i> .....                                    | 71        |
| 4.d - Algumas considerações teóricas sobre Erínia: <i>Sou tomada por algo mais forte...”</i> .....  | 72        |
| 4.e - Considerações finais sobre Erínia e seus rituais: <i>“Eu de verdade acredito que o tempo é<br/>dinheiro”</i> .....  | 77        |
| <b>5 – OS RITUAIS DE PURIFICAÇÃO.....</b>   | <b>81</b> |

|  |            |
|--|------------|
| 5.a - O protagonista Quíron: “ <i>Por favor, fique atento, preste atenção em mim</i> ” .....   | 81         |
| 5.b - <i>Algumas considerações sobre Quíron: “Eu não acho que alguém possa amar uma coisa como eu, quebrado, disforme”</i> .....   | 86         |
| 5.c - A contratransferência - O caminho da esperança: “ <i>Meu quarto não tem absolutamente nada, só tem um colchão no chão e um armário</i> ” .....   | 89         |
| 5.d - Considerações teóricas sobre o adoecimento de Quíron: “ <i>Durante muitos anos eu flertei com a morte, sentia-me morto</i> ” .....   | 90         |
| 5.e - Considerações finais sobre os rituais de Quíron: “ <i>Meus rituais me davam uma sensação de bem-estar, sabe? Quando eu fazia meu treco com o dedo nas portas, o sinal da cruz, eu me sentia protegido, eu sentia que tava tudo bem</i> ” ..... | 94         |
| <b>6 - OS RITUAIS E A ESPERANÇA.....</b>   | <b>98</b>  |
| 6.a - A protagonista Athena: “ <i>Eu jantava duas vezes só pra conseguir jantar com ele</i> ” .....  | 98         |
| 6.b - Algumas considerações sobre Athena: “ <i>Você não esperava que uma mãe solteira conseguisse criar bem duas filhas, né?</i> ” .....   | 101        |
| 6.c - A contratransferência – O caminho da esperança: “ <i>Tem dias que eu te odeio muito</i> ” .....  | 102        |
| 6.d - Considerações teóricas sobre Athena: “ <i>Sabe, eu tenho uma sensação horrível que me acompanhou a vida toda...</i> ” .....  | 104        |
| 6.e - Considerações finais sobre os rituais de Athena: “ <i>Foi durante a faculdade que eu comecei a ter dificuldades de dormir</i> ” .....  | 107        |
| <b>7 - O LUGAR DO RITUAL: O SILÊNCIO E O MEDO.....</b>   | <b>109</b> |
| 7.a - O protagonista Tácito: “ <i>Você me ama? Por favor, diz que me ama</i> ” .....   | 109        |
| 7.b - Algumas considerações sobre Tácito: “ <i>Eu precisava ter certeza que eu estava sozinho em casa, caso contrário eu não poderia usar o banheiro</i> ” .....   | 112        |
| 7.c -A contratransferência – O caminho da esperança: “ <i>...vida é farta</i> ” .....  | 114        |
| 7.d - Considerações teóricas sobre Tácito: “ <i>Eu nunca contei isso pra ninguém</i> ” .....   | 115        |
| 7.e - Considerações finais sobre os rituais de Tácito: “ <i>Eu perdi as contas de quantas vezes eu passei apertado por conta disso</i> ” .....   | 119        |
| <b>8 - A CONCLUSÃO: A POLIFONIA DOS RITUAIS.....</b>   | <b>122</b> |
| 8.a – Os rituais e a dimensão representacional: A dimensão simbólica.....  | 123        |
| 8.b - Os rituais e a dimensão apresentacional: O adoecimento do gesto criativo .....   | 124        |
| 8.c - Os rituais e a perspectiva inversa: O mundo escondido.....   | 127        |
| <b>9 – REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>130</b> |

## 1 - INTRODUÇÃO

### 1.a – As intenções deste trabalho

A força que me motivou a realizar esta pesquisa é fruto da conversão de dois caminhos. O primeiro deles vem da minha atuação como psicólogo clínico na rede pública de saúde em uma cidade do interior de São Paulo. Minha experiência de dois anos de trabalho no setor público, atendendo massiva demanda, cerca de dez pacientes por dia, em uma unidade básica de saúde. O esforço converteu-se em valiosa escola para um recém-formado, após esse período, continuei os atendimentos através de uma farta procura em clínica particular. Não é correto eu alegar que fora somente um trabalho, mas uma verdadeira possibilidade de adentrar-me em uma variada gama de dramas pessoais e as múltiplas naturezas dos atravessamentos que podem adoecer uma alma.

Em uma guia amarela, escrito, CID 10 - F.42, que eu recebia das especialidades médicas, deparei-me com casos de neurose obsessiva compulsiva e o conseqüente aprisionamento da pessoa em rituais. O trabalho clínico com essas pessoas me deu a riqueza do viver humano que eu precisava para refletir sobre os rituais, porém o caminho de pesquisa sempre traz consigo a desconstrução de preceitos. A condição humana não pode ser reduzida a meros diagnósticos e nomenclaturas, nem muito menos existe para meramente contemplar e reforçar teorias já existentes sobre o fenômeno obsessivo, sem possibilidade do inédito, do novo e do singular.

Para minha surpresa, variados pacientes apresentavam rituais e maneirismos, não somente os diagnosticados com transtorno obsessivo compulsivo, não só aqueles cuja relativa normalidade fazia parte de seus quadros, pacientes que jamais foram invadidos por pensamentos invasores. Exemplifico minhas reflexões por meio de uma vinheta clínica, em que o protagonista é um garoto de 8 anos de idade. Essa criança, quando se encontrava sob estresse, começava a bater as juntas dos seus dedos polegares uma na outra. Esse hábito já causava calos em seus dedos. A mãe havia me revelado que ele também gostava de bater em tambores e outros objetos produzindo o mesmo ritmo. Não tinha amigos, não gostava de se enturmar na escola e quando ia ficava sempre quieto em seu canto. Em sua vida particular não suportava a ideia de que outros fossem visitá-lo em sua casa. Além disso, o paciente tinha a mania de deitar-se em qualquer lugar aonde ia, não suportava manter o contato visual por muito tempo com qualquer pessoa, exceto com sua mãe e irmã. O garoto também vivenciava o divórcio de seus pais. Há

meses seu pai não estava presente em sua casa e ele não conseguia aceitar essa nova realidade. Tudo que conhecia como ternura e segurança havia se perdido e de forma insidiosa sofria.

Durante os jogos, sempre me pareceu surpreendentemente ativo, envolvendo-me verdadeiramente em suas brincadeiras, tinha o ímpeto de ganhar o jogo com o qual brincava, a qualquer custo, mesmo quebrando as regras. Era nítido dentro do campo contratransferencial que desejava ser reconhecido pelos seus valores, receber um parabéns era seu objetivo, o afeto de um adulto que se apresentava como disponível para ele era sua maior recompensa.

Apesar de evitar o olhar, gostava muito de conversar, porém não por muito tempo. Após meia hora de brincadeiras espontaneamente dizia “*estou cansado*” e, vagarosamente, subia no divã como um pequeno gato, encolhia-se e fechava os olhos. Eu não interpretava esse gesto como forma de resistência ao tratamento, muito pelo contrário, a criança encontrava naquele espaço a possibilidade de encenar o descanso, o ambiente terapêutico era para ele um lugar de acolhimento do qual necessitava. Além do mais, quando se deitava encolhido, parecia-me apresentar um estado de desenvolvimento muito primitivo, ao qual parecia estar fixado.

Após um período de ludoterapia, comecei a tentar ampliar o campo simbólico de seu sintoma obsessivo. O bater as juntas de seu dedão ganhou outras materialidades, tornou-se, por exemplo, a colisão de carrinhos uns contra os outros, de blocos de montar e o batuque em outros instrumentos musicais. O ritmo oscilava conforme suas ansiedades, era possível notar uma quantidade considerável de agressividade envolvida em seu gesto. Assim como aponta a teoria de Winnicott (1950), a agressividade é um gesto polifônico, ela contém variadas formas de chamados da criança que se subordina ao fenômeno, porém, dentro do que consegui compreender nessa dramática, a agressividade é uma das faces do amor, ou melhor, uma primitiva comunicação de que algo muito precioso foi perdido e está sendo reivindicado, como nas tendências antissociais.

Com esse delicado paciente, compreendi que o bater dos objetos significava a união ao colidir os brinquedos, e a separação ao afastá-los para então reiniciar todo o processo. Além disso, um segundo ponto pode ser destacado: o gesto agressivo era uma possibilidade de redirecionar catexias de ansiedades com as quais não conseguia lidar, como a separação de seus pais e as brigas que iniciaram-se após esse evento, assim como a dificuldade que tinha de se relacionar com o mundo social no qual era obrigado a se inserir.

Sob meu ponto de vista, o paciente em questão não se enquadrava, no que habitualmente se compreende como um neurótico obsessivo. Ele era uma criança que se inseria dentro de um quadro do espectro autista. A própria mãe já desconfiava dessa possibilidade há alguns meses e havia questionado o diagnóstico do neurologista.

O acompanhamento dessa criança foi bastante significativo para que eu pudesse amadurecer o pensamento teórico-clínico que sustenta essa tese sobre o uso de rituais no caminho para a transicionalidade. No entanto esse não foi o único caso, pois durante meus neófitos cinco anos de experiência clínica pude acompanhar outros quinze pacientes que manifestavam o aprisionamento ritualístico dentro de suas dramáticas pessoais, cada um deles configurando uma visitação do inédito à dimensão clínica, com suas dinâmicas familiares variadas, com seus conflitos e traumas singulares, com usos mais peculiares possíveis dos rituais.

O segundo caminho que me levou à realização dessa pesquisa decorre de meu aporte teórico, o encontro com a teoria de Donald W. Winnicott e, posteriormente, as contribuições de Gilberto Safra e sua experiência clínica particular.

Durante minha formação na Unesp de Assis, tive a oportunidade de inserir-me em um grupo de estudos sobre a teoria do amadurecimento emocional. Foi por meio desse grupo de estudos que arvorou minha iniciação científica e que pela primeira vez me deparei com conceitos como *holding*, *handling* e os fenômenos transicionais, os quais me possibilitaram um novo horizonte de compreensão dos fenômenos clínicos, nos fenômenos que antecedem a formação dos símbolos, naquilo que sustentam uma dimensão não sensorial da condição humana, a ponte da transicionalidade e a continuidade de ser.

No quarto ano universitário, durante o período da escolha dos estágios básicos, busquei maior ênfase no campo da psicologia clínica da criança e do adolescente, e a partir desse momento pude ter um aprofundamento maior na obra de Winnicott e também a oportunidade de conhecer as produções de Gilberto Safra dentro da clínica contemporânea.

Se posso afirmar que a clínica de Winnicott é pautada na dimensão do paradoxo, do gesto criativo e da transicionalidade, compreendo a de Safra baseada no campo da comunhão, da alteridade, da compreensão e dos diversos campos polifônicos que atravessam o ser e no registro da esperança. Antes do início do mestrado, acompanhei as supervisões clínicas desse pensador contemporâneo, assim como seu grupo de estudos que adota contribuições do filósofo russo Pável Florensky, e encontrei concepção criativa que não se subjugava a experiência humana a um excesso teorizante e assim, possibilidade de eclosão de um campo polifônico, mais adequado à análise do sofrimento contemporâneo e o surgimento do singular dentro da situação clínica evidenciando e valorizando a experiência humana.

Assim, senti afinidade com essa concepção que compreende o sintoma do paciente contendo a esperança de encontrar o que é necessário para a realização de seu percurso em direção à constituição de si. Nessa perspectiva, compreendi os rituais como uma forma de

comunicação, como um adoecimento do próprio gesto criativo, ou talvez uma potencialidade de um brincar ainda não nascido, que demanda uma força a mais para eclodir em experiência de real vivência. Aqui não mais compreendia a sintomatologias como meramente repressão das pulsões inconscientes, mas também, modos e formas de habitar o mundo de forma integrada, um pedido de auxílio que dê uma exegese aos mistérios do sofrimento singular de cada um e possibilidade de redirecionar o ser paralisado pelas forças do cotidiano em devir.

Esse foi o foco da minha atenção, a possibilidade de compreender os rituais que aprisionam, não somente como um recurso defensivo do ego, mas como um adoecimento que ocorreu dentro do campo da transicionalidade, porém, ainda assim, contendo esperança para possível criação dos eventos no registro do porvir.

#### 1.b – Uma breve retrospectiva dos rituais e a psicanálise

Na literatura clássica psicanalítica o sintoma obsessivo é relacionado ao uso de rituais compulsórios. Freud, por sua vez, não se preocupou em sistematizar o termo rituais como parte desta condição ou como um conceito, devido a isso, utilizou vários sinônimos para os atos repetitivos, descritos como atos compulsivos, gestos protetivos, sansões e juramentos (Freud, 1909/2013).

No trabalhos *“Atos obsessivos e as Práticas Religiosas”* (Freud, 1907/1996) o autor se refere as compulsões como rituais, a fim de aproximar esse campo psicopatológico de uma metáfora fundamental, considerar a neurose obsessiva um empobrecimento da dimensão religiosa, uma caricatura da crença que se subordina o adepto. Para o autor essa condição se dá pela dedicação que o sofredor tem às compulsões, da mesma forma que um crente entrega-se aos seus dogmas o neurótico obsessivo está para seus rituais.

Um dos casos que se destaca quanto aos fenômenos ritualísticos está no tratamento clínico conduzido por Freud no trabalho batizado como o *“O Homem dos Ratos”* (2013). O caso inicia-se com um jovem ex-militar que busca auxílio devido a estranhos pensamentos que constantemente acometiam-lhe a mente. Vale ressaltar que uma das características principais desses pensamentos era a sensação de estranheza e incoerência dos mesmos, envolvendo a temática da morte, sexualidade, violência, dinheiro e, claro, ratos, o que deu o apelido ao caso em destaque (Roudinesco, 1998).

Durante uma expedição no serviço militar, o paciente ouviu de um superior um método de tortura bastante violento que era praticado no oriente. Primeiro, colocava-se um balde com



um rato faminto nas nádegas de um homem. Depois, do outro lado do balde, era colocado um ferro quente para que o rato, sem opções, escavasse pelo ânus do indivíduo causando hemorragia interna e infecções. O rato morreria asfixiado dentro do corpo do torturado. Desse modo, pensamentos invasivos sobre ratos começaram a acometer a mente do jovem, relacionando o método de tortura a seu falecido pai e a uma mulher de sua estima (Freud, 1909/2013).

Posteriormente, o paciente de Freud, Lanzer<sup>1</sup>, perdeu seus óculos e para substituí-los fez um pedido de novos pares para seu oculista, que os enviou pelo correio. Na entrega do malote houve uma confusão sobre quem pagou a entrega. Logo, foi criada um sansão, um juramento. De maneira resumida, Lanzer teria que pagar a taxa dos correios ao Tenente A, aquele que supostamente pagou as despesas, ou, dentro de suas fantasias, o castigo dos ratos se concretizaria naqueles que mais amava (Freud, 1909/2013).

Alguns dos outros rituais foram destacados dentro desse mesmo trabalho. Em determinada situação, quando o paciente estava caminhando por uma estrada, avistou uma pedra no meio do caminho, e subitamente lhe veio a ideia de que, caso a pedra continuasse no caminho, a charrete da mulher por quem guardava estima iria passar, e logo, sua amada iria sofrer um acidente, por isso sentiu que devia removê-la do caminho, porém, percebendo o quão ridícula era a situação, voltou a pedra em seu devido lugar. Em outra situação, enquanto passeava de barco com a mesma mulher que alimentava grande estima, sentiu que precisava colocar um chapéu nela, pois, se não fizesse, algo terrível aconteceria. E, finalmente outro exemplo, quando um raio caísse, Lanzer precisaria contar o tempo até o som do trovão, caso contrário, novamente, algo terrível aconteceria, a quem amava.

Interessante perceber dentro dessa narrativa que nem todos os gestos compulsivos possuem recorrência na vida do paciente. Alguns deles são do campo do inédito, somente acontecendo uma vez, sem nunca mais o paciente precisar realizá-lo em outra situação distinta, porém, o que era permanente era a ambivalência da relação do amor e ódio daqueles de que tinha grande estima. Nos pensamentos de Lanzer havia sempre uma ameaça estava sobrevoando aqueles de amava.

Atos obsessivos seriam mecanismos retroativos, medidas protetivas contra conteúdos frente aos quais o ego não suportaria (Freud, 1909/2013). A neurose obsessiva é explicada, habitualmente, por três vértices dentro da malha psicanalítica clássica freudiana. Do ponto de vista dos mecanismos defensivos, relaciona-se a um deslocamento afetivo do conflito ideativo

---

<sup>1</sup> A identidade do "homem dos ratos" foi revelada em 1986 (Roudinesco, 1998).

original em direção a representações simbólicas mais tolerantes ao ego; pela pulsionalidade, trata-se de um conflito fruto de ambivalência afetiva, o estrangulamento entre o amor e o ódio, relacionada ao mesmo objeto e fixação na fase anal; e, finalmente, sob viés topológico, é uma tensão criada por um traço sadomasoquista dentro da relação entre o ego e um superego cruel (Pontalis & Laplanche, 2000).

Os rituais do neurótico, movimentos cujo sentido parece tão obscuro a um interlocutor, através da luz psicanalítica desvelam outros sentidos (Freud, 1909/2013). Assim como o conteúdo onírico, eles sofrem os mesmos processos do gesto do sonhar, o deslocamento dos afetos atrelados à formação simbólica para se tornarem mais toleráveis ao ego. Tal mecanismo se pauta inclusive através da dimensão lexical, o sentido da obsessão de Lanzer pelos ratos revela que eles são afetos inconscientes de animosidades resguardadas contra seu próprio pai e uma percepção crítica quanto às práticas de jogos de azar e dinheiro de seu progenitor, além disso, é síntese das questões do próprio paciente pertinentes à sexualidade precoce. Seu pai também surgia a ele como um impedimento da consumação da sua própria sexualidade.

Dentro desse trabalho clínico de Freud é fundamental que alguns pontos sejam salientados. A análise que o autor faz da vida instintual do paciente tem seu cerne aos 6 anos de idade e o início de sua vida sexual, sendo vítima da promiscuidade de suas próprias cuidadoras, suas babás. É neste ponto que o autor encontra o fulcro do adoecimento de Lanzer e foco dos conflitos edípicos com seu genitor.

Não existe dentro do registro do caso uma preocupação com a vida emocional mais primitiva do paciente, nota-se que somente 3 vezes durante toda a obra fala-se sobre a presença e a relação com sua mãe. Em pequenos trechos fica subentendido tratar-se de uma mulher, de certa forma adoecida. Ao investigar a questão da crença e presságios, característica marcante dentro do quadro neurótico, o autor irá destacar:

“Uma interessante raiz infantil de sua crença na realização de presságios e profecias mostrou-se na lembrança de que, frequentemente, quando se marcava um compromisso, sua mãe dizia: Não posso nesse dia; terei que ficar de cama”. E realmente ela ficava de cama naquele dia! (Freud, 1909/2013, p. 93).

Assim, os rituais são resoluções da dimensão lógico-cognitivas relacionadas aos pensamentos invasores. Em outras palavras, sansões são uma tentativa consciente de resolução de afetos dentro do registro inconsciente, inacessíveis ao sofredor, somente vislumbradas pelos pensamentos invasores, fissuras dessa condição inconsciente, porém causadoras de enorme manifestação ansiogênica.

Dentro do campo clássico freudiano, estruturam-se sob a égide do complexo edípico, o horror que tange o pensamento do paciente subordina-se ao medo da castração, a relação ambivalente de amor e ódio paira sobre suas relações objetais. Portanto os temores e as incertezas são percepções da insegurança que o sofredor sente, ao nível inconsciente, da impossibilidade de assegurar-se da qualidade do seu próprio amar.

Através do fulcro simbólico, o pensador Levi-Strauss (1975) irá debruçar-se sobre o fenômeno dos rituais, não dos pacientes neuróticos, mas dentro do campo da antropologia em diálogo com as contribuições psicanalíticas como possibilidade de cura. Assim, a legitimidade do rito, a sua eficiência ao iniciado, está intimamente ligada a um aspecto mágico-religioso acessado pela crença da pessoa em seus efeitos. Pode-se compreender que sua complexidade e composição relacionam-se diretamente à dramática à qual o ritual é consagrado. A exemplo, os índios Cuna, da República do Panamá, possuem um longo encantamento contendo quinhentos e trinta e cinco versículos, repleto das mais diversas gestualidades, cantos e materialidades, tudo isso para ter consistência em seu campo simbólico e ser útil em auxiliar mulheres que estão tendo dificuldades no parto.

Essa cerimônia ritualística convida a gestante a reparar aquilo que, a certo nível emocional, estava rebelando-se dentro de si e convergia cruelmente para seu o corpo, dificultando o parto. A rica materialidade de esculturas, das essências queimadas, dos representantes espirituais protetores conjurados e presentes, na confiança das palavras místicas do xamã, do ritmo dos feitiços, no poder das histórias narradas, assim, eficácia da cerimônia será garantida e juntamente a isso a certeza do sucesso do parto (Lévi-Strauss, 1975).

Dentro da dramática composta pelo encantamento haverá um confronto entre o xamã e os espíritos malignos, denominados de *Muu*<sup>2</sup> e suas filhas. Essas entidades roubam de um órgão adoecido! A cena vista no “*Caminho de Muu*” não representa unicamente um espaço místico. Literalmente, o xamã convida a adoecida a acessar questões físiopsicológicas relacionadas ao feminino, desde a experiência da concepção até o enfrentamento das dores do parto. Rituais, em sua constituição, podem possuir sentido análogo à terapia do analista. Enquanto o feiticeiro-xamã realiza a cura pelas palavras e gestualidade, o psicólogo utiliza sua escuta e interpretação. A criação da possibilidade de ressignificação de determinada experiência dentro do campo afetivo, outrora considerada intolerável, agora é acessada e revivida de forma suportável e

---

<sup>2</sup> A entidade maligna sobrenatural, no caso em questão, culpada por roubar o purba, a alma, do órgão adoecido da enferma (Strauss, 1975).

integradora. Este fenômeno no dialeto psicanalítico é compreendido, como *ab-reação* (Lévi-Strauss, 1975).

Um evento sentido como traumático quase sempre desencadeará uma reação. Essa reação pode ser da mais variada gama, como o choro, cólera, vingança, entre outras. A situação patológica cria sua tessitura quando essa reação não é o bastante para lidar com o *quantum* de afeto relacionado à memória traumática e, intolerável ao ego, é reprimido, então a pessoa adocece. A ab-reação é a possibilidade, por efeito catártico, de reeditar e objetivar o *quantum* de afeto reprimido por alguma forma de vivência de efeito terapêutico (Laplanche & Pontalis, 2001).

É possível observar que a égide das contribuições clínicas freudianas, assim como de Lévi-Strauss, pauta-se no campo das representações simbólicas atreladas à vida pulsional inconsciente na formação sintomática. Porém, o diferencial das duas abordagens consiste na égide sintomática que atingiu o sofredor, enquanto na perspectiva freudiana o responsável é o complexo edípico, a perspectiva de Strauss se distancia disso, ainda sendo convergente as dimensões inconscientes e pela demanda por nova significação.

A respeito do que tange a preocupação desta pesquisa, a percepção dos rituais neuróticos como formas do adoecimento do gesto criativos e do adoecimento do brincar, encontra enorme contribuição na perspectiva de Winnicott, que difere epistemologicamente das contribuições acima descritas, elas tem seus alicerces mais próximos ao campo experiencial, no encontro com o outro e no registro do porvir. Não se trata aqui de dizer que o homem é subordinado pela sua vida instintual que atravessa o ego, mas ao contrário, a própria vida instintual subordina-se ao *self* (Phillips, 2006). Nessa abordagem, que se distancia dos preceitos da pulsão de morte, é pertinente dizer que o ser humano é paradoxo, gesto criativo e alicerçado na transicionalidade, que são os espaços intermediários onde ocorrem o brincar, a experiência religiosa, entre tantos mistérios da vida humana (Safra, 2004).

Segundo Naffah Neto (2008) é possível encontrar dentro da teoria do amadurecimento emocional de Winnicott diversas contribuições para se refletir acerca da neurose obsessiva compulsiva. O fato de Winnicott nunca ter se aventurado dentro desta alcunha é fruto de sua modéstia. Suas contribuições se pautam nos estágios mais primitivos do desenvolvimento, sendo bases para os demais desvelamentos dentro da constituição humana, principalmente no que se tange o estágio de concernimento e a grande variedade de psicopatologias atreladas ao estado depressivo.

Na minuciosa busca realizada por Naffah Neto (2008) na obra de Winnicott sobre possíveis colaborações ao fenômeno da neurose obsessiva, destaca-se que, segundo a teoria do

amadurecimento emocional, a base da relação mãe-bebê e suas particularidades dentro dos processos de integração e amadurecimento do *self* dentro da fase de dependência absoluta e relativa estão atreladas a todas as formas de desfecho posterior do adoecimento neurótico, durante a fase edípica, a consolidação factual do adoecimento.

Essa é uma complexa visão sobre o adoecimento psíquico e a condição humana, pois as particularidades das experiências vividas em cada fase são eventos singulares e, assim como na construção de um prédio, a forma com que os alicerces se consolidam afetará toda sua estrutura.

Assim, não se trata de organizar o campo psicopatológico dentro de categorias como adoecimento neurótico, psicótico ou *boderline*, mas de compreender o evento humano dentro de uma perspectiva ampliada. “Naturalmente, em psiquiatria não existem fronteiras claras entre os estados clínicos, mas a fim de chegar em algum lugar, temos que fingir que existem” (Winnicott, 1961/1994, p. 53).

Winnicott (1956/1994) alegou que em casos de uma neurose obsessiva mais grave existirá um núcleo psicótico por trás de toda a constituição sintomática e, quando as defesas neuróticas falharem, esse núcleo eclodirá, cabendo ao terapeuta mudar sua posição a respeito do manejo clínico, dando lugar do campo interpretativo dos fenômenos transferenciais ao acolhimento e possibilidade regressiva. A regressão em situação clínica é possibilidade de reedição de uma falha ambiental dentro da tenra infância.

Em respeito as peculiaridades epistemológicas, um adendo deve ser realizado. O termo núcleo psicótico utilizado pelo autor refere-se na realidade a uma área não integrada dentro dos processos maturacionais da criança. É um ponto que:

“O fracasso ambiental neste ponto significa a queda para sempre do *self* não-integrado, e o afeto que corresponde a isto é uma ansiedade de intensidade psicótica. É aqui, mais do que qualquer outro lugar da análise, que o paciente tem de correr um risco a fim de progredir para a integração”. (Winnicott, 1956/1994, p. 26).

Em um caso acompanhado por Winnicott (1951/1975) é possível observar a obsessividade determinado gesto de uma criança. A importância na escolha deste caso está na possibilidade da contemplação do comportamento repetitivo presente em outras estruturas psíquicas, não somente nas tramas neurótico-obsessivas, mas também como gesto criativo e forma genuína de comunicação<sup>3</sup> de conteúdos emocionais.

Um menino de sete anos de idade apresentava comportamento repetitivo no brincar, sempre atrelado ao uso de cordas e cordões. Entre três irmãos, o paciente era o filho do meio, a

---

<sup>3</sup> Freud (1996) aponta que a trama do aprisionamento da cerimônia patológica encontra sua dissolução frente à luz da técnica psicanalítica, assemelhando-se, assim, à cerimônia religiosa, de caráter compartilhado.

mãe sofria de um quadro depressivo bastante grave e mediante ao nascimento da filha caçula diminuiu mais ainda os cuidados a ele ofertados, de maneira que essa vivência foi sentida pelo pequeno paciente de forma reativa. Durante o uso do jogo do rabisco<sup>4</sup>, ao desenhar laços, chicotes, cordões e derivados, destacou-se novamente a grande obsessão da criança no uso de cordões. Esse recurso material surgiu frequentemente em diversos momentos de sua vida como um importante aspecto de comunicação emocional. O paciente amarrava móveis e objetos com barbante, em determinada ocasião chegou até a amarrar o pescoço de sua irmã, inclusive utilizou cordas e barbantes para fingir seu suicídio, buscando alcançar espanto dos pais (Winnicott, 1951/1975).

[...] O cordão pode ser encarado como uma extensão de todas as outras técnicas e comunicação. O cordão reúne, assim como também ajuda a embrulhar objetos (...) o cordão possui significado simbólico para todos; o exagero de seu uso pode facilmente pertencer aos primórdios de um sentimento de insegurança ou à ideia de falta de comunicação. (Winnicott, 1951/1975. p. 36).

Em uma nota acrescentada em 1969 sobre o descrito caso<sup>5</sup>, Winnicott comenta que o fenômeno visualizado descreve uma cena em que a patologia ocorreu dentro da área dos fenômenos transicionais. Mesmo dentro dos cenários psicopatológicos, existe um aspecto que direciona a pessoa em busca da integração de si. Os fenômenos transicionais, como parte de um paradoxo não solucionável. São paradoxo, porque não são uma dimensão do registro do inconsciente psicossomático, criado a partir de componentes eróticos da infância ou da musculatura estriada, também, os fenômenos transicionais não são a realidade concreta. Eles são um “[...] *área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado* [...]” (Winnicott, 1951/1975, p.14).

O bebê encontra-se fundido a sua mãe. Ele a princípio não existe. É devido a uma sintonia corpórea da mãe as necessidades primordiais do bebê que vai permiti-lo vivenciar a experiência de continuidade de si. Neste estado fusional a criança terá, no campo da ilusão, a experiência de controle mágico onipotente do seio. É o que compreende-se como fase de dependência absoluta. É mediante ao amadurecimento emocional, que aos poucos, a mãe irá

---

<sup>4</sup> Procedimento projetivo expressivo de natureza gráfica, no qual o terapeuta se permite inserir como parte do ambiente oferecido à criança e através de participação ativa dentro do ato criativo do brincar, serve de facilitador para que aspectos subjetivos da criança possam vir a aflorar na forma de comunicação sincera ao analista (Abram, 2000).

falhar, de maneira que essas falhas não sejam sentidas pela criança como uma ameaça intolerável, mas mediante a isso, terá suas primeiras experiências de não ser, caminhando rumo ao que se compreende de fase de dependência relativa (Abram, 2000). Por volta dos quatro até aos doze meses de idade, a criança começará a experiências daquilo que provem junto ao amadurecimento saudável, que são os fenômenos transicionais (Winnicott, 1951/1975).

Durante um instante nos processos maturacionais, a criança irá ir de encontro com um espaço reconhecido por esta como não eu, neste instante a criança poderá preencher este local potencial fragmentos imaginativos que possui da sua interioridade, até então, e, em um segundo instante, ela irá selecionar um objeto que seja consoante com esses elementos internos. A criança irá criar um objeto transicional. Winnicott, denominará este objeto com o termo transicional, pois ele servirá de transporte para a jornada entre a subjetividade e a realidade concreta, compartilhada. E em um terceiro momento, que a criança espontaneamente deverá abandonar o uso deste objeto, que se pulverizará no devir, para assim habitar o mundo cultural, a realidade concreta (Safra, 2004).

Dentro da ótica winnicottiana (1951/1975) os atos, os sons que um bebê realiza, e em crianças com mais idade cantam um repertório de melodias antes de dormir, esses são gestos criativos aspecto dos fenômenos transicionais, assim como no uso de objetos, são gestos claramente concebidos como não originários da corporeidade da criança, mesmo que essa não possa os perceber como plenamente pertencentes a realidade concreta.

[...] talvez uma bola de lã, a ponta de um cobertor ou edredão, uma palavra ou uma melodia, ou um maneirismo – que, para o bebê, se torna vitalmente importante para o seu uso no momento de ir dormir, constituindo uma defesa contra a ansiedade, especialmente a ansiedade do tipo depressivo. (Winnicott, 1951/1975, p. 17).

A questão central dentro desta vinheta está justamente no aspecto de esperança que se resguarda dentro do jogo compulsivo. A esperança dentro das conjecturas de Winnicott (1987) diz respeito a um momento que pode ser sentido dentro do campo da transicionalidade, vivenciar este importante período, através das tendências antissociais, de um resgate, em outras palavras, poder reaver um ambiente de acolhimento e cuidado que há muito tempo conhecia e, por determinada vicissitude da vida, perdeu. Dentro da vinheta clínica destacada pelo autor, o jogo obsessivo diz respeito a esse tipo de fenômeno dentro do adoecimento do tipo depressivo.

Para Winnicott o caso acima citado fora um episódio em que o adoecimento neurótico ocorreu como rompimento dos fenômenos transicionais. Os fenômenos transicionais se ampliam a partir da experiência do brincar, do lúdico, para a possibilidade criativa como os

gestos artísticos, a espiritualidade, dos sonhos. Porém, isso nem sempre acontece, há também os caminhos patológicos que esses caminhos podem seguir, como os fetiches, a mentira e do furto, e no que tange o objeto desta pesquisa, “[...]o *talismã dos rituais obsessivos*[...]” (Winnicott, 1951/1975, p.19).

O que é fundamental dentro deste vértice são os fenômenos não sensoriais. De maneira resumida, dentro das contribuições de Winnicott é possível compreender que o trauma é tudo aquilo que obriga uma criança a reagir frente ao mundo (Dias, 2006). Dependendo do grau do desenvolvimento que uma criança já acarretou essa experiência a irá afetar de formas bastante distintas. Quando uma criança já possui certa apropriação de si, certo contato com o mundo, a experiência traumática, irá acarretar em uma sensação de ruptura da continuidade de ser, ou seja, “...o trauma é a destruição da pureza da experiência individual por uma demasiada intrusão súbita ou imprevisível de fatos reais, e pela geração de ódio no indivíduo, ódio do objeto bom experienciado não como ódio, mas delirantemente, como sendo odiado. (Winnicott, 1965/1994 p. 114).

Partindo do princípio dos fenômenos transicionais, Safra (2004) encontra no conceito *Sobórnost*, fundação comunitária da experiência humana, um terreno fértil para refletir, do ponto de vista ontológico, sobre a experiência humana. Esse conceito, oriundo da filosofia russa, significa comunitário ou reconciliação. Do ponto de vista ontológico, compreende que o ser humano se subjetiva sempre em constante contato transgeracional, com seus ancestrais, seus descendentes, sua comunidade e cultura. Dentro deste viés a metapsicologia e as representações simbólicas encontram-se subordinadas a experiência humana e os fenômenos não-sensoriais, o ser é aberto a questões ontológicas, fundantes de toda a humanidade.

Assim, para o autor, rituais são movimentos esvaziados de qualquer senso de transicionalidade, destituídos do sentido de *sobórnost*. Gestos constituídos dessa maneira aprisionam e restringem o desenvolvimento psíquico. Safra diferencia os comportamentos repetitivos da cerimônia, que é portadora de sentidos e significados. A cerimônia colocaria a pessoa em contato com o horizonte do amanhã, “é por meio da cerimônia que os grandes eventos do destino humano são experimentados em companhia de todos, alcançando dessa forma a possibilidade de serem transcendidos pelo homem.” (Safra, 2004, p. 47).

Safra apresenta vinheta de um caso clínico que havia acompanhado que retrata a questão. Uma criança de seis anos de idade foi encaminhada para a clínica com uma demanda, trazida pelos pais, de que ela tivesse uma forte identificação feminina. Era perceptível a forte questão envolvendo, dentro da dimensão da transgeracionalidade, a ausência das figuras paternas naquela dinâmica familiar. Depois de um consistente período de trabalho terapêutico,



o paciente, em determinada sessão, fez com duas madeiras o que seria uma cruz, cravou-a na areia e fez uma reverência de joelhos, em frente ao monumento que havia criado. Iniciou com gestos, barulhos como uma dança. “Quando se perguntou a ele o que fazia, respondeu que estava homenageando o pai, o avô e o bisavô.” (Safra, 2004, p.47).

Este campo cerimonial é farto de comunicação. Distante de uma apreciação dos rituais dentro de um registro patológico, que os afetos são enterrados na dimensão inconsciente, ou alguma forma de paralisação dos processos do desenvolvimento emocional, essa cerimônia convida o terapeuta a adentrar dentro dos domínios geracionais da própria criança, os gestos são preenchidos de sentido, o aspecto lúdico enriquece o cenário. Junto à presença do terapeuta o campo do masculino é acessado a fim de elaborar condições que se tornam pertinentes ao desenvolvimento emocional da criança, de força espontânea, sem perder seu idioma pessoal.

Segundo Safra (2004), a condição humana é marcada pelo paradoxo e pela instabilidade decorrente de ela estar situada entre o ser e o não-ser, vida e a morte, o eu e o outro<sup>6</sup>. No caminho rumo ao horizonte do amanhã existe o risco de se cair em fendas. A queda dessa travessia acarreta experiências de angústias infinitas, agonias impensáveis. Assim, um dos aspectos fundamentais para a sustentação humana em sua existência está na capacidade da pessoa de viver a esperança situada por meio de cerimônias.

Para Florensky<sup>7</sup> (2012) os rituais que contenham fé e esperança levariam a pessoa em direção à Verdade<sup>8</sup>. Safra (2014) encontra neste autor enorme contribuição para compor o pensamento clínico contemporâneo. A Verdade é um aspecto ontológico, e em sua polifonia, atrela-se a possibilidade humana de vivenciar dentro da sua própria singularidade no registro comunitário. Por um olhar fenomenológico para a condição humana, avesso a simplificações metapsicologias e ao manejo clínico somente baseado na busca pelo *insight*. Trata-se de uma abordagem que privilegia o campo da experiência no encontro clínico. Essa perspectiva visa reposicionar o *self* do paciente em estado de devir, ou seja, em direção ao futuro.

Desse modo, como o ritual, ao mesmo tempo em que parte da singularidade humana, não é meramente enunciado do conflito emocional marcado pelo passado do paciente, o ritual é também gesto criativo e tentativa de fazer-se presente e inteiro na dimensão do por vir e habitar um futuro.

---

<sup>6</sup> O Outro escrito com letra maiúscula na obra de Safra refere-se ao Outro-Sobórnost (Safra, 2006).

<sup>7</sup>De maneira bastante singular, convida a repensar a concepção humana, não pelo viés intrapsíquico/antropocêntrico, porém do ponto de vista que transcende a dimensão antropológica. Assim, compreendo que a relação e as tramas envolvendo os temas sobre a crença, fé, esperança são questão essenciais na compreensão do uso dos ritos e cerimônias no registro psíquico e na dimensão cultural.

<sup>8</sup> Verdade escrita com letra maiúscula encontrada como conceito na obra de Pavel Florensky. Ver bibliografia.

### 1.c - Justificativa da pesquisa

Estudar o fenômeno dos rituais no registro psicopatológico e criar um diálogo embasado na vivacidade da experiência clínica, e principalmente, por meio de contribuições psicanalíticas dos fenômenos transicionais, poder ampliar a compreensão e o manejo clínico deste quadro. A necessidade desta pesquisa está na possibilidade de conceber o gesto patológico como imbuído também da esperança; e, portanto, a reinserção do self no caminho do porvir.

### 1.d - O estado da arte – A psicanálise e rituais

A revisão bibliográfica realizada possibilita um vislumbre sobre o que está sendo produzido nos variados áreas do conhecimento sobre determinado tema. É movimento de contextualização dos esforços acadêmicos, reflexo das inquietações de um determinado período, ao mesmo tempo que norteiam investigações futuras. Para a exequibilidade da revisão sistemática, uma prévia organização deve ser enfatizada (Sampaio & Mancini, 2007):

Foi utilizada como bases de busca eletrônica a Biblioteca Virtual de Saúde - Psicologia Brasil (BVS-Psi)<sup>9</sup>, que integra quatro subdivisões: “Bases Bibliográficas”, “Bases em Textos Completos”, “Bases em Ciências da Saúde e áreas correlatas” e “Diretórios e Catálogos em Psicologia e Saúde”. A pesquisa também usou a plataforma eletrônica “scholar.google.com.br” e no Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBi):

**Quadro 1 – Resultado da revisão bibliográfica.**

| Identificação da base de dados                | Resultados | Resultados pertinentes a pesquisa |
|---|------------|-----------------------------------|
| Bases Bibliográficas                          | 0          | 0                                 |
| Bases em Textos Completos                     | 3          | 0                                 |
| Bases em Ciências da Saúde e áreas Correlatas | 12         | 2                                 |

<sup>9</sup> Acessível em: <http://www.bvs-psi.org.br/php/index.php>.

|  |                 |   |
|--|-----------------|---|
| Diretórios e Catálogos em Psicologia e Saúde | 0               | 0 |
| Sistema Integrado de Bibliotecas da USP      | 10              | 3 |
| scholar.google.com.br                        | X <sup>10</sup> | 1 |

**Quadro 1 – Trabalhos selecionados para a revisão da literatura segundo os critérios escolhidos.**

| Banco de dados                          | Autor  | Título   |
|---|--|--|
| BVS-Psi                                 | HASKY, F. (2007).                              | Do T.O.C. ao toque: efeitos de um trabalho psicanalítico.                          |
| Sistema Integrado de Bibliotecas da USP | MACEDO, A.C.;<br>BAIRRÃO, J. F. M. H. (2011).  | O reverente irreverente a espiritualidade em rituais de umbanda.                   |
| scholar.google.com.br                   | MANTOVANI, A.;<br>BAIRRÃO, J. F. M. H. (2005). | Psicanálise e religião: pensando os estudos afro-brasileiros com Ernesto La Porta. |
| Sistema Integrado de Bibliotecas da USP | RIBEIRO, M. A. C. (2001).                      | Um certo tipo de mulher/mulheres obsessivas e seus rituais.                        |
| scholar.google.com.br                   | SCATOLIN, H. G. (2013).                        | O Ritual obsessivo de ocultar facas: a religião individual de um neurótico.        |
| BVS-Psi                                 | VIDILLE, W. (2006).                            | Xamãs e os espíritos ancestrais.   |

Esta pesquisa prévia sobre as produções que relacionam os termos *rituais* e *psicanálise* revelam, no cenário acadêmico, pouco investimento teórico na relação entre ambos. As pesquisas, que surgiram, em sua grande maioria, não traziam concreta contribuição para a investigação proposta ou o material encontrado não estava mais acessível para consulta.

Apresento a seguir alguns artigos que parecem como modelos do que encontrei na bibliografia pesquisada:

---

<sup>10</sup> Por ser uma plataforma de busca ampla e não específica, não há limites para o número de resultados encontrados, cada vez mais se distanciando das palavras-chave inseridas.

A - Scatolin (2013). *O ritual obsessivo de ocultar facas: a religião individual de um neurótico*

O ritual dentro deste vértice pauta a partir das contribuições freudianas da neurose obsessiva como uma metáfora da religião individual e particular do sofredor. Dentro deste vértice dos processos de subjetivação humana atrelado as forças pulsionais inconscientes, o ritual é face do paradoxo, da ambivalência afetiva atrelada ao desejo e o temor, da impossibilidade de amar e odiar o mesmo objeto. Essas incontrolláveis pulsões que são direcionadas ao objeto também se voltam contra o próprio neurótico como um grande pavor obsessivo.

O autor analisa um paciente que desde pequeno tem o cerimonial neurótico atrelado a esconder objetos cortantes e perfurantes dentro de móveis ou em buracos na sua casa, objetos esses como facas, agulhas e lâminas. Outro aspecto do adoecimento está nos pensamentos invasores que lhe acometiam a mente do paciente, o medo de que uma lâmina o perfurasse pelo ânus e o pensamento que se não escondesse as lâminas o seu pai ou sua mãe iriam morrer.

O cenário familiar ao campo psicanalítico que o autor apresenta dentro do caso clínico é a da presença da figura do pai como representante superegóico, bastante rígido e autoritário. Esse progenitor trabalhava como roceiro e como barbeiro durante sua tenra infância. Ao nível simbólico as facas e objetos cortantes eram significantes deste pai, ao mesmo tempo, que simbolizavam outras formas de conflitos que eram intolerantes ao próprio ego. Ainda dentro das minúcias dos processos de subjetivação atrelados ao o complexo edípico, esconder uma faca suja de goiaba ou de margarina no cesto de roupas sujas também simbolizava o desejo incestuoso pela própria mãe.

O autor destaca haver ocorrido uma forte fixação das forças libidinais dentro da fase sádico-anal, momento este dentro da perspectiva psicanalítica que se atrelará ao controle e a agressividade. Outro aspecto destacado sobre a personalidade do paciente é o animismo, sendo uma pessoa que acredita piamente nas forças sobrenaturais, poderes psíquicos, vida extraterrena, entre outras coisas. A crença é um ponto fundamental ao adoecimento neurótico e é através deste princípio anímico que o sofredor tentará investir contra as pulsões que não um mistério para si mesmo.

Este trabalho salienta que a formação do ritual é atrelado ao mecanismo simbólico do deslocamento, assim como nos sonhos (Freud, 1909/1919), os rituais são compostos como manifestação sintomática do conflito inconsciente que tem seu sentido deslocado para componentes mais tolerantes ao ego. Apesar disso, um campo bastante destacado dentro do

desenvolvimento do artigo é o sofrimento atrelado ao aprisionamento ritualístico que o sofredor encontra-se, se ver obrigado a realizar determinado gesto para angariar alguma forma de bem estar, a constante sensação de estar vivenciando o inferno na terra.

Todas as vezes que briga com seu pai volta verificar se as facas estão em seus esconderijos. Ao verificar que as facas estão guardadas o sentimento de culpa desaparece, momentaneamente. Outro aspecto fundamental defendido pelo autor neste caso está na função de isolamento dos pensamentos intoleráveis que os rituais obsessivos se validam. Mediante as agressividades contra os pais, ao desejo pela mão, ao desejo incestuoso de ser penetrado pelo pai, os rituais se manifestam como forma de anulação momentânea desses conflitos.

B - Hasky (2007). *Do T.O.C ao toque: efeitos de um trabalho psicanalítico*

Este trabalho aprofunda-se na possibilidade de humanizar o quadro patológico que um neurótico obsessivo vive, iniciando através de uma mudança do paradigma psiquiátrico ao psicanalítico.

O caso clínico que guia a investigação é de Maria. A paciente toda vez que andava pela casa era obrigada a dar uma espiada pela janela da sala. Não dormia durante um período específico, das onze horas até a meia noite, assim como não conseguia deitar se a luz da sala estivesse acesa. Durante os jogos do Botafogo, o clube de futebol, a paciente também era obrigada a sentar na poltrona que era de seu pai. Outro ritual que a paciente apresentava era a respeito das roupas que usava durante os dias da semana, para cada dia da semana precisava usar uma cor específica. Também se via compelida a fechar sempre a tampa do vaso sanitário, beber no copo que pertencia ao seu irmão e ter um canto específico para sentar-se no sofá.

Dentro do campo contratransferencial, a vergonha era aspecto sempre presente nesta paciente e somente realizava seus ritos dentro de sua casa. A paciente tinha um relacionamento muito turbulento com seu irmão. Não se sentia reconhecida por ele, assim, suas brigas eram uma constante. Sentia de certa forma alguns dos seus rituais eram gerados para implicar com o mesmo, como o ritual de não dormir com a claridade que vinha da luz da sala, pois seu irmão estava acordado, assim como o ritual do canto específico do sofá, uma forma de exigir um local para si dentro da dinâmica familiar.

Os rituais contam uma historicidade entre a paciente e o seu irmão, por trás de suas cerimônias havia um conteúdo de angústia ligado a ele. Sentia-se constantemente defendida em

relação ao seu irmão, sempre pensando em seus atos e críticas, e para lidar com tal situação, ela tentava se distrair com o supérfluo e também utiliza seus rituais.

A paciente em questão também estava bastante atrelada a outras problemáticas da dinâmica familiar. Alegou que começou a utilizar os rituais no mesmo período em que seu pai foi despedido. Durante esse período sentiu-se impotente para auxiliar sua família, a partir disso, começou a desenvolver manias e com a melhora da condição da sua família, começou a crer que tinha relação.

Outro aspecto fundamental destacado da paciente é seu controle. Sempre muito rígida, controlava seus passos e inclusive coisas casuais do dia seguinte, como a escolha das músicas que iria ouvir. A paciente em questão também tinha uma forte sensação de não ter espaço dentro da relação familiar. E além das relações familiares a paciente se recusava a adentrar dentro de sua sexualidade, encarando este campo no aspecto do proibido, do vulgar e do vexatório.

Como muito jovem, ela não encontrava seu espaço dentro da sua própria família, assim, suas manias são construídas como forma de comunicação perante a dinâmica familiar. Do ponto de vista da metapsicologia freudiana, os sintomas possuem um ganho secundários, ser o centro da atenção dentro da dinâmica familiar, atingir seu irmão, e se afastar de uma rotina de encontros, que seria típico de uma jovem. Os seus sintomas lhe dão certo gozo, este substituto da dimensão da sexualidade.

C - Macedo & Bairão (2011). *O reverente irreverente a espiritualidade em rituais de umbanda*

Este trabalho psicoetmológico adentraram nos domínios dos rituais umbandistas em busca de analisar o chiste dentro de sua composição e dialogar de uma forma que contemple a polifonia dos sentidos atrelados a prática religiosa e a subjetividade humana.

Para os autores, os rituais dentro do vértice psicanalítico possuem diversos sentidos subjacentes a sua própria forma. Em convergência com as colaborações de Lacan, existe um Outro dentro da formação ritualística, porém esse Outro não deve ser analisado de forma a reduzir o fenômeno do ritual. A questão central desta abordagem está na possibilidade de adentrar dentro dos próprios sentidos do ritual em relação ao seu iniciado e na polifonia dos sentidos e expressões da subjetividade.

O inconsciente é o campo do não-dito, nos termos discursivos, é uma parte obscura do diálogo perdido, e é justamente essa parte faltante que se expressa dentro do rito e nos diálogos

conjurados. Dentro dessa concepção os rituais não são somente uma manifestação sintomática, retroativa, defensiva, mas são também expressões do Outro.

Os rituais dentro desses cenários são variados, os rituais de possessão, rituais de magia negra, de macumbaria e cura. Os rituais dentro deste vértice possuem, dentro de sua própria mística, sua magia, uma eficiência atrelada ao movimento das catexias atrelado e alívio das tensões, bastante semelhante as contribuições de Lévi-Strauss (1975) a respeito da função dos rituais antropológicos através da ótica psicanalítica. A questão central desta análise está na eficiência simbólica que os rituais possibilitam um movimento de ab-reação dos conteúdos internos do iniciado.

Existe dentro deste trabalho uma cuidadosa forma de análise para evitar reduzir as práticas ritualísticas no campo social a mera fragmentação psicanalítica. Respeitando a função dos rituais como cenário religioso, junto aos ancestrais espirituais, a magia, o sobrenatural, as narrativas, a materialidade cerimonial, os encantamentos e as entidades umbandistas. Os rituais são formas de interação com as entidades que habitam o campo do além, são a ponte para adentrar dentro dos mistérios, dimensão essa que não existe dentro da concepção racionalista e nem passível de interpretações reducionistas.

D – Mantovani & Bairrão (2005). *Psicanálise e religião: pensando os estudos afro-brasileiros com Ernesto La Porta*.

Este trabalho psico-etnográfico buscou desvelar o campo simbólico atrelado aos sentidos inconscientes atrelados em rituais da cultura afro-brasileira. Porém, a noção de interpretação dentro deste trabalho diverge com as concepções clássicas psicanalíticas, o campo das representações não é dado priorizando o modelo clássico, mas sim, no sentido subjacente do campo dos próprios iniciados. O autor se baseia nas contribuições de Ernesto La porta para realizar sua pesquisa.

Os rituais dentro deste trabalho possuem alguns campos fundamentais no que tangem o diálogo com a teoria psicanalítica, os rituais enquanto função, sua relação com a possessão, como possibilidade de cura e o campo simbólico. A contribuição singular desta perspectiva está no momento, os conteúdos desvelados revelam algo da condição presente da cerimônia ritualística, dentro da efervescência do presente instante. As cerimônias possuem seus significados ocultos e eles aguardam por revelações. Essas expressões não tratam unicamente

dos conflitos individuais, em alguns momentos condições fundantes de toda a filogenia humana surgem perante o observador.

Simplesmente reduzir os eventos observados a fenômenos psicológicas é um reducionismo da dramática vislumbrada. É um encurtamento de toda a dimensão do oculto, e ignora toda a questão sócio-cultural que é palco da subjetivação humana. Muitas vezes, meramente atribuir significados no nível das representações aos fenômenos ritualísticos é um empobrecimento do fenômeno, na realidade, é um afastamento dentro do campo experiencial daquele que vivencia o rito.

Dentro do campo central das ideias encontradas neste trabalho está a preocupação da redução dos fenômenos religiosos a meramente experiências psíquicas, trocar o plano existencial do evento, do religioso ao psicológico irá quebrar a possibilidade de compreensão da dramática, um esvaziamento do sentido do fiel e um empobrecimento do campo experiencial.

E - Ribeiro (2001). *Um certo tipo de mulher/mulheres obsessivas e seus rituais*

Ribeiro (2001) através das contribuições psicanalíticas de Freud e Lacan analisa de forma criativa o adoecimento neurótico obsessivo em mulheres mediante aos atravessamentos contemporâneos do modo de subjetivação feminino. Para a autora o índice de caso de neurose obsessiva em mulheres é algo que tem se ampliando. Existe aproximação da concepção da estrutura neurótica obsessiva com a histeria.

A mulher obsessiva, devido ao empobrecimento de um significante que sustente o feminino, é menos suscetível ao falo descendente da falta do Outro. Assim, destacando a ideia original de Freud sobre a neurose obsessiva herdeira da fuga da castração e consequência estrutural disso, é mais religiosa, dentro deste vértice, aprisionada ao significante. Suscetível então aos mecanismos metonímicos, vivendo sob a égide das suas próprias compulsões.

Dentro de um ponto de vista que prioriza a pulsão de morte, a mulher obsessiva se subjugua aos remédios para poder dormir e a tamponamento de todas as condições emocionais insuportáveis ao desejo de um corpo perfeito. A impossibilidade do gozo está em questão, a vida pulsional inconsciente é fundamental, ou melhor, a impossibilidade de acessá-la. A experiência clínica da autora salienta duas condições recorrentes em mulheres neuróticas obsessivas se destacam, a frigidez e a nulidade de sua própria sexualidade. A mulher neurótica deixa o seu desejo ser contrabandeada pelo outro, delegando sua própria potencialidade.



Os rituais apresentados dentro deste vértice contêm um sentido paradoxal, ao mesmo tempo manifestações inconscientes pela busca do gozo são também atos punitivos oriundos da culpa. A autora em diálogo com as contribuições de Lacan destaca que o jejum, a automutilação, o sacrifício de si, as penitências são todos exemplos de rituais dentro do que se concebe psicanaliticamente falando como masoquismo.

Segundo Ribeiro (2001) existe um ponto de contato entre a estrutura histérica e a condição neurótica em mulheres, o corpo é parte da manifestação sintomática. A autora se embasa na teoria freudiana e alega que toda condição obsessiva aparenta ter seu fulcro na sintomática histérica que se alteraram em alguma fase bastante primitiva. Com ênfase na vida sexual, salienta que um cenário sexual vivenciado de forma passiva e angariado certo nível de prazer semelhante a estrutura histérica.

Dentro deste trabalho autora não enfatiza o uso de rituais em si, mas sim, a obsessividade que atravessa os processos de subjetivação do feminino a respeito das demandas à elas culturalmente atreladas, o corpo perfeito e o culto ao mesmo, estar sempre feliz e a necessidade de intervenções medicamentosas e nunca respeitar seus próprios limites em prol a dinâmica familiar.

#### F - Vidille (2006). *Xamãs e os espíritos ancestrais*

Este trabalho buscou uma intersecção dentro do campo da antropologia e da psicanálise para a compreensão das crenças, doenças e seus tratamentos em tribos indígenas na Amazônia. Os rituais surgem neste vértice dentro da dimensão da crença e da magia. Os rituais são movimentos anímicos, dentro das contribuições de Freud (1907/1996), manifestação gestual dos investimentos do iniciado de relacionar-se as potências místicas que envolvem o modo de vida dessas tribos. Os rituais xamanistas possibilitam os fenômenos de cura, o enfrentamento das entidades espirituais que atravessam o sofredor, entre outros efeitos.

A construção ritualística tem de ser realizada mediante a compreensão do iniciado. Fundamentalmente, todos os participantes devem ser envolvidos. Sua eficiência está atrelada no seu campo simbólico harmônico aos iniciados. Eles sintetizam toda uma historicidade de um grupo, de uma tradição.

Uma interessante contribuição deste trabalho está que os mecanismos de cisão e identificação projetiva fazem parte da eficácia do rito. O autor compreende os rituais a partir de

um viés psicanalítico que vai das contribuições kleinianas dos mecanismos esquizoides até as freudianos e a vida anímica dos povos primitivos.

Através da vivência de rituais de cura das tribos tukâno e wanâna os rituais são substitutos de uma mãe suficientemente boa, o acolhimento e o envolvimento dos pajés têm como pano de fundo essa função, enquanto dramatizam as cerimônias ritualísticas através da separação simbólica daquilo que é considerado como mal de dentro do iniciado. A encenação do iniciado vomitar objetos malditos ou mesmo pele humana simboliza o mecanismo de cisão e projeção. Em suma esse trabalho buscou utilizar-se de várias linhas psicanalíticas para compreender e analisar os rituais como forma de manejo terapêutico em tribos indígenas.

#### 1.e - Discussão do estado da arte

Utilizando os termos que foram discriminados para a realização desta pesquisa “*Rituais*” e “*Neurose obsessiva*”, nas bases de dados pré-determinadas, somente três dos trabalhos encontrados falavam diretamente sobre o tema escolhido, Ribeiro (2001), Hasky (2007), Scatolin (2013). Esses trabalhos desenvolvidos utilizavam uma vinheta clínica e buscavam contribuições clássicas psicanalíticas para salientar a etiologia dos rituais neuróticos baseadas na ambivalência afetiva direcionadas a determinado objeto. Dentro da teoria das pulsões, uma fixação na fase sádico-anal e a manifestação sintomática como expressão de conteúdos cindidos ao nível do inconsciente.

O trabalho de Ribeiro (2001), porém, traz uma nova consideração. A autora com grande sensibilidade construiu uma aproximação entre os fenômenos neuróticos e o histerismo através de sua própria percepção clínica e dos modos de subjetivação contemporâneo, ela dialogou com contribuições da linha Freud à Lacan.

Os trabalhos de Macedo & Bairrão (2011) e Mantovani & Bairrão (2005) trazem diferentes colaborações do que classicamente se encontra no campo psicanalítico. Com enorme sensibilidade e respeito, os autores buscaram desvendar os rituais no campo cultural-religioso em diálogo com os mecanismos presentes em situação clínica. Através de pesquisas que metodologicamente se pautam na psicoetnografia, esses trabalhos realizam uma imersão dentro dos rituais cerimoniais religiosos de origem africana. Assim, fazem ligação direta com a teoria psicanalítica no que diz respeito do funcionamento pulsional e das catexias envolvendo os iniciados em rituais cerimoniais. Aqueles que passariam por rituais teriam a possibilidade de

viver a ab-reação de conteúdos a muito tempo truncados através das práticas cerimoniais. A eficácia desses movimentos estaria no mundo simbólico que envolve o iniciado.

Vale destacar que o autor dentro do campo antropológico que mais se apresenta pertinente ao tema da investigação é Levi-Strauss (1975) e tem influência perceptível nos trabalhos de Macedo & Bairrão (2011) e Mantovani & Bairrão (2005), quando afirmam que os rituais são possibilidade de ab-reação de conteúdos traumáticos sublimados através da gestualidade e materialidade do rito nos fenômenos do campo simbólico representacional.

Pode compreender por meio desta revisão que os temas rituais neuróticos e psicanálise são pouco tratados nas pesquisas acadêmicas. No que tange a preocupação desta pesquisa, somente três dos trabalhos investigaram o fenômeno que me interessa utilizando-se do vértice teórico freudiano.

## 2 - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS: DA HERMENEUTICA ÀS NARRATIVAS CLÍNICAS

*And now they were scattered, and shared only the rituals of mysteries that none living could understand  
- Lovecraft, H.P. – The Festival*

### 2.a - A hermenêutica e a investigação em psicanálise

A psicanálise, assim como a psicologia, são frutos originalmente de um projeto de conhecimento vinculado às ciências positivistas, assim como eram a própria biologia e a física. Havia uma necessidade no campo da psicologia em sua época de consolidação para que se configurassem como verdade e, logo, subalternas às condições científicas da produção positivista. Neste período, o psiquismo era concebido por uma lógica consoante às ciências exatas, a lógica da razão, e aos princípios da reprodução da experiência observada, ou à lógica do controle dos eventos naturais (Safra, 2004; 2006).

Porém, essas condições são inóspitas ao evento humano, pois o que é funcional à confecção científica das ciências exatas não é pertinente às humanas. Primeiramente, no que diz respeito à universalização de uma teoria, o campo das ciências exatas se vangloria de uma teoria que a tudo se aplica em determinado fenômeno, entretanto essa concepção não deve ser aplicada ao evento humano, pois é um pensamento cego diante dos fundamentos da experiência humana, que demandam uma abordagem do método clínico que possa contemplar as necessidades humanas fundamentais, a abertura para o inédito, as variadas facetas do sofrimento e da dramática existencial (Safra, 2006).

Assim, dentro das ciências humanas é insustentável buscar o conhecimento em uma única perspectiva universalizante, onipresente, um saber que se sobressai aos demais, partindo de um ponto singular para todos os outros contextos existenciais. As experiências com as ciências naturais, dentro de suas próprias especificidades, não devem ser aplicadas para os demais campos do saber, como as ciências sociais. Em outras palavras, a verdade produzida pela vida é ulterior à verdade produzida pela ciência (Gadamer, 2003).

Gadamer indaga a concepção do fazer científico oriundo das ciências físicas aplicada ao campo das ciências humanas por meio das contribuições de Heidegger. A pessoa não é

composta somente por razões, técnicas e racionalidade, mas também por emoções e pelo sentir. A experiência do pesquisador sobre um tema não deve ser isolada para se fazer ciência, pois é a base para que uma investigação aconteça (Palmer, 1969). A disponibilidade para a compreensão é originária da condição humana.

A psicanálise, e particularmente a interpretação dos sonhos é uma forma de hermenêutica; todos os elementos de uma situação hermenêutica estão nela contidos: o sonho é um texto cheio de imagens simbólicas, e o psicanalista usa um sistema interpretativo para produzir uma exegese que traga à superfície um significado oculto. (Palmer, 1969. p. 52).

Segundo Palmer (1969), citando uma alegação do filósofo Dilthey, a palavra chave para se realizar pesquisas no campo das ciências humanas é a compreensão, enquanto na dimensão das ciências exatas é a explicação. Dilthey compreende que nos estudos em ciências humanas não se deve reduzir a entidade humana a um mero número, uma explicação.

A palavra hermenêutica origina-se do verbo *hermeuein* e o substantivo *hermeneia*, que significam respectivamente, no grego, interpretar e interpretação. O termo também deriva do nome Hermes, o mensageiro, uma entidade pertencente ao panteão de deuses gregos. O deus poderia tornar compreensível tudo aquilo que fosse ininteligível à capacidade do homem. Segundo a mitologia grega, esse foi o deus responsável pelo desenvolvimento da linguagem e da escrita (Palmer, 1969).

Na etimologia grega, os termos *Hermeuein* e *Hermeneia* possuem três fundamentais significados em seus sentidos originais. O primeiro deles é expressar algo em voz audível, em outras palavras, o ato de expressar-se. O segundo é o campo da explicação, a preocupação de criar uma forma de compreensão ao interlocutor das origens do evento que se estuda. E a terceira dimensão é relacionada à tradução, no sentido semelhante ao ato de converter um idioma estranho para outro. Esses três aspectos estariam presentes no ato de interpretar. Portanto a hermenêutica é um campo polifônico: supõe uma tradição oral, um campo explicativo e a transformação através da compreensão daquilo que se observa (Palmer, 1969).

A hermenêutica retoma a noção de que a palavra escrita possui certa perda da potência da palavra em si. Aqui se destaca o aspecto da performance, realizada no gesto da interpretação, assim como um maestro faz ao reproduzir uma peça clássica. O cerne da questão é que para se encenar algo é necessário se adentrar ao fulcro da experiência em si. As palavras não possuem somente o registro discursivo, pois buscam apresentar campos e caminhos que facilitem a compreensão. Um ponto epistemológico bastante significativo para a concepção da hermenêutica como método de investigação deve ser salientado: diferente da herança

positivista, que busca uma objetividade, na hermenêutica a personalidade do investigador é fundamental (Palmer, 1969).

Segundo Palmer (1969), aquele que deseja investigar literariamente uma obra deve, antes de tudo, ter consciência de quais são intuições e opiniões prévias sobre determinado tema. A vivência do pesquisador sobre determinado tema o guiará através das obras literárias, ou de qualquer outro campo a ser investigado, a pedir pelo esclarecimento. Em outras palavras, o saber somente nasce como uma síntese do encontro entre o universo do pesquisador com o universo da obra pesquisada. A síntese entre o pesquisador que mergulha e o mistério de um evento é marco essencial.

Dentro do campo psicanalítico, a hermenêutica na situação clínica é ponto fundamental, foco do trabalho clínico proposto por Safra (2006a) frente a uma problemática contemporânea do adoecimento humano que é tratado como mero objeto, assim como a questão científico-acadêmica do desaparecimento do singular, do inédito, da personalidade dentro das produções científicas em prol a um excesso teorizante. O gesto de compreender encontra-se no campo da experiência e originária da própria natureza do homem.

## 2.b - A vinheta clínica como procedimento metodológico

Segundo Fernandes (2009), a palavra vinheta origina-se da palavra francesa *vignette*, que significa uma vinha pequena. Este é um elemento que remete historicamente à Idade Antiga, onde a vinha tinha o sentido de ser metáfora do plano divino, ao mesmo tempo que podia ser uma sofisticada peça decorativa. Lajo (1990) assinala que na etimologia francesa o termo significa uma história pequena, um recorte delimitado que destaca um momento dentro do espaço-tempo.

Segundo Magtaz e Berlinck (2012), a prática de relatos de casos em psicopatologia médica é algo comum, possibilitando as mais variadas formas de se apropriar do fenômeno em questão. Desde o uso de longas e minuciosas descrições sobre o paciente, até os recortes mais sucintos, como são as vinhetas clínicas. De qualquer modo, considera-se que se trata de uma prática válida e fundamental na produção do saber científico.

Em sua época, Freud encontrou um grande obstáculo ético-metodológico na abordagem psicanalítica quanto ao modo de transmissão de suas experiências. Para o autor, o cerne dos conflitos do neurótico encontra-se no campo da intimidade do analisando, e expô-la ao público era tarefa bastante controversa para ele (Magtaz & Berlinck, 2012).

Outro aspecto fundamental para a pesquisa em psicanálise está na postura do analista-investigador perante a técnica. Dentro do campo psicanalítico é recomendado que nenhum trabalho clínico seja realizado enquanto o tratamento estiver em andamento, pois o princípio fundamental do trabalho estaria na atenção flutuante. A preocupação seria que o pesquisador abandonasse a atenção flutuante, em prol de um foco escolhido, a priori, na situação clínica, unicamente para comprovar alguma teoria (Magtaz & Berlink, 2012).

Por outro lado, Lacan não se interessava pelo registro do histórico pormenorizado do paciente. A crítica que esse autor fez é de que, muitas vezes, o aprofundamento do tipo memorial do caso poderia vir a se tornar prolixo. O interesse deste autor estava fundamentalmente no fulcro do caso, na marca, o cerne do que destacaria sua singularidade e seu paradigma (Siqueira & Queiroz, 2015).

As vinhetas em consonância com a perspectiva fenomenológica devem guiar o pesquisador, ou melhor, através do contato entre o universo interno do pesquisador com aquilo que se desvela frente a ele uma nova realidade se cria. Essa é a questão central da hermenêutica aplicada ao fazer científico. A vinheta, o recorte experiencial da vivência clínica é o sol que guia a produção científica. Dentro da Perspectiva Inversa proposta pelo pensamento clínico de Safra (2014) ampliado pelas contribuições de Florensky (2012), a vinheta não deve ser tratada como um recurso metodológico utilizada meramente com a finalidade de destacar uma teoria já consagrada, através do campo experiencial do próprio pesquisador, deve ser porta de abertura ao novo, ao inédito e ao mistério. É uma questão ética a possibilidade da eclosão da singularidade dentro da dimensão clínica.

## 2.c - Das vinhetas clínicas às narrativas

Segundo Herrmann (2006), a psicanálise ocuparia um lugar entre a Filosofia, Psicologia, Medicina e Literatura. O objeto da psicanálise não seria o homem concreto, mas sim o homem psicanalítico. Este habitaria o espaço transferencial, multifacetado, desnuclear e polifônico, que emergiria por meio das rupturas dos campos do saber, surgidas das apreciações durante as sessões clínicas, como se mostraria por meio do sinistro, o inédito e o estranho.

Poder-se-ia alegar que o homem psicanalítico é um ser da ficção, mas não ficção como sinônimo de mentira ou algo ilusório, porém ao nível do desconhecido, especulativo, fragmentado, de um conhecimento variável e mutante, não sendo um fazer cientificamente

empobrecido. A ficção psicanalítica seria mais apropriada para a apreciação da condição humana do que as oferecidas pelas ferramentas da ciência positivista (Herrmann, 2006).

Freud antes de ser um analista, conferencista, professor foi fundamentalmente um escritor. O pai da psicanálise foi um grande escritor de ficção, não fazendo uma comparação com o gênero literário, mas a qualidade das histórias clínicas desenvolvidas é incontestável, e é exatamente compreendendo a noção de ficção como possibilidade de abertura para o desconhecido, que o autor pôde mergulhar condição humana adentro, em direção à singularidade que habita em cada um de nós. Suas conjecturas sobre o aparelho psíquico, cultura e a sociedade dão forma a um notório conjunto dessa ficção especulativa (Herrmann, 2006).

[...] ficcional não significa falso, nem mesmo cientificamente menor, mas inserido num tipo de verdade peculiar à literatura, que é em geral mais apropriada para a compreensão do homem que a própria ciência regular. Ficção é uma hipótese que se deixou frutificar até as últimas conseqüências [...]. (Herrmann, 2006, p. 18).

O método psicanalítico utiliza-se do discurso produzido pela narrativa do paciente a qual cria uma forma de verdade única e singular a cada pessoa. Esta verdade é criada dentro do campo transferencial entre o paciente e o analista. Essencialmente, a tarefa do analista é, através de uma escuta sensível, acolher estes conteúdos, destacar e escrever os contornos dos afetos e desejos do paciente (Mendes & Próchno, 2001).

Compreendemos que tecer narrativas é possibilidade do resgate da personalidade frente a um movimento de despersonalização dentro da produção acadêmica. É movimento consonante tanto ao próprio estilo de Winnicott e seu jeito de produção científica onde “Em seus próprios escritos ele cita seus pacientes com mais expressividade do que cita textos consagrados” (Phillips, 1988, p. 48). O próprio jeito de Winnicott de produzir cientificamente, priorizando a experiência humana, o contato com o outro, e após escrever aquilo que ele achasse pertinente, preocupar-se com o que do campo teórico ele havia “roubado” de outros autores, demonstra o cuidado com o evento humano acima dos excessos de teorização.

Essa mesma preocupação é possível notar dentro da produção de Safra (2006a) no campo científico, onde existe uma constante atenção com o desaparecimento do sujeito dentro das pesquisas científicas. Essa questão não se trata meramente do minguar da primeira pessoa do singular/plural dentro da escrita científica, vai muito mais além. A pesquisa científica, como parte do gesto criativo, pode ser vista como fenômeno possível do campo da transicionalidade, da poética e do mistério, porém, para que o inédito venha a surgir, é necessário que haja uma personalidade que o acolha e o dê boas-vindas.



Ainda sob a ótica de Winnicott, a questão vai mais além, a tessitura de narrativas poderia posicionar a vinheta-ficção no campo da transicionalidade, pois a ficção acontece como experiência de ilusão, a qual comporta a interface do real e do poético, como jogo, que possibilita o devir do processo criativo e investigativo no horizonte da investigação da situação clínica (Safra, 2006c).

Assim, as narrativas como ferramenta metodológica para a investigação científica não diz respeito unicamente do posicionamento da primeira pessoa dentro de um trabalho científico, as narrativas são a fusão entre o psicanalista e o paciente, mais do que isso, é comunhão das historicidades que atravessam as vicissitudes de cada um e as coloca em movimento, elas são algo novo, fruto do encontro que cria um terceiro elemento repleto de vida, aspecto esse que não possui mais um dono, de um ou do outro, é novo elemento em devir, pois esse amalgama é força em continuidade de ser manifesta por esta natureza de comunicação (Granato, 2004).

Por esta razão, a hermenêutica na situação clínica, por meio do uso de narrativas clínicas, parece possibilitar a pesquisa clínica significativa, pois contempla dimensões fundamentais da condição humana. A narrativa é tessitura do encontro com o outro, o próprio encontro já é transformação e a própria transformação gesto criativo onde diversos campos se mobilizam e refletem-se frente ao pesquisador. O ato de transcrevê-los pede por uma porosidade da alma, e justamente isso é a hermenêutica na situação clínica.

#### 2.d - Os nomes dos protagonistas das crônicas e a mitologia grega

O cuidado é parte fundamental, tanto na experiência clínica quanto na escrita científica, assim, para preservar a identidade dos pacientes envolvidos, os nomes foram alterados, mas a escolha dos nomes batizados não foi meramente aleatoriedades, esse movimento fez parte da condição contratransferencial que nos afetou, os paradigmas enfrentados e vivenciados junto aos pacientes nos surgiram como referenciados dentro dos grandes clássicos gregos.

Ainda, para Ricouer (2013) o mito tem sua função primordial dar sentido a uma condição humana inacessível a ele. Os eventos ontológicos, como do registro do cósmico, atravessam toda a humanidade, são alicerces de toda a subjetivação humana, e para a compreensão do mesmo, descem ao campo do poético e do psiquismo como onticos e assim, compreensíveis.

Segundo Migliavacca (2002), mitos são grandes paradigmas da condição humana, em sua gênese, são formas de elaboração psíquica de toda uma população específica que através

do conto narrativo atravessam o tempo. Assim, a própria existência dos mitos é consonante ao gesto hermenêutico e propícia ao intuito desta pesquisa.

“O homem observa a natureza e observa-se. Uma vez que é um ser inquiridor, pergunta-se sobre o sentido do que observa e busca respostas. Os mitos teriam sido o resultado primeiro desse processo. Eles seriam as mais antigas respostas dadas pelos homens para compreender os fenômenos observados”. (Migliavacca, 2002, p. 2).

Assim, essa seria uma questão fundamental dos mitos, dar sentido a condições de difícil compreensão, eles afastam o homem do medo daquilo que não conhece. Porém, o mito não se resguarda somente no sentido racional do homem, eles são manifestação de componentes daquilo que é mistério, ou seja, é possível compreendê-los como entraves de aspectos que vão além do consciente.

Além disso, os protagonistas dos mitos, os heróis, não são um ser divino, porém também não é humano, ele é um ser intermediário, como aquele que se subordina a uma vivência, uma epopeia. “O herói, de certa forma, retrata a experiência do sofrimento no desenvolvimento humano e sua grandeza está justamente nas condições de enfrentamento e superação das consequências de seus atos, que lhe cobram altos preços.” (Migliavacca, 2002. p. 3). Assim, no encontro do paciente com o terapeuta, na construção de narrativas, surgiram os protagonistas de suas dramáticas pessoais, eventos de dor e superação evidenciados, formando uma jornada, uma epopeia.

### 3 -NARRATIVAS CLÍNICAS

#### 3.1- OS RITUAIS PROTETIVOS

*Em minhas orações não peço a Deus que me proteja dos perigos, mas que me faça destemido para encará-los. Não imploro para que me retire a dor, mas que me dê um coração capaz de conquista-las*  
Rabindranath, Tagore.

1a - A protagonista Cassandra: *“Eu estou bastante medrosinha”*.

Cassandra, mesmo mulher adulta, temia o escuro e dormir sozinha. Para se deitar, sempre foi necessário deixar a luz do corredor acesa e uma fresta da porta aberta, assim como fazem os pais com suas crianças. Porém, o escuro não era seu único medo, era só a primeira coisa que vinha na sua mente. Na realidade, ela temia exposições sociais, confrontos, comer em algum lugar cuja higiene não fosse um primor e, acima de tudo, tinha medo de assombrações. O medo de escuro então encontrava seu real sentido, pois somente no véu da escuridão as criaturas sobrenaturais se apresentavam a ela.

Essa jovem se apavorava com a ideia de encontrar-se com espíritos e monstros durante a noite ou quando estivesse sozinha na sua casa, desde muito pequena tinha medo de criaturas sobrenaturais, porém, curiosamente, vivia uma condição bastante paradoxal, pois passava horas de seu tempo livre assistindo a filmes e a seriados televisivos que apresentassem esse tipo de conteúdo. Vivia um verdadeiro paradoxo, já que a intensidade de seus medos revelava um fascínio e extremo interesse em estudar contos e mitos a respeito do oculto.

Quando adulta, um terrível evento ocorreu em sua vida e potencializou todo esse seu temor do enigmático: sua tia cometeu suicídio dentro da casa de sua avó. Ela jogou uma grossa corda por cima de uma aparente viga de madeira que ficava no teto da sala e enforcou-se pulando de um banquinho de madeira. Sua própria avó encontrou o corpo pendurado. Essa situação foi um choque para toda a sua comunidade e sua família. Cassandra não suportava minimamente adentrar naquela casa. Todas as boas lembranças que tinha a respeito daquele lugar perderam seu encanto, a casa não era mais sinônimo de acolhimento e familiaridade, pois um macabro e diabólico aspecto tomou conta de todo aquele espaço.

Quando Cassandra caminhava frente à casa, sentia calafrios e sua fértil imaginação começava a voltar-se contra si. Tinha a impressão de que olhos a fitavam pelas frestas das janelas. Toda vez que passava frente a essa casa uma presença começava a lhe acompanhar. Passou a acreditar que sua tia fora condenada a peregrinar pela eternidade no limbo, presa entre a terra e o plano espiritual e agora, convertida em uma entidade agourenta, ela a perseguia. *“Eu não estou conseguindo dormir direito, esses dias eu senti que tinha algo dentro do meu quarto, eu precisei acordar minha filha para me fazer companhia até eu dormir, é uma coisa mais forte que eu”*, dizia constrangida com a situação em que se encontrava, *“eu estou bastante medrosinha”*.

Cassandra era uma mulher de personalidade bastante delicada. Já conhecia o horror desde muito nova, em suas lembranças seu pai foi uma figura terrível, era cruel e violento. Normalmente bondosa com todos aqueles que atravessavam sua vida, costumava ser genuinamente interessada no bem-estar dos outros. Essa sua bondade se espalhava para outros campos da sua vida, tinha grande interesse em projetos de cunho sócio-político, principalmente aqueles que protegiam animais. Além disso, Cassandra encontrava seu equilíbrio em comunhão com a natureza. Amava cachorros, os quais tinham um significado bastante especial para ela, porque representavam fidelidade, companheirismo, amor incondicional e presença constante. Cassandra tinha dotes artísticos de grande qualidade que lembravam o estilo do mestre Van-Gogh, pós-impressionista, ela focava mais na possibilidade de expressão dos afetos do que na técnica em si.

Seus belíssimos quadros passavam um misto de solidão, expressada em cenários melancólicos preenchidos de tons de azul e cinza, tempos chuvosos e oceanos infinitos, assim como também apresentavam a esperança através das mais variadas formas de flores. O mais interessante era que em todos os seus quadros sempre existia a figura de uma mulher solitária acompanhada de um cachorro. O símbolo dos cães guardava uma condição bastante peculiar dentro da sua historicidade.

Cassandra foi criada como uma criança da fazenda, o contato com a natureza fazia parte dela, inclusive em sua vida adulta. Sua mãe sempre foi uma fortaleza e extremamente delicada, pelo que lembrava. *“Eu não tenho absolutamente nada para reclamar da minha mãe, ela sempre fez tudo que podia e o que não podia pra mim”*. Porém, sua relação com seu pai não era assim. *“Meu pai sempre foi bem ruinzinho, sabe? Bem malvadinho. Ele só foi melhorar quando ficou velho e doente, daí acho que todo mundo melhora, né? Mas ele me deu muita dor de cabeça, eu sempre tive um medo terrível dele”*. Desde muito cedo, Cassandra não se sentia

próxima ao seu pai e a recordação disso era muito clara para ela, talvez tenha ocorrido um evento específico que rompeu sua relação com seu genitor.

Próximo aos 8 anos de idade, Cassandra estava na fazenda de sua família, lá ficava sua cachorra favorita, que estava prenha. Seu pai, diferente dela, odiava cães. *“Ele vivia pegando os cachorros do sítio e soltando na estrada, hoje em dia eu entendo que ele fazia isso pra ver se algum caminhão pegava eles ou se eles se perdiam”*. Porém, certo dia, quando seu pai achou que não havia ninguém olhando, colocou a cadelinha prenha dentro de um saco de arroz e com violentos pontapés começou a chutá-la, pois não queria que os filhotes ficassem vivos e, claro, Cassandra, com todo seu espírito investigativo, típico de uma criança, viu tudo em silêncio. *“Eu me lembro de ficar lá só olhando, sem muito bem entender o que estava acontecendo, eu não gritei, não chorei, apenas fiquei lá olhando feito uma tontinha, uns dias depois os filhotes da cadelinha nasceram todos mortos”*, ela relatou.

É fácil imaginar o quanto terrível foi para uma criança lidar com questões como a morte e a crueldade. Entretanto, somente dias depois, quando factualmente a cadelinha deu a luz aos filhotinhos já mortos, que toda a situação assistida concretizou-se em sua mente.

Esse foi o ponto fundamental dentro desta dramática, a fundação de todo sofrimento que perpassaria por toda sua vida. Para sua surpresa, um pensamento infausto lhe ocorreu à mente: *“tomara que todos morram”*. Como ela poderia estar pensando tal coisa? Ela havia desejado a morte dos animais? Sentiu pela primeira vez uma sensação de horror e desgosto de si própria, havia urgência de tomar alguma providência a respeito dessa maldição que se instalou em sua alma, precisava expurgar esse hediondo pecado de dentro de si, e assim iniciou sua neurose.

Cassandra encontrou na prece um primeiro ritual para apaziguar o desejo pela morte dos filhotes, porém logo outros pensamentos similares desejando a morte de entes queridos instauraram-se nela. Quando esses sinistros conteúdos lhe visitavam a mente, rezava. Tornou-se uma criança bastante religiosa. *“Minha família via com certa alegria minhas investidas religiosas, eles achavam bonitinho eu rezando”*. Algo tão complexo como a morte havia sido apresentado precocemente para ela. A jovem tinha acessado grandes temas da constituição humana e não havia possibilidade de elaborá-los.

Os anos passaram e ela cada vez mais se alinhou à religiosidade e aos princípios morais, tornou-se uma pessoa bastante sensível e amigável, mas Cassandra ainda temia os pensamentos que lhe acometiam e sentia cada vez mais angústia com a possibilidade da morte. Esse medo transpassava para o cotidiano, pois amizades poderiam morrer, oportunidades de emprego poderiam ser perdidas, assim como relações também.

Quando tinha vinte e três anos de idade, ficou grávida. Essa criança era fruto de uma relação turbulenta, seu ex-marido aos poucos fora se revelando uma pessoa extremamente violenta, a traição e as agressões físicas eram recorrentes, por isso se mudou para a casa de seus pais. Neste período, teve a segunda pior experiência de sua vida. Durante sua gravidez, começou a sentir uma presença aterradora. Acreditava que um poderoso espírito maligno a perseguia e essa bizarra criatura tinha uma identidade: o homem de chapéu preto.

Assim como em um filme de terror, esse espectro a visitava todas as noites, vestido inteiramente de preto, era uma sombra viva que sorrateiramente adentrava em seu quarto e lhe fazia ameaças, ele desejava levar a vida de sua filha ainda em seu ventre. Cassandra não tinha condições emocionais para lidar com tal errante, então buscou em rituais de umbanda proteção, assim como havia feito nas preces cristãs, porém a única solução que encontrou para lidar com a entidade que ameaçava a sua vida e de seu bebê foram as simpatias relacionadas às forças da natureza.

Cassandra tinha uma coleção com vinte e sete gnomos na estante de sua casa, para que se sentisse bem e o mal fosse afastado, precisava tocar o nariz dessas estátuas uma por uma. Um eficiente ritual mágico para exorcizar as forças do mal que habitavam sua mente. Precisava dar um toque preciso, com determinada força e jeito, caso contrário devia repetir tudo de novo. Nos seus dias de maior tensão, perdia horas presa nesse ritual. *“Meus gnomos são meus amiguinhos, eu me sinto cercada por eles, mas tem um que eu tenho medo, é um que tem o pezinho quebrado, acho que quebrei sem querer, mas mesmo assim ele fica lá com os outros”*.

Anos depois desse ocorrido, outros rituais foram se somando ao seu repertório. Necessitava fechar o chuveiro de uma maneira muito específica, nenhuma gota poderia continuar caindo após o fechamento total do registro, caso contrário, algo ruim aconteceria. Ela dedicava um tempo considerável para atingir a perfeição do gesto, pois o cair da água precisava ser interrompido precisamente. A imagem das gotas do chuveiro seriam lágrimas contidas? Para que não houvesse lágrimas, não poderia haver gotas? Havia uma poética dentro deste cenário.

Mesmo em seus sonhos, habitava uma mescla entre a poética e o horror. Certa vez, sonhou com um macabro ônibus que estacionava na frente de sua casa e dele saíam muitas pessoas com hanseníase, as quais caminhavam em sua direção e de sua filha. O caminhar dessas entidades surtia o efeito de tensão em Cassandra, o maligno vinha de forma lenta e retorcida, alguns desses doentes estavam com partes do corpo dilaceradas, sem pernas, braços ou olhos, semelhantes a zumbis de seriados televisivos que estava acostumada a assistir.

Na mesma semana em que teve o sonho, a escola fez uma proposta de excursão para a sala de sua filha. Cassandra ficou horrorizada! Para ela, havia previsto o resultado daquela

excursão, com toda certeza um acidente iria ocorrer e levaria a vida de sua filha ou a deixaria nas condições dos sofredores de seu sonho. De forma alguma permitiria que essa sina recaísse sobre sua filha, por isso não permitiu que ela fosse à excursão.

Essa foi a crônica de Cassandra, uma história de medo, insegurança e horror, tangida e habitada por criaturas sobrenaturais e pelo peso do destino. O horror que habita a história de Cassandra nasceu de seu passado e caminhou para o seu presente e futuro. Ela encontrou em suas crenças e nos rituais pessoais formas de enfrentamento contra o insuportável, algumas vezes com certo grau de eficiência, outras nem tanto.

1b- Algumas considerações sobre Cassandra: *“Ele enfiava a mão no viveiro de pássaros, quebrava o pescoço deles e jogava em mim!”*

As contribuições de Safra (2014) através do pensamentos de Florensky (2012) sobre a subjetividade humana é ponto essencial para a apreciação do fenômeno proposto. Assim como o ícone das pinturas religiosas é composto por uma multiplicidade de pontos de fuga que formam a obra, como a variedade das notas musicais criam uma melodia, é o ser humano. Assim, os vários campos que compunham o uso de rituais foram apreciados para uma melhor imersão dentro do evento humano acompanhado, sem a intenção de reduzir a experiência a mera pulsão e instintualidade, mas a possibilidade hermenêutica na compreensão do ser.

Assim, a vida de Cassandra possuía forte consonância com a de seu homônimo mitológico. A sacerdotisa grega quando criança, devido à exaustão, acabara dormindo dentro de um dos templos do deus do sol, Apolo. Ele, com pena da criança, concedeu-lhe uma dádiva: essa mulher ouviria os sussurros dos deuses, revelações que mostrariam os muitos trajetos do destino humano e os desastres do mundo. A sacerdotisa cresceu e se tornou uma linda mulher, admirada por todos, inclusive pelos deuses, porém o olhar de Apolo recaiu sobre ela e não mais a via como uma mera criança. Em determinada situação, ofereceu-se a ela, mas Cassandra, chocada, recusou-se a dormir com o deus e por isso foi amaldiçoada. Apolo converteu sua bênção em uma maldição! Ela ainda iria ter as visões das tragédias do mundo humano, todavia, mesmo com tanto a ser dito, tantas catástrofes para serem alertadas, nenhuma alma viva lhe daria crédito. Durante a guerra de Tróia, Cassandra tinha consciência do engodo que era o gigantesco cavalo de madeira e que em seu interior aguardavam os maiores guerreiros, incluindo Hector, o rival de Aquiles. No mito, essa armadilha foi fundamental para a vitória

dos gregos sobre Troia. A maldição do descrédito fez Cassandra refém de sua angústia, nada poderia fazer para impedir que sua pátria caísse frente ao poder grego (Commelin, 2001).

Durante sua vida, a paciente sempre ouviu sussurros aterradores que lhe acometiam à mente. Previsões que a alertavam sobre possíveis fatalidades que recairiam sobre seus mais amados parentes. A qualquer momento as catástrofes se concretizariam: um acidente de carro, um atropelamento, uma doença terminal. A iminência da morte era enlouquecedora! Durante sua vida adulta qualquer dor que sentia poderia ser um câncer ou um aperto no coração um enfarto. Era complicado à Cassandra passar seus dias com tamanha insegurança.

*Cassandra: Todas as vezes que eu sonho acontece. Eu sonhei esses dias que alguém iria morrer, neste sonho eu estava em um enorme velório, porém, enorme somente do lugar, porque tinha muito poucas pessoas lá.*

*T: O que você sente ao se lembrar deste sonho?*

*Cassandra: Eu me sinto angustiada, me dá medo sonhar essas coisas, daí quando eu acordo eu fico bastante atenta, porque eu tenho certeza que alguém vai morrer, e sempre alguém acaba morrendo.*

*T: Mas você já pensou de outra maneira? Que quase sempre você sonha com a morte, mas a questão é que você não se recorda. Durante os dias que se seguem, quando algum evento do cotidiano confirma seus medos, daí você valida seus sonhos.*

*Cassandra ficou alguns minutos em silêncio, absorvendo minhas palavras e concluiu: Faz muito sentido, porque quase todas as noites eu tenho pesadelos, porém eu não me lembro deles.*

Um dos campos destacados dentro desta narrativa que também colore-se através da matiz do mito, o medo do futuro. Cassandra não habitava o mundo com esperança no por vir. É possível compreender que os medos que habitavam sua alma eram projetados no futuro. Cada pequena atividade de seu cotidiano que poderia ter desfecho catastrófico, teria. Esse fora um ponto fundamental para o surgimento e apreciação dos usos dos rituais obsessivos, eles emergem frente a uma necessidade humana do estranhamento do futuro. Os rituais obsessivos neste aspecto podem ser compreendidos como formas protéticas da experiência do viver em estados de esperança.

Para Safra (2009) a questão da esperança não é um aspecto ligado aos processos de sublimação, ela vai muito além disso, além do próprio princípio da subjetividade, a Esperança, como fenômeno ontológico do evento humano é atrelada com um campo não sensorial, dentro da dimensão da disponibilidade do outro. Através das consonâncias com a abordagem winnicottiana, o autor alega que a Esperança ocorre como a continuidade de ser, como a possibilidade de habitar o horizonte do amanhã, como fenômeno transicional. E para tal, é



fundamental o acolhimento do outro, que coloca em devir todas as questões emocional pela dimensão do acolhimento.

Assim, outro aspecto essencial dessa narrativa está na maldição que ambas as Cassandras enfrentavam, a solidão. A sacerdotisa grega sofria do descrédito absoluto, não havia ouvidos que confortassem do horror de suas visões e temores. Sentia-se incapaz de encontrar alguém que a ajudasse a suportar as trevas que habitavam seu âmago. Esse sofrimento pode ser compreendido como a impossibilidade de seus medos encontrarem formas de comunicação e acolhimento frente ao outro, ou mesmo, medo do lugar em que inomináveis experiências residiam dentro da sua dimensão emocional. E além, talvez esse foi o lugar em que se posicionava dentro de sua própria dinâmica familiar, uma criança que não dava trabalho, uma menina obediente, uma filha que não tinha boca para reclamar.

Outro ponto que compreendi como essencial a toda essa dramática vivenciada é a origem dos fantasmas e monstros que habitaram essa narrativa. Esse aspecto era um marco na vida de Cassandra, desde pequena essas criaturas atravessaram seu ser e também aspecto consonante às suas crenças e entrega ao esoterismo.

Concebi que quando muito pequena havia introjetado<sup>11</sup> a figura de seu pai como mecanismo defensivo daquilo que era insuportável para si. O assassino de cães passou a habitar seu mundo interno, alegação que se confirma pela frase que marcou seu adoecimento “*tomara que morram*”. Quão enlouquecedor pode ser para uma criança ouvir uma voz interna que ecoa mensagens dissonantes ao seu modo de ser! Ela passou anos tentando evitar se tornar aquilo que havia sido apresentado para ela, pois, segundo Freud (1913), quando um homem vê um interdito, ele também enxerga a possibilidade de realização do mesmo.

Um fato bastante interessante dentro dos vários campos captados dentro do acompanhamento de Cassandra está na figura de seu irmão mais velho, um figurante dentro dessa dramática o qual também vivenciou as mesmas experiências de crueldade através da figura paterna, porém, diferentemente de Cassandra, que com todas as suas forças lutava contra isso, seu irmão fora atravessado sem resistência.

Assim, o jovem garoto herdou todas as características de seu genitor e se tornou um homem extremamente cruel e egoísta. Tal figura possuía um tenebroso segredo, como seu pai, matava animais, como cães, gatos e pássaros, escondido de todos. Em certa ocasião festiva, ele

---

<sup>11</sup> O termo introjeção fora originalmente, dentro do campo psicanalítico, um conceito forjado por Sandor Ferenczi no trabalho *Introjektion und Übertragung* de 1909. Dentro das conjecturas deste autor, enquanto o paranoico projeta do seu eu conteúdos insuportáveis para si o neurótico irá tender a introjetar essas características insuportáveis em seu mundo interno, como forma de negá-las da existência do concreto, fazendo disso parte das suas fantasias ao nível do inconsciente (Laplanche & Pontalis, 2001).

teve um surto de fúria na frente de toda a sua família, abruptamente enfiou a mão no viveiro de pássaros, que estava em um jardim de inverno, e começou a estrangular os animais, após isso, arremessou as aves mortas em todas as pessoas a sua volta.

“Ele enfiava a mão no viveiro de pássaros, quebrava o pescoço deles e jogava em mim! Isso em pleno natal, ele deve ter matado uns 20 passarinhos e ninguém fazia absolutamente nada, todo mundo só gritava pra ele parar e ele dizia que quem chegasse perto dele, ele mataria”.

Dentro de um ponto de vista psicanalítico, percebi como desta maneira como são vivas as contribuições de Ferenczi (2011) sobre a introjeção dos neuróticos sendo um processo defensivo do ego. O neurótico joga ao limbo de seu inconsciente tudo aquilo que é intolerante a si, tentando submeter às dimensões de suas fantasias tudo aquilo que é insuportável para si.

Safra (2009b), através de outra vertente teórica mais próxima à dimensão experiencial fenomenológica, alega que para uma criança, que naturalmente é ser da lucidez, não é necessário dizer para ela que um assassinato ou a violência são aspectos do infausto, do proibido, ela instintivamente tem consciência disso. Mesmo com apenas 8 anos de idade, a pequena jovem se ateu a suas verdades, aquilo que considerava como vida, pela amizade e ao vínculo que tinha como a natureza, com os animais, sacrificou um pouco de seu mundo interno aprisionando em si uma besta, um aspecto de sacrifício e devoção à natureza que iria perpetuar toda sua vida adulta.

Como é complicado para uma criança compreender condições atreladas ao evento do Cruel<sup>12</sup>, do Mal e da Violência! O jovem coração humano, ainda em seu estado de formação, se abala frente à visitação dessas forças as quais assolam a alma. Compreender que as fantasias de Cassandra eram habitadas por esses conflitos fora algo de suma importância e também de empatia, como horrendo era seu horizonte do amanhã, isso era consonante aos seus gostos pessoais, sua obsessão por filmes de terror, pelo enorme pavor de ter que lidar com a violência das pessoas em confrontos sociais normais da vida adulta, ou mesmo pelas explosões de agressividade que tinha eventualmente.

Os rituais de Cassandra pareceram-me respostas a esse insuportável momento que vivenciou em seu passado, tanto a possibilidade de tornar-se como aquele que havia aprisionado em seu coração, como a própria possibilidade de ser morta como um cãozinho, devido a isso, ancorou-se fortemente na religiosidade para afastar-se do mal.

---

<sup>12</sup> Através das contribuições de Heidegger (2005), dentro da perspectiva fenomenológica existencial, utilizamos os termos em letra maiúscula para falar a respeito de um evento ontológico, ou seja, algo fundamental da condição humana, aquilo que afeta o ser.

Interpretei neste momento algo fundamental ao sofrimento psíquico do neurótico e à formação ritualística. Com o passar dos anos essas memórias e conflitos foram ficando cada vez mais nublados, porém não a sensação da eminência da morte. A jovem buscou no campo da religiosidade amparo para seu espírito, porém ela não tinha condições emocionais de saber exatamente contra o que ela estava lutando.

Concebi uma característica bastante peculiar dos rituais de proteção. Além de seu sentido explícito, da busca protética pela sensação de bem-estar e proteção, eles apontavam-me para uma historicidade infausta, um mundo interno habitado pelo intolerável, o gesto compulsivo atrela-se a esse sofrimento. O sofredor que utiliza-se de rituais na busca exterior de proteção para aquilo que aguarda dentro de sua interioridade.

Dentro da Perspectiva Inversa aplicada na situação clínica, proposta por Safra (2009a), que não compreende o sofrimento humano gerado através de um viés etapista, mas sim, dentro de uma mosaico composto pelo passado, presente e possibilidade do vir a ser, todos os momentos consoantes dentro de um viés linear, uma pequena garota que lutava com todas as suas forças uma batalha ferrenha para não ser igual ao seu pai, a mesma criança que se identificava com os filhotes de cachorro e aguardava pelo mesmo destino que eles, uma mulher que não conseguiria mais confiar no amor dos homens a sua volta e por fim, aceitou o não viver, o isolamento social, compreendendo esse espaço como o campo mais seguro para se assentar.

1.c - A contratransferência - O caminho da esperança: *“Eu achei tão engraçado que eu sonhei que você estava em cima de uma flor, parecia algo tipo budista, sabe?”*

A solidão e a desconfiança atravessavam o seu ser. O masculino, que inicialmente, não era bem visto por ela, também tinha aspectos da violência e da traição. Tinha grande dificuldade em lidar com homens, ainda mais quando seu ex-marido revelou-se tão violento quanto seu próprio pai, assim, novamente fechou-se ao mundo. Sempre pensava que era melhor não se arriscar em novas investidas amorosas: *“Não vale a pena o trabalho, prefiro ficar em casa e assistir a alguma série”*. Porém os seus sonhos mostravam um paradoxo, um enorme desejo por experiências de ternura e amor. *“Sempre sonho que estou namorando os personagens de seriados, os mais intelectuais, sabe?”*, dizia rindo.

Ainda pela dimensão transferencial, um enorme sentimento fraterno foi investido à figura de seu terapeuta. Seus sonhos foram palco de uma bela relação de amizade, conteúdo que foi trabalhado em situação clínica. Esse ponto fora fundamental para a restauração da

confiança nas figuras masculinas a sua volta, questão que havia fragmentado desde tenra infância e reforçada pela desastrosa experiência com seu ex-marido.

*Cassandra: Sabe que você é bastante parecido com os meus gnomos, você tem a orelha pontuda.*

*T: É mesmo, que boa comparação! De certa forma você está me falando que eu dou alguma proteção e segurança para você.*

*Cassandra: Você dá, você funciona como um exorcista, mais ou menos, expurgando meus demônios internos, mas eu acho que prefiro usar você pra isso do que os meus gnomos.*

Ao dizer isso, ela levantou-se de sua cadeira e tocou o meu nariz, da forma com que fazia com seus amiguinhos da estante, neste momento concebi um importante passo para sua melhora, o abandono do campo da fantasia que habitava, para a dimensão dos vínculos.

Outros sonhos com a figura terapeuta surgiram, dessa vez como uma figura messiânica. O sentimento de confiança e proteção, que uma vez buscou nas práticas do rito, através de um ambiente de acolhimento e cuidado, foi transferido para a figura de seu terapeuta. Isso foi ponto essencial para a melhora de seu tratamento. O pedido silencioso de Cassandra era pela experiência de confiança, não somente alguém para confiar, mas, sim, no existir em experiência de Esperança<sup>13</sup>.

Em um dos sonhos que transpassava a eclosão do existir, ela estava dentro do ônibus escolar, o mesmo com que sonhou no caso da profecia da catástrofe com sua filha. O ônibus estava lotado de crianças, percorrendo uma pista interestadual e subitamente sentia-se apavorada com a possibilidade de que a qualquer instante um acidente pudesse ocorrer e a vida de todas as crianças fosse perdida. Sentia-se tensa e bastante temerosa, mas ao invés de acontecer um acidente o transporte começou a flutuar. À medida que o ônibus foi erguendo vôo, as crianças foram aos poucos desaparecendo, tudo havia sido preenchido por uma luz verde e lilás, plantas foram surgindo dentro do ônibus! A potência da natureza, que era parte de seu modo de habitar o mundo, estava presente, as paredes e janelas do transporte foram dando espaço para um cenário mais verde, e de repente estava em um bosque florido, onde ela começou a caminhar. *“Eu achei tão engraçado que eu sonhei que você estava em cima de uma flor, parecia algo tipo budista, sabe?”*. Cassandra descrevia uma sensação de extrema confiança e paz, para ela não se tratava mais de um terapeuta, mas de um encontro com sua própria espiritualidade, de seu contato com a eternidade.

---

<sup>13</sup> Esperança com letra maiúscula se relaciona ao conceito ontológico da experiencial defendido por Safra (2013). É o homem que é atravessado pela Esperança e não meramente a concepção lógica de ter esperança. Dentro do diálogo com a perspectiva winnicottiana, pode-se compreender habitar o mundo dentro da continuidade de ser.

Compreendi esse conteúdo onírico como algo bastante representativo de seu universo interno. Não é de se esperar que o ser humano seja imune ao medo, como se pode notar, a fantasia do acidente ainda estava presente, marcada pela figura do ônibus, porém existir é possibilidade de lidar com as desventuras que tangem o porvir e voar pela experiência de Esperança<sup>14</sup>, em outras palavras, a alteridade daquele que se dispõem é compreendido a nível emocional como possibilidade da continuidade de ser, e não em estados de constante pavor, sentidos dentro da angústia da solidão (Safra, 2013).

Os sonhos com alguém dentro do campo da confiança e da ternura também foram o primeiro passo para conseguir reinscrever o contato humano dentro da dimensão afetiva e se enxergar futuramente tendo a possibilidade de vivenciar uma experiência de amor genuína com alguém. É pertinente dizer que o desejo de amar trouxe outras ansiedades à Cassandra, relacionadas a sua idade e seu corpo, porém, direcionadas à possibilidade de viver no mundo do campo das relações pessoais, não mais dentro da dimensão das fantasias.

Em pouquíssimo tempo de trabalho clínico, Cassandra demonstrou enorme confiança na jornada terapêutica. A possibilidade de adentrar em um ambiente de confiança e cuidado, ponto que foi profícuo ao seu tratamento, e na ponte da confiança existiu a possibilidade de, paulatinamente, lidar com seus conteúdos internos, os segredos que considerava impróprios e dignos de repreensão, as identificações cruzadas.

1d – Algumas considerações teóricas sobre Cassandra: *“Eu não queria ser igual meu pai, jamais”*.

Freud (1909/2013) no trabalho o homem dos ratos iniciou um de seus tópicos com um título análogo a este. Dentro deste texto, ele alegou que os medos dos pacientes obsessivos compulsivos se atrelavam a condições do sofrimento inconsciente relacionado ao seu grande paradigma, marco da tradição psicanalítica, como o medo da castração e ao complexo edípico. Aqui, busquei ampliar as conjecturas através da riqueza dos conteúdos captados através das descrições de Cassandra e da riqueza dos conteúdos transferenciais direcionados a mim, para assim, poder não somente consolidar uma teoria já consagrada, mas a possibilidade da eclosão do inédito e do singular dentro da dimensão clínica, fulcro da vivacidade do viés hermenêutico.

---

<sup>14</sup> Escrito com letra maiúscula como evento ontológico à experiência humana (Safra, 2013).

Nessa discussão buscarei realizar um diálogo polifônico<sup>15</sup> com diferentes teóricos que colocaram a questão do sinistro, do terror, do mal como foco de suas discussões. Nessa perspectiva, estou atento à tessitura conceitual de cada um deles e às diferenças antropológicas e epistemológicas de suas contribuições. No entanto, busco manter o diálogo aberto para melhor acolher a complexidade da situação clínica.

Os fantasmas que antagonizaram a narrativa de Cassandra foram sentidos como personificação do horror, do sinistro e do infausto. O campo psicanalítico compreende esse fenômeno como algo da dimensão “estética”, como aquilo que atravessa a alma humana, que mobiliza, que estremece o admirador. Freud (2019) aventurou-se dentro do dialeto alemão para encontrar contribuições para esta investigação. O título original deste trabalho foi “*unheimlich*”, sentido oposto da palavra “*heimlich*”, que significa familiar. Na etimologia árabe e hebraica, a origem dessa palavra está ligada ao sentido de algo demoníaco. No alemão, em especial no dialeto da Silésia, o termo remete a algo indizível, inominável, escondido, oculto aos olhos. Dentro do campo do léxico, já é possível perceber uma tendência do autor às escolhas de sentidos que remetem ao evento do terror e do medo no coração humano como algo que foi arremessado para o esquecimento ou que não se sustenta na dimensão consciente.

Além do campo do etimológico, Freud (1919/2019) buscou no diálogo com a literatura fantástica e do horror alicerce para elaborar suas considerações sobre este fenômeno. Através de um popular conto de terror chamado “O Homem de Areia” (Hoffmann, 2019), o pai da psicanálise selecionou alguns elementos pertinentes ao horror que se sustentam a partir do arcabouço psicanalítico. Assim, os contos desse tipo de ficção buscam levar o leitor até um universo de suspense através da identificação com o personagem protagonista. É possível compreender que dentro da obra escolhida por Freud os pontos que tecem o horror se dão por alguns aspectos fundamentais.

Primeiramente, o protagonista do conto chama-se Nathaniel. Durante sua infância, uma estranha presença mística é apresentada a ele através dos contos que sua empregada lhe narrava, essa criatura era o Homem de Areia. Aquilo que, inicialmente, apenas habitava as fábulas passa a existir no plano real e liga-se ao acidente que teria matado seu pai. É possível compreender, do ponto de vista psicanalítico, que esse primeiro elemento relaciona-se ao evento do horror como atrelado à infância e às memórias traumáticas, sendo assim, o uso que as crianças fazem

---

<sup>15</sup> Aqui vale recordar a contribuição de Mikhail Bahktin (1895-1975) que propôs contribuição significativa com o uso da perspectiva dialógica-polifônica no campo das ciências humanas.

da fantasia está relacionado à tentativa de compreender o próprio universo adulto, ou mesmo, à incapacidade delas de discernir o que é pertence à realidade ou à fantasia.

Como já evidenciado anteriormente, através das contribuições de Ferenczi (2011), Cassandra passou toda a sua vida lutando contra essa culpa que não era sua, contra os impulsos destrutivos que foram relegados ao domínio inconsciente. *“Eu não queria ser igual meu pai, jamais, eu me lembro de pensar essas coisas, eu sempre achei que ele iria para o inferno”*. Compreendi sua excessiva bondade era algo de natureza retroativa, aspecto que era destacado em seu modo de ser, incapaz de defender-se contra qualquer forma de ofensas e brigas durante os dramas cotidianos. Jamais se apropriou de características comuns de seu progenitor, ela era uma antinomia desse, jamais conseguiu ser agressiva, ou egoísta, na realidade, foi além disso, nunca conseguiu reivindicar para si seus próprios sonhos.

Os pensamentos invasores podem ser interpretados, de acordo com essas contribuições psicanalíticas, como vozes de outras épocas que sussurram em seu ouvido. Vozes podem ser compreendidas dentro desse vértice como identificações intoleráveis em seu próprio ego, dissonantes de seu verdadeiro modo de ser cindidas do campo de sua própria personalidade, abafadas por uma estrutura superegógica e relegadas ao pântano do inconsciente. Este aspecto pode ser compreendido como o primeiro real marco do adoecimento de Cassandra e atrelado ao constante fenômeno do horror que perpassou toda a sua dramática existencial.

Regressando às contribuições de Freud (1919/2019), o antagonista da obra *“O Homem de Areia”* (Hoffmann, 2019) é uma criatura sobrenatural, um vil ser que rouba os olhos de crianças para dar de comer a suas próprias crias. O ato de roubar os olhos da infausta criatura possui requintes de crueldade, pois ele joga uma areia mágica nos olhos das crianças que estão acordadas durante a noite, e, subitamente, seus globos oculares saltam de seus rostos como bolinha de pingue-pongue.

Segundo o pai da psicanálise, perder os olhos, os braços, ou outros membros é com certeza motivo de angústia para qualquer pessoa, por isso esse é um artifício bastante presente nos mais diversos tipos de contos de suspense e terror, porém a razão central desse efeito no coração de um leitor só tem real esclarecimento dentro da explanação psicanalítica. O infausto não deve ser meramente compreendido como o medo de perder um membro devido a sua importância, essa seria uma leitura superficial e ignoraria todo o funcionamento do universo inconsciente. O medo manifesto no homem frente ao terror de ser decepado, na realidade, é herança de um horror primitivo que outrora já perpassou a constituição do sofredor, o medo da castração, a punição pela consumação do pecado edípico.

Mais adiante, a obra de Hoffmann avança para um enredo literário menos sutil das aparições sobrenaturais, enquanto há dúvida do leitor quanto à existência do antagonista, e maior foco no horror, a criatura se torna mais evidente no conto. O protagonista Nathaniel apaixona-se por uma mulher que, para sua surpresa, era uma boneca de madeira criada pela mágica do Homem de Areia junto com um comparsa, um engenheiro. Quando o protagonista descobre o fato, o vilão arranca os olhos de sua amada artificial, arrancando sua fonte da sua vida, e ela cai morta em sua frente, levando o protagonista à loucura.

Esse é um ponto bastante destacado no campo psicanalítico, como um dos alicerces fruto da sensação de estranheza e da insegurança vivenciada pelo sofredor/protagonista. Diante disso, é coerente afirmar que o medo recebe mais um aspecto, sob esse viés, está na incapacidade humana de diferenciar aquilo que é do campo do delírio da dimensão do mundo concreto, uma confusão daquilo que faz parte do mundo interno com o externo.

Cassandra vivia dentro desta problemática, a confusão constante entre o que eram as sensações que eclodiam do seu adoecimento e o bom senso. O medo de deixar sua filha sair de casa, o fato de que não dirigia, pois caso fosse, algum acidente poderia acontecer, ou mesmo os tantos espíritos e entidades que cruzavam seu cotidiano, sua crença que os eventos da natureza eram avisos ou intervenções do Divino, tudo isso, lhe cansava muito, e lhe gerava uma constante sensação de estranheza sob a vida.

Freud (1919/2019) encontra nas contribuições de Rank (2014) no conceito do “*Duplo*” profícua explicação para o sinistro. Assim, a duplicidade do eu é uma manifestação psíquica relacionada aos processos de projeção e identificação atrelados à criação dos monstros que habitam os contos de horror, assim como a crença nos mitos, na magia, nos deuses e nos demônios.

Rank (2014) também buscou na literatura fantástica criar diálogo com a abordagem psicanalítica e suscitar explicações para os fenômenos sobrenaturais como a visão de seres fantásticos. Em uma primeira instância, para se conceber tal experiência mística deve se compreender tratar-se de um impulso bastante específico dentro dos processos psíquicos, o anímico. O animismo é um sistema intelectual da concepção humana na representação de mundo, ele é atrelado à criação dos mitos, portanto, dentro da ótica do autor, o mais fundamental. O mito possui uma visão total da condição humana, que é ulterior à religião e a aos tabus, livre de qualquer repressão. É através do animismo que o homem irá projetar-se livremente no mundo, em diálogo com as contribuições de Hume (1976), dar características humanas a objetos inanimados faz parte disso (Freud, 1913).



Esse movimento também dialoga com a onipotência dos pensamentos infantis e com o narcisismo primário. Mediante ao enfrentamento da finitude da vida, e da experiência de aniquilação do ego, os mecanismos psíquicos irão criar um “outro eu” como possibilidade de adentrar aos domínios do eterno e do infinito (Rank, 2014).

Este é outro ponto que saltou aos meus olhos como central no adoecimento de Cassandra. Quando, ainda muito nova observa inerte e sem reação a morte dos cachorros, também vislumbra um complexo aspecto para que uma criança consiga dar conta sozinha, a Morte, como sinônimo de dor e ao mesmo tempo, o fim de todas as coisas.

Aquilo que atravessa a alma e é intolerável ao ego pode constituir-se em duplicidade, em outras palavras, em uma ilusão de exterioridade de si. A parte que é relegada ao ego de certa maneira passa por processos repressores e através dos campos simbólicos torna-se o duplo devido à dualidade narcísica dentro da relação objetal de amor e ódio dos elementos constitutivos do duplo e esse poderá tomar forma através de tenebrosas assombrações, ilusões, entidades maléficas até deidades serenas e anjos protetores (Rank, 2014).

As conjecturas do campo freudiano a respeito do evento do sinistro e do horror quanto fenômeno estético encontram seus fundamentos todos através dos paradigmas psicanalíticos do complexo edípico, do retorno dos conteúdos reprimidos, na magia e na crença relacionada à onipotência dos pensamentos infantis e a aspectos intoleráveis ao ego projetados no mundo concreto como duplicidade do ego.

Os caminhos tomados por Freud (1919/2019) na investigação do terror se aplicam à teoria psicanalítica não só atrelando-a aos desfechos relacionados ao adoecimento emocional, mas na relação estética do homem e dos processos de subjetivação frente ao mundo. A questão estética é fundamental para a compreensão do evento, pois, sob esse viés, quando se fala da estética, se diz daquilo que por primazia tange o sentir, e não o campo da conjectura.

O desfecho do conto “*O Homem de Areia*” ocorre pelo acaso do destino. Durante a visita a uma torre dentro da cidade universitária, o protagonista, que havia passado por um longo período de internação, avista na multidão seu algoz, o Homem de Areia, disfarçado em meio às pessoas. A sensação de sentir-se inseguro e perseguido é iminente, então em um surto de loucura, gritando em delírios, salta da torre. A confusão entre a fantasia e a realidade, os aspectos narcísicos que escaparam ao complexo de castração e a previsibilidade da iminência das catástrofes colorem esse cenário.

A possibilidade de previsão das catástrofes ou o medo dos poderes premonitórios estão também atrelados a componentes muito primitivos dentro da psique humana, na onipotência dos pensamentos infantis, assim como no aspecto anímico da crença em magias (Freud,

1919/2019). Isso, porém, é algo de enorme complexidade. O fenômeno do adoecimento da noção de destino, dentro dessa dramática contemplada, é a união desses dois vértices que consoam entre si.

Dentro das contribuições de Rank (2014), tudo aquilo que é de extrema preciosidade ao neurótico poderá ser perdido, portanto quanto mais precioso aquilo lhe parece, maior é o medo de perdê-lo.

Ainda de acordo com o campo psicanalítico, compreendi os rituais como forças anímicas investidas contra a noção de destino, ou melhor dizendo, da catástrofe. É necessário fazer algo para que nada de ruim aconteça dentro do registro do porvir. Uma prece para que o destino seja caridoso, um gesto para que o futuro seja farto. Os rituais dos gnomos e as preces compulsivas encontram suas raízes dentro deste aspecto.

Os pensamentos invasores penetram no futuro. O microcosmo do neurótico se espalha em todos os campos existenciais, em sua rotina, no trabalho, nas relações interpessoais, no futuro. A distorção da visão de mundo é algo fantasmal e a total ausência da esperança é um marco deste adoecimento.

Dentro da perspectiva fenomenológica do pensador francês Paul Ricouer (2013), o desvelar desse tipo de situação se dá por meio de um modelo hermenêutico do evento humano, bastante divergente da perspectiva psicanalítica. A experiência do medo e do desespero não é algo fruto da criação dos sentidos lógicos racionais, eles são um componente que está atrelado ao campo estético, da dimensão do sentir, anteriores a conjecturas lógicas e mesmo anterior a formação do psiquismo.

Ricouer (2013), em sua investigação da dimensão dos paradigmas religiosos no estudo do sagrado e da mística, buscou evidenciar o simbolismo e os mitos que perpassam a constituição humana. Os símbolos para ele são formações que antecedem a consciência e se manifestam através de três condições fundamentais:

“O privilégio da consciência refletida se subordina quer ao aspecto cósmico das hierofanias, quer ao aspecto noturno das produções oníricas, quer, por fim, à criatividade do verbo poético. Essas três dimensões – cósmica, onírica e poética – do símbolo estão presentes em qualquer símbolo autêntico [...]” (Ricouer, 2013.p. 27).

É possível compreender no ponto de vista do autor um posicionamento epistemológico bastante específico frente ao símbolo. O homem não cria os símbolos através dos processos racionalistas, o símbolo antecede esses processos lógicos. A transmissão cósmica, a qual tange a dimensão do infinito e do sagrado, que é levada à consciência, tem seu caminho análogo e

mais concebível à lógica humana se analisada juntamente à dimensão onírica do símbolo. O autor compreende os mitos como o espessamento dos símbolos que tomaram uma forma narrativa. Através de diversas narrativas no campo teológico e da mística, busca desvelar os símbolos que se revelam frente ao homem relacionados à experiência do mal. Esses campos simbólicos destacados pelo autor são a mancha, o pecado e a culpa (Ricouer, 2013). Nesse horizonte, Ricouer aborda a questão do mal.

A mancha é o símbolo mais essencial, primevo e resistente a qualquer possibilidade de racionalização sobre a própria experiência do mal. A mancha abre ao homem o evento do puro Terror, é um grito que impele ao homem o temor pela corrupção e o interdito. Ela revela-se frente ao homem através da sensação de sujidade, do contágio, de algo que corrompe e infecta sua alma. O maldito, aquele que teve seu espírito contaminado, é como um animal que vai ao sacrifício, o sangue que sai pelas suas veias carrega consigo toda a divindade que o protege.

Para Ricouer (2013), a dor do sofredor que toca os interditos é sinônimo de medo, pois o homem se insere no mundo ético através da dor e do medo de se afastar do divino, ao mesmo tempo, aquele que se afasta de deus teme sua cólera. Mesmo que o homem tenha conseguido adentrar nos mistérios de sua alma, o temor e a angústia perante a cólera do divino não irão desaparecer de seu coração. A relação entre o mal e a infelicidade está no medo da punição. A mácula da alma é afronta frente à ligação do homem a Deus, assim, converte-se automaticamente em temor da punição divina. Justamente a eminência da punição é que gerará a infelicidade e paradoxalmente, após o homem se submeter à punição é que ele estará novamente nas graças de Deus e em contato com a experiência comunitária.

[...] a prevenção da mancha pelos rituais de purificação assume o valor de prevenção do sofrimento: se queres evitar um parto difícil ou prejudicial, proteger-te contra uma calamidade (tempestade, eclipse, tremor de terra), evitar o fracasso de um esforço extraordinário ou perigoso (viagem, ultrapassagem de um obstáculo, caça ou pesca) cumpre as práticas de eliminação ou de esconjuração da mancha [...] (Ricouer, 2013, p. 47).

Dentro dessa perspectiva de Ricouer, na sensação do mau presságio, das catástrofes que ameaçam o porvir encontra-se uma questão de cunho ontológico. Uma condição inata do ser que se sente, devido à interdição dos tabus, a experiência de adentrar nos domínios do profano, distante da comunhão com o divino, frente à ira do Senhor.

O caminho que pode ser concebido na perspectiva da obra do autor é que a Mancha constitui-se dentro do campo simbólico a nível do cosmos, enquanto o pecado está para os símbolos na dimensão do onírico, em outras palavras, o Terror ontológico transmuta-se em um

estatuto mais próximo à concepção humana, perto de sua psique e da consciência, sentido pelo sofredor em outros campos simbólicos como a falta, o vazio, o desvio e a possessão “[...] Liberta-me do meu feitiço...porque um feitiço mau e uma doença impura, a transgressão, a iniquidade e o pecado estão no meu corpo, porque um espírito mau agarrou-se em mim” (Ricouer, 2013. p.64).

Regressando a uma contribuição de Freud (1913), sem atrapalhar a mudança de paradigma teórico que conduz essa linha de raciocínio, aquele que vislumbra o interdito enxerga no exemplo a possibilidade de realização deste, porém como protagonista da dramática vislumbrada. Esse aspecto descrito por Freud é fruto dos fenômenos da introjeção. Assim, a morte assistida se converte no assassinato realizado.

Consciente do desvio de sua conduta, o pecador vivencia então o afastamento de Deus. A angústia e o desespero passam a habitar o coração do abandonado. Quem agora irá ouvir suas preces? Cuidar das suas necessidades? É justamente nesse momento em que irá emergir dentro do ser a necessidade da confissão de seus pecados cometidos contra uma divindade. “[...] Ó deus, conhecido ou desconhecido, anula os meus pecados, deusa conhecida ou desconhecida, anula os meus pecados” (Ricouer, 2013.p.65).

A questão do rompimento da aliança do homem frente à face do divino é um paradoxo. Aquele que peca encontra-se em estado de abandono, esvaziado, sem esperanças frente ao reino do amanhã, porém Deus não é cruel, o Divino em realidade não repudia o pecador, mas sim o pecado, aquilo que maculou a alma humana. O rito da confissão dos pecados leva o inconcebível para dentro do campo das especulações, dentro dos questionamentos. Os rituais cerimoniais e as confissões buscam levar a um novo posicionamento perante a conscientização da falta, do abandono, o que Ricouer (2013) irá conceber como a terceira etapa das faces do Mal, a culpa.

Desse modo, a culpa não diz respeito diretamente à falta, apesar de nascer desta. A culpabilidade existe como estância por si mesma, ela possui diversas camadas próprias dentro do campo simbólico. A primeira delas sendo a ligada à pena e à responsabilidade; a segunda, a uma dimensão dentro do campo da ética e da religiosidade, de acordo com o que o sofredor concebe com sua própria consciência; e, por fim, a uma dimensão psíquica e teológica, baseada no simbolismo do inferno do acusado e na condenação, logo, aspecto também relacionado à sensação do medo constante, característica típica dos neuróticos obsessivos.

A confissão do culpado é o término do processo de interiorização do mal que uma vez se instaurou no coração humano. A questão neste ponto não é mais “*perante a Deus*”, traduzido como a sensação do horror perante a ira do Senhor, mas sim, a consciência de culpa que se

traduz como a sensação do abandono. Através desse caminho é possível ao homem ter o mal dissolvido dentro de seu coração, o castigo de Deus como paradoxo, a punição que aguarda no campo do amanhã, a confissão em forma de ritual e palavra dita, são possibilidades da internalização e a expiação punitiva, na realidade, a expiação que salva a alma humana (Ricouer, 2013).

A questão central de todo o caminho das faces do mal dentro da obra do autor pode ser concebida como a forma de um evento ontológico se adentrar nos campos de subjetivação humana, do cósmico ao psíquico, daquilo que atravessa toda a condição humana e se revela frente a ele dentro do registro da poesia e do psiquismo. A Mancha como condição do campo do infinito, presente ao evento da criação, se insere dentro da dimensão óptica como o pecado, em síntese com os fatores sócio-culturais e através do registro simbólico dos interditos. O homem que é invadido sente esse evento através da culpa. O registro fundamental do fenômeno da culpa está também na possibilidade de se responsabilizar sobre seus atos e através da expiação encontrar-se mais uma vez nas graças do Senhor. A culpabilidade significa que o sofredor já está implicado nas condições reveladas pela Mancha, por isso, deve receber todas as punições pertinentes ao pecado.

Um traço comum pode ser compreendido através do caminho de Ricouer (2013) que converge às contribuições de Safra (2009), os rituais de confissão somente têm sua eficácia devido à presença do outro, aquele que escuta. É na alteridade que o homem encontra a ponte de abertura de si, e possibilidade de caminhar novamente dentro da continuidade de ser. Em outras palavras, dentro do foco estudado por este trabalho, é realizar a própria função que subordina-se os rituais, da proteção, através do ambiente de acolhimento necessário nos momentos de maior fragilidade do paciente, e do exorcismo, da possibilidade do sofredor colocar sob o domínio da imaginação tudo que há de infausto que habita seu registro inconsciente. Essa é a perspectiva fundamental que utilizamos na compreensão do sofrimento de Cassandra.

1e - Considerações finais sobre Cassandra e seus rituais: *“Eu me lembro de uma angústia tão forte que somente sumia quando eu rezava”*.

Todos os rituais de Cassandra apresentados em sua narrativa de ordem cronológica são: as preces compulsórias em sua infância, os rituais dos gnomos no início de sua vida adulta e a obsessão com o fechar do registro do chuveiro.

Os rituais de Cassandra tinham um sentido protetivo, eles eclodiam mediante a sensação de ameaça que carregava em seu coração. Precisamente, do que se defendia Cassandra? De vozes que sussurravam coisas terríveis em seus ouvidos, as quais diziam que coisas horrorosas iriam acontecer, pensamentos que a guiavam ao caminho da destruição. Tudo aquilo que amava seria retirado dela, tudo aquilo que lhe era precioso seria tomado.

*“Eu me lembro de uma angústia tão forte que somente sumia quando eu rezava, até hoje em dia, sou tomada por alguma coisa ruim, claro que a gente já trabalhou muito, eu sei do que se trata, e hoje em dia percebendo que essas coisas são da minha história é mais fácil lidar, mas de verdade, quanto tempo eu achei que esse medo era uma coisa normal da vida”.*

O primeiro ponto que considero fundamental para a compreensão dos rituais na situação clínica, baseado na narrativa deste caso, está na introjeção como mecanismo defensivo (Ferenczi, 2011), e ainda, conforme as contribuições de Rank (2013), eventualmente, tudo aquilo que está reprimido encontra no simbólico do mundo concreto possibilidade de ressuscitar.

Cassandra arremessou a figura de seu pai, com toda sua crueldade, o evento da morte que lhe obrigou a pensar na finitude da vida, tudo isso à dimensão do inconsciente. Uma criança pequena não tem condições adequadas para lidar com esses horrores, sendo assim, não tivera opções para lidar sozinha com isso. Os espíritos os quais Cassandra via em sua vida adulta, os fantasmas que a assombraram, o homem de chapéu-preto e a enforcada que lhe propunha o suicídio eram parte do intolerável e se manifestavam através de suas fantasias projetivas.

Os rituais nascem do princípio anímico. Da mesma maneira que os povos “primitivos” povoaram o mundo com magia, crenças e deidades, Cassandra criou os jogos, ou melhor, os movimentos ritualísticos. Esse aspecto é ligado à onipotência dos pensamentos infantis, que adentram as relações da realidade compartilhada. O mesmo animismo que cria os fantasmas que a perseguiram, através do fenômeno do duplo destacado dentro das contribuições de Rank (2014), também criou seus próprios rituais. O sofredor neurótico, na batalha interna contra as introjeções intoleráveis para si, tentará utilizar como uma prótese resolutiva através do princípio anímico.

Ao longo do manejo clínico, foi fundamental à paciente a percepção de que o mundo calamitoso, cheio de fantasmas e danças que proferiam os pensamentos invasores era parte de uma fantasia. O animismo atrelado à onipotência dos seus pensamentos invasores compunha uma realidade completamente distorcida para um interlocutor desatento, porém abismal e intensa para aquele que sonha.

Entre os rituais que mais se destacam no caso de Cassandra e demonstram a criação de sua religião individual estão as preces compulsivas e ato de tocar o nariz dos seus amigos gnomos em sua estante. Curiosamente, Durkheim (1996), dentro de um viés sociológico, fala a respeito dos rituais que envolvem os gnomos. Os rituais que envolvem os gnomos são, dentro de um ponto deste foco epistemológico, expressões do sagrado dentro das forças naturais, como uma montanha, uma árvore, etc. A questão fundamental aqui é o sofrimento humano a respeito da dualidade entre o sagrado e o profano, os rituais são uma forma protetiva do homem evitar cair em danação.

Para Ricouer (2013), o adoecimento neurótico é o contato com qualquer forma de interdito da humanidade e é anterior à formação da própria psiquê, os tabus fazem parte de toda uma condição ontológica da própria humanidade. Em um viés fenomenológico, o autor afirma que o ser está em constante ligação com a cultura, a transgeracionalidade, em consonância com as dimensões cósmicas da existência que antecedem sua percepção lógica do mundo. Quando o ser toca os interditos, não somente o incesto como afirmado pela contribuição freudiana sobre o horror, o homem tem sua alma manchada. É pela mancha que todo o mal irá se desvelar frente ao homem. Aquele que se encontra sob essa condição viverá uma constante agonia oriunda do medo da face de Deus. Os interditos mais recorrentes na literatura sacra cristã são o assassinato e os sexuais, esses acarretarão os rituais protetivos e expurgatórios.

O assassinato como interdição está no registro ontológico. Segundo Safra (2009), a respeito do fenômeno do mal e a subjetividade humana, não é necessário explicar para uma criança que algo horrendo ocorreu, ela simplesmente saberá, como ser da lucidez. É fundamental à situação clínica que o terapeuta a auxilie a colocar o infausto dentro do domínio da sua própria imaginação.

O caminho de Ricouer (2013) é convergente a esse pensamento clínico. A Mancha como ontológica é mal infinito, aquilo que é inacessível e intolerável ao ego. Através do registro simbólico e do domínio da imaginação, ela se converterá no pecado, a transmutação daquilo que é ontológico dentro do registro ôntico, dentro do campo das representações simbólicas. E, finalmente, através da presença do outro, a partir da confissão, o homem buscará dissolver essa culpa. Este último aspecto da confissão pode ser compreendido sob o viés da experiência clínica como a busca pela presença do outro.

Tanto os rituais dos gnomos, que eram considerados por ela como “*seus amiguinhos*”, quanto os sonhos messiânicos de Cassandra a respeito de seu terapeuta destacam a busca pela comunhão com o outro e a busca por presença como forma de proteção. Em seus sonhos, seu terapeuta surgir sentado em posição meditativa em uma pedra, envolto pela natureza e por luzes

angelicais destacava um importante momento clínico, a experiência de sentir-se contemplada em comunhão, dentro da presença que protege. Não é de se estranhar que esse tipo de conteúdo onírico precedeu uma grande melhora na sua obsessividade pelos rituais dos gnomos. O encontro com a presença é transicionalidade, pois é na alteridade do outro que o ser humano altera seu mundo interno e se subjetiva em experiência de esperança, dentro da continuidade de ser (Safra, 2006).

Do ponto de vista clínico, os rituais não devem ser retirados à força do sofredor, porque eles são suas muletas temporárias contra um gigantesco Mal invisível. Pode se concluir que os rituais apresentados nessa narrativa são formas protetivas que se direcionam a fim de exorcizar um mal que habita em seu coração. Além disso, aquele que rompe um interdito é contaminado pelo Mal, essa condição guia à solidão, que é estado agônico. Assim, conclui que os rituais obsessivos dentro desta narrativa são mecanismos defensivos, gestos utilizados pelo sofredor, que através de sua crença anímica, são uma resolução para tentar combater um mal invisível do qual o mesmo não tem plena consciência.



## 2 - OS RITUAIS E A ORDEM

*Quando se respeita alguém, não queremos forçar a sua alma sem o seu consentimento.*

*De Beauvoir, Simone.*

2a – A protagonista Erínia: *“Eu simplesmente detesto quando as coisas não saem do meu jeito”.*

Erínia já era adulta, uma mulher de 35 anos. Quando se apresentou, pareceu-me extremamente sensível, gentil e de conversa afável, mas vivia também uma particular angústia paradoxal que confirmou minhas primeiras impressões. Em momentos de tensão, principalmente quando era contrariada, sedia a grandes episódios de fúria. Uma raiva incontrolável que possuía seu corpo, sua razão, arremessada ao limbo, dava espaço para ao frenesi. Erínia chutava e quebrava tudo que estava ao seu alcance, era comum arremessar seu celular na parede, quebrar o controle remoto da televisão, inclusive, chegou até a destruir aos murros uma mesa de vidro em seu antigo trabalho.

Para que suas crises pudessem passar, era necessário sentir algo bastante específico, algo minucioso, o craquelar dos objetos despedaçados, a explosão dos sons das coisas quando perdem sua forma. Tinha enorme alívio com o alto barulho dos impactos, por isso caso seus golpes fossem insatisfatórios, silenciosos ou abafados, Erínia teria que repetir todo processo e, outra vez, encontrar nova vítima para sua agressão, outro celular ou um controle remoto para ser condenado à destruição.

Desse modo, ainda sobre as particularidades de suas crises, aquilo que não conseguia destruir com os punhos obliterava com palavras, com um enorme repertório de ofensas, palavrões e danças arremessadas contra aqueles que lhe atravessavam. Esses episódios tornaram-se mais recorrentes com o passar dos anos e isso a assustava, pois tão impactante quanto o próprio furacão é o cenário desolado que surge quando os ventos cessam. Cada móvel destruído, cada ferida em seus punhos, cada coração ofendido e amigos perdidos eram registro cravado na concretude do ocorrido.

Outra peculiaridade de Erínia demanda ser destacada. Caso encontrasse um objeto que não fora ela que alterou de lugar, Erínia não conseguia movimentá-lo para o seu lugar original.

Se houvesse um copo na pia ou uma peça de roupa que seu marido houvesse jogado no chão, ela era incapaz de recolher e guardar. Normalmente essas situações acabavam por atravessar o seu coração e geravam graves crises de fúria.

Como um confidente, sua destruição, a princípio, atravessou-me como expressão do descontentamento, da sua incapacidade de controlar o mundo direcionada à dimensão concreta. Havia uma imensa intolerância à frustração, como ocorre com uma pequena e frágil criança, que não contém seus desejos ao entrar em uma grande loja de brinquedo, e se arremessa ao chão, grita, chora, branda os braços em direção aos pais. Uma criança que implora para que seja contemplada! “Eu simplesmente detesto quando as coisas não saem do meu jeito”, ela disse ao se justificar, juntamente a um olhar melancólico, que curiosamente expressava algo de ameaçador.

A agressividade manifesta por Erínia em resposta ao seu ritual de “não mover algo que não fora ela que mexeu”, era mais que um ritual. A fúria que emanava nessas situações parecia frutos de processos dissociativos. Já havia destruído móveis de cômodos inteiros em suas piores crises de agressividade. Quando estava tomada por esse frenesi, não tinha condição alguma de controlar-se, de raciocinar.

A vergonha, posterior à crise, era seguida de dias imersa em um estado depressivo, e justamente por isso buscou ajuda no acompanhamento clínico. Entretanto não é justo delegar à Erínia somente esse aspecto de seu ser, a face que surgia como rompante não retratava a mulher que era. Esforçada, independente, e, acima de tudo, organizada. Como sempre dizia “não sou ninguém sem a minha agenda”. Cada compromisso era marcado com um mês de antecedência, pois para ela “tempo é dinheiro”.

Uma empreendedora nata, altamente atrelada a questões voltadas à vida financeiras, sem a ajuda de ninguém, conseguiu erguer um negócio de sucesso e sentia-se profundamente bem com a segurança que o dinheiro lhe dava. Em seu tempo livre, estudava formas de conseguir angariar cada vez mais dinheiro, bons investimentos e otimizar seu próprio negócio. “Tem gente que gosta de sexo, né, eu não, eu gosto mesmo é de ter dinheiro guardado no banco e boletos pagos”, disse em determinado encontro com certo gracejo.

Aos seus ouvidos, essas pequenas omissões do cotidiano eram uma ofensa. Sentia que esses detalhes a colocavam na posição de uma governanta em sua própria casa, sentia que a responsabilizavam pela limpeza e organização de tudo. Chegou a contratar uma funcionária para que fizesse esse serviço de mover os objetos que ela não conseguia pelas suas limitações emocionais.

O empenho de Erínia era semelhante ao ilustrado em uma famosa obra literária, uma peça infantil, a popular obra de Charles Perrault, Cinderella. Para a protagonista eram delegados todos os cuidados do lar por sua madrasta e meias-irmãs como forma de castigo, ao invés de a protagonista da obra literária ser tratada bem como as outras irmãs e de ter alguma condição de amor, ao contrário, era castigada através de rígidos trabalhos domésticos. Erínia divertiu-se com essa comparação, pois considerou que fazia extremo sentido devido a sua própria história.

Além disso, outro ponto que se destaca em seu comportamento é que ela era altamente atrelada à limpeza de sua casa e altamente organizada com seus pertences, seu guarda-roupa era milimetricamente organizado, assim como sua caixa de jóias, arrumada pelo valor de cada peça.

Até os 12 anos de idade, tinha uma vida relativamente tranquila, estudava, fazia ballet e outras atividades. Seus pais nunca foram pessoas gentis com ela, eram na realidade bastante rígidos e distantes, dedicavam-se exclusivamente ao dinheiro e devido a isso mantinham uma boa condição financeira.

No entanto isso mudou quando seu pai traiu sua mãe e o período de brigas consequentes resultou no divórcio. Seu pai, em um último ato de vingança, deixou a família sem absolutamente nada, sem casa ou reserva financeira. A mãe de Erínia tornou-se bastante adoecida, deprimida e agressiva por causa do término do relacionamento e da falência, e quando começou a trabalhar como faxineira deixou as obrigações domésticas para as filhas, mas a irmã mais velha de Erínia conseguiu um trabalho fora de casa e fugiu das tarefas do lar.

A fúria de Erínia não diz respeito somente a subjugar-se às tarefas da casa. Os rituais nesta narrativa são revelação de um cenário muito primitivo de sua vida, há uma enorme identificação com sua figura materna. A sua mãe sempre teve uma obsessão por limpeza e devido ao adoecimento emocional, o divórcio por que passara, teve sua conduta agravada.

Sua mãe a obrigava a se submeter às suas regras de limpeza, obrigava-a a limpar minuciosamente o carpete, lustrar os móveis, os banheiros, a louça todos os dias. Caso não fizesse, era severamente castigada. A angústia dessa mãe era transmitida através dos deveres e dos castigos, os quais eram contínuos. Sua mãe não a permitia ter relacionamentos com garotos, nem ir a festas, e nas raras ocasiões em que conseguia ir, ela não a deixava dormir durante os sábados de manhã, então como castigo a acordava para limpar o chão, semelhante à gata borralheira do conto infantil.

Em seus pensamentos odiava o fato de sua irmã ser isenta dessas obrigações, apesar de saber que o motivo era porque trabalhava fora de casa, em sua fantasia compreendia isso como uma forma de favoritismo. Erínia vivenciou uma profunda relação de amor e ódio nas figuras

dos pais. Apesar de um passado de violência relacionado a seus pais, ela nunca aceitou distanciar-se deles. O pai da paciente já é falecido, a mãe continua a frequentar sua casa e ainda é uma pessoa amarga e destrutiva, sempre que pode boicota as decisões da filha, e permanece altamente atrelada às atividades de limpeza do cotidiano.

Erínia, assim como a gata borralheira, encontrou seu príncipe encantado, casou-se com o homem que desejava, construiu seu castelo e seu reino. Porém, diferentemente da princesa do conto de fadas, seu mundo interno não sofreu transformações como em um passe de magia. Seus rituais ainda lhe aprisionavam ao seu passado.

2b – Algumas considerações sobre Erínia: “...quando eu surto eu nem sei mais onde eu estou...”

As Erínias na mitologia grega eram um grupo de fúrias, filhas da divindade Nix, a própria noite. Elas eram incumbidas de castigar a alma dos pecadores e vingarem a inocência. Todos aqueles que se atreviam a afrontar os desejos do Olimpo deveriam ser sentenciados à morte. Elas eram a Tisífone, Megera e Alecto, senhoras do desejo de vingança dos deuses (Commelin, 2001).

O campo mitológico coloriu minhas observações sobre essa pessoa. A agressividade que sentia me pareceu algo sem controle, não somente acessos de fúria, mas algo como uma queda a um estado de completa dissociação de si. “*Há vezes que eu tenho certo controle da situação, porém, algumas das vezes, quando eu surto eu nem sei mais onde eu estou, eu só arrebento tudo e daí já fiz merda, não sei como meu marido me aguenta*”.

Assim, senti uma polifonia dentro deste peculiar fenômeno contemplado. A agressividade é diferente da fúria? Existe intencionalidade comunicacional dentro dessa conduta de Erínia? Ela estaria reproduzindo uma situação da qual não conseguia elaborar dentro de sua tenra infância, me refiro, sua mãe se portava desta maneira enquanto ainda era muito criança? E finalmente, a agressividade é sinal de desintegração?

Outro ponto fundamental, observei que a relação de Erínia com as questões financeiras possuía duas faces. Por um lado, mostrava faces de seu passado, o marco da ruptura dos cuidados parentais, o terrível movimento de vingança de seu pai contra toda sua família, que as arremessou à miséria. Por outro, sua relação com o dinheiro era uma tentativa protética da experiência de segurança dentro do campo simbólico. Enquanto adulta, ter dinheiro era saber que caso alguma coisa acontecesse, ela estaria preparada.

A sua dedicação à vida religiosa e seu grande temor de ser castigada pelo Senhor demonstrava também uma condição emocional bastante turbulenta. Em seu íntimo questões que considerava como inomináveis, infaustas continuavam dissociadas e despercebidas de si.

Não aceitava seu jeito de lidar com as pessoas no cotidiano, sempre alegava “*sou extremamente grossa com as pessoas, acho que vou acabar sendo igual a minha mãe*”. Em seu mundo interno, havia áreas que não conseguia observar, dimensões que não podia acessar, conteúdos dissociados que haviam sido reprimidos à dimensão inconsciente.

Winnicott (1950) já apontou essa condição a respeito da criança que vive em um ambiente de constante violência, para conseguir lidar com tal ambiente, a criança irá identificar-se com a cena dos pais agressivos, e semelhante a tessitura teórica muito semelhante a qual Ferenczi (2011) elabora as questões sobre a introjeção como mecanismo defensivo, arremessará ao inconsciente as cenas de briga da mãe violenta e o pai cruel. Um depoimento de Erínia colore toda a questão:

*“Erínia: Eu não gostaria de ser igual a minha mãe, mas é claro que eu estou me tornando ela, um dia eu não aguentei, eu fui e falei tudo aquilo que nós conversamos em sessão com ela, eu falei pra ela que o jeito que ela me tratou estragou minha vida, a violência que ela infundiu em mim, foi um verdadeiro câncer, nenhuma das minhas irmãs suporta ela, ninguém suporta ela, ela não tem amigos, ela não tem vida, ela só trabalha e é uma pessoa extremamente mesquinha!*

*T: Eu compreendo que você está falando como deve ter sido complicada a sua infância, o quanto você esperava dela e ainda espera.*

*Erínia: Eu não espero nada dela! – Disse irritada.*

*T: Não é bem isso que vem a mim. Você convive com ela, convida ela todos os dias para almoçar, você se preocupa e liga para ela. Eu sinto que por trás de toda uma fachada de independente e de que não liga pra ela, está uma menina que busca algo perdido.*

*Erínia parou por alguns instantes, e com um rosto endurecido respondeu: Eu sei. Eu sei que eu espero dela, mas eu também tenho consciência que é tolice ficar esperando leite de pedra. Infelizmente ela nunca vai me dar aquilo que eu mais precisava”.*

E após ter dito isso, pela primeira vez em anos, se colocou a chorar. Erínia através dessa revelação demonstra o lugar que habitava dentro de sua dinâmica familiar. Reclamava, ou melhor, compreendi que reivindicava uma condição de amor a muito tempo perdida, assim como demonstra Winnicott (1987) a respeito das tendências antissociais, um carinho que havia sido seu suporte em tenra infância, destruído pelo adoecimento materno, ecos de uma relação conjugal bastante turbulenta, a criança desamparada não encontrava espaço para si, nem um olhar de ternura e acolhimento, a adolescente que não poderia dividir suas experiências, segredos e medos.

A exemplo do lugar que habitava, a paciente havia passado por uma triste experiência quando era criança: sofreu violência sexual. Porém Erínia não acreditava que essa situação a havia afetado, pois na vida adulta sempre fora capaz de se relacionar sexualmente e de modo terno. Todavia jamais comentou com sua mãe a respeito do ocorrido, havia guardado para si tal infausta experiência. *“Eu tinha de ser forte, lidar com as coisas sozinhas, desde cedo eu compreendi isso, depois do divórcio com meu pai, minha mãe nunca mais me deu apoio, pelo contrário, capaz que ela achasse que a culpa disso era minha”*. Dentro do que se pode conceber, essa situação parecia decorrer da fragilidade dos vínculos familiares. Compreendi em Erínia uma criança abandonada, que somente repartia o mesmo teto que seus familiares.

O modo como a paciente construía sua apreciação subjetiva frente ao mundo era de extrema desconfiança. Achava que as pessoas sempre estavam prestes a traí-la, criava constantes problemas em suas relações com suas amigas, sempre relacionados à inveja e ao dinheiro. No seu trabalho, já havia perdido diversos clientes devido à maneira com que cobrava os débitos, sempre com extrema animosidade e, por fim, mesmo o modo como concebia o divino era atrelado à possibilidade de punição. Deus se revelava como fúria e punição, jamais como ser compreensivo ou cuidadoso.

Winnicott no trabalho “Fragmentos referentes a variedade de confusão clínica” (1956/1994) irá trazer algumas contribuições sobre a agressividade e os maneirismos de arrumação do neurótico obsessivo, quase uma síntese da narrativa acima descrita:

“Um aspecto importante do comportamento obsessivo é a confusão que ele implica. Por que é que, na saúde, uma mixórdia pode ser arrumada, e, na doença, a arrumação, que é compulsiva, é também inútil? A Pista: Na enfermidade obsessiva, a confusão é uma defesa organizada. Um certo grau de confusão é inconsciente mantido a fim de ocultar um fato muito simples: o triunfo do mau sobre o bom, do ódio sobre o amor, da agressão sobre a capacidade de preservação, etc. Desta maneira, a arrumação nunca pode ter sucesso. Mas pode se encontrar uma confusão quase inconsciente quando a arrumação parecer haver tido sucesso”. (Winnicott, 1956/1994, p. 26).

As conjecturas de Winnicott dentro deste trabalho se faz profícua a presente investigação. De certa maneira, identifica o cerce do adoecimento dentro das relação interpessoais, a confusão se dá dentro de um aspecto emocional, a incapacidade do ambiente de resistir as pulsões agressivas da criança e ofertar um ambiente de acolhimento adequado, pertinente ao movimento de integração do self. Ao mesmo tempo, alega que algo ao nível inconsciente, a necessidade de ordem que o sofredor tanto busca nas tarefas do cotidiano não

dizem respeito às atividades domésticas, ou entre tantas tarefas ao nível da consciência, mas um ambiente emocional que possibilite a organização interna.

Através das contribuições de Safra (2014), a respeito da Perspectiva Inversa de Florensky (2012), todas as dramáticas do passado, presente e futuro mesclaram-se e eclodem na situação clínica, como sons que compõem uma mesma melodia. A agressividade possuía polifonia, eram marcas de rupturas da continuidade de ser da criança, que a obrigou a reagir, e não propriamente continuar sendo, eram um pedido de ajuda e de vínculos que foram perdidos em algum momento de sua historicidade e, ao mesmo tempo, uma reedição dos cenários de constantes brigas de seus pais, qual assistia em sua infância. Seus rituais pediam por organização, por ordem de seu mundo externo, assim como do interno, ao mesmo tempo, reeditavam a relação tempestuosa de gata borralheira que vivenciou em sua adolescência.

2c – Transferência e contratransferência - O caminho da esperança: *“Eu sonho em ser mãe, acho que eu não cometeria os mesmos erros da minha”*

Desde nosso primeiro encontro pude sentir em Erínia uma oscilação entre a doçura e a animosidade, muitas vezes pairando a sensação de ameaça no campo da contratransferência. Algo como o silêncio que precede a tormenta. Uma sensação da eminência de seus afetos destrutivos. Em determinada ocasião pude vislumbrar tal situação dentro da sala de espera da clínica qual nossos encontros ocorriam.

*“Erínia: Você é amigo do outro profissional que trabalha aqui?”*

*T: Porquê?*

*Erínia: Porque eu queria socar a cara dele, ele fez eu trocar meu carro de lugar no estacionamento, mas que atrevido! Ele disse que aquela vaga era só pros funcionários e me fez tirar o carro, eu queria matar ele”.*

*T: Sinto que você está me dizendo que as pessoas não fazem favores para você, uma necessidade enorme de gestos de gentileza.*

*Erínia: E não fazem mesmo, ninguém nunca fez e nem vão fazer. As pessoas são assim.*

*T: Acho que você está dizendo, fizeram isso com você, não significa que todas as pessoas vão ser assim. Compreendo o quanto você deve ter sofrido pelas ausências de gentileza da vida. A intensidade da sua fúria me conta sobre o quanto você precisa de carinho.*

*Erínia: Vou arreventar sua cara.”* Falou em tom de humor.

Erínia se irritava com extrema facilidade. Nas sessões, o relato de cenas de discussões e brigas com familiares e amigos eram recorrentes. Quando contrariada, também chegava a

agredir verbalmente seus próprios clientes. *“Eu fui cobrar uma das meninas que compra de mim, e ela ficou me enrolando, olha eu não aguentei, liguei pra ela xingando, é muito descaso, eu não me aguento mesmo, eu vou e falo”*. Sentia nesses momentos que qualquer coisa que eu falasse seria completamente ignorada e intervi. Aquilo que ela gerava em seus interlocutores provavelmente era como sentia em sua tenra infância ao lidar com seus pais, o pavor que brotava em meu peito pela dimensão contratransferencial era a forma com que ela fora obrigada a viver durante muitos anos de sua vida.

Em seu discurso, pude perceber que ficava extremamente aliviada quando encontrava em ambiente terapêutico um lugar que possibilitasse expressar essas questões. Sentia que ela convertia a imagem do terapeuta em cúmplice para as agressões verbais que cometia, porém, quando esses rompantes eram interpretados, ela se deprimia e era tomada por momentos de culpa. *“Você tem toda razão, eu me sentia assim mesmo, mas é um período que eu me lembro muito pouco, mas eu acho que me sentia sim bem acuada pelos meus pais e irmãs”*.

A figura do terapeuta era na maioria das vezes utilizada como amigo e aliado. Um alguém que resgatasse a pequena garota acuada que habitava seu coração e buscava pela possibilidade de presença. Um sonho de Erínia fora bastante elucidativo:

*“Eu sonhei que você montava uma clínica no meu estabelecimento, tinha um monte de parreiras no lugar do teto, você ficava junto comigo e do meu marido e a gente conversava bastante, como amigos, e tinha bastante gente lá, era quase um workshop lotado de gente, meio na pegada dos couching, tinha muita comida e essas coisas, você, bonzinho como sempre dava atenção pra todo mundo”*.

Compreendi que o seu estabelecimento era metáfora para seu mundo interno. O embelezamento do lugar através das plantas frutíferas como as parreiras era o alimento de sua alma, de certa maneira, dizia que o ambiente terapêutico lhe era ambiente farto, a figura do terapeuta dentro do campo familiar é possível ser captado como a introjeção de bons elementos ao seu mundo interno, um ambiente de acolhimento habitava seu âmago. Posterior a um tempo de trabalho clínico, Erínia teve a possibilidade de manifestar uma relação fraterna, o que fora fundamental para chegar a conteúdos que até então permaneciam obscuros para ela. Entretanto, antes que o trabalho terapêutico pudesse ser concluído, Erínia o rompeu, pois havia engravidado.

2d – Algumas considerações teóricas sobre Erínia: *Sou tomada por algo mais forte...”*.



Um dos pontos que compuseram a dramática narrada foi a fúria, porém não a do homem que se coloca em guarda frente a uma situação de risco, mas daquele que é possuído pela agressividade. Sob a perspectiva da teoria do amadurecimento emocional, a agressividade tem suas origens nas etapas mais primitivas do desenvolvimento humano, na fase de dependência absoluta. Antes mesmo da existência de um ego, da formação da personalidade, já existe a presença da agressividade. O próprio bebê chuta dentro da barriga de sua mãe, ele agita os braços e morde o seio ao ser amamentado. Neste ponto do desenvolvimento não existe uma intencionalidade, neste primeiro momento trata-se apenas de funções parciais, não existe um desejo pela destruição de sua mãe. A agressividade observada no bebê é compreendida mais como uma motilidade física do que qualquer atuação mais elaborada (Winnicott, 1950/2000).

Segundo Winnicott (1950/2000), à medida que a criança começa a existir no mundo, integrando-se, essas funções parciais irão se convertendo no que se concebe como a agressividade. Os caminhos para a integração de si é movimento volátil, ela vem e vai, assim como as águas agem sob a influência da lua. Essa condição subordina-se aos cuidados do ambiente facilitador ofertado. Assim, a intencionalidade da agressão é angariada mediante ao amadurecimento emocional, em outras palavras, se tudo vai bem para uma criança, a possibilidade de manifestar a agressividade é sinal da própria saúde. As bases da agressividade estão ligadas à própria vida instintual.

Entretanto, apesar disso, a agressividade não estava subordinada aos mecanismos psíquicos de Erínia. *“Sou tomada por algo mais forte, acredita que quando eu quebrei a mesa de vidro eu só me toquei do que eu fiz depois”*. Afetos intensos a possuíam, dentro do campo transferencial de seu tratamento era possível sentir as ondas do rancor direcionadas a qualquer interlocutor que a desafia-se, ou sentia-se assim.

Porém o fenômeno da agressividade pode relevar um ponto dissociado dentro da estrutura do ego (Winnicott, 1950/2000). Foi essa justamente a impressão que me saltou aos olhos, a pluralidade das faces da agressividade e a constituição humana. Era evidente que seu gesto constituía como função as descargas de ansiedade, através da própria motilidade do corpo, mas a constância e o esvaziamento do controle apontavam para algo além.

O fenômeno da agressividade não deve ser interpretado como meramente impulsos, pois a diferença entre ambos está no grau de refinamento do desenvolvimento emocional, do amadurecimento do ego, porém é impossível dissociar as duas ideias, um atrela-se diretamente ao outro. Durante a fase de pré-concernimento, estágio no qual a criança já possui certa maturação de si, a presença de um *self* diferenciado de seu ambiente materno, ela ainda não tem preocupação quanto às consequências de seus atos, a criança não tem a consciência do que ela

agride quando está em estado de excitabilidade. A mãe que ela agride parece não ser a mesma que zela por ela nos estados tranquilos. Apesar disso, a agressividade e o amor são duas faces da mesma moeda (Winnicott, 1950/2000).

Dentro do estágio de concernimento também emerge a culpa. Em momentos de maior excitação é a culpa que criará, imaginativamente, um estado depressivo a respeito dos danos que a criança imagina ter gerado em seu objeto de amor. “(...) e com a ajuda da mãe viva e atenta (que incorpora o fator temporal) torna-se capaz de descobrir um anseio pessoal por dar e construir e reparar” (Winnicott, 1950. p. 291). Esse é o ponto da jornada maturacional onde os impulsos agressivos subordinam-se as qualidades do *self*, tornando-se mais controláveis, dentro do jogo agressividade, culpa e reparação.

De acordo com o vértice filosófico-teológico de Simone Weil (2001), que compôs suas contribuições teóricas através do próprio vivenciar entre os trabalhadores operários franceses, através de uma perspectiva fenomenológica, o respeito frente ao outro é um dos elementos fundantes da condição humana. O respeito, como aspecto ontológico, somente pode ser expresso pelas necessidades mais fundamentais da alma humana, que são condições análogas aos cuidados essenciais que emergem da corporeidade do ser como a fome, o frio, ou as doenças etc., e arvoram-se às necessidades dentro do campo cultural.

Assim, a noção de respeito em Weil (2001) é semelhante e convergente às contribuições de Safra (2004) sobre a constituição da subjetividade humana sendo fruto de um evento ético. Ética, palavra que tem sua origem no grego, *Ethos*, literalmente significa morada. A morada é uma das condições fundamentais para que venha a existir. O sentido de morada escolhido por Safra não diz respeito unicamente a uma morada física, mas sim, a condições para que um ser humano possa existir dentro do espaço-tempo, para que possa desejar, ariscar-se e ser, em comunhão com o mundo em experiência de Esperança.

As condições que decorrem do respeito são aspecto polifônico, são manifestação do amor que nutre a alma humana. Desse modo, segundo Weil (2001), uma de suas faces é a ordem. Somente a ordem aproximaria o ser do campo da eternidade. A ordem não é coerção, muito menos violência. Ações corriqueiras, do próprio cotidiano, que para muitos podem ser consideradas como mecânicas e inúteis são geradas de modo a constituir certa organização no coração humano, pois a própria vivência humana, o mundo e as coisas, podem ser caminho de desestabilidade.

Na ordem a subjetividade humana caminha em segurança. A segurança é força protetora, alicerce que auxiliaria o enfrentamento de experiências como o horror e o medo. O medo, para

Weil (2001), seria uma sensação ontológica compreendida dentro do campo simbólico do sofredor pela destruição, morte, desemprego, guerra e doenças.

O risco também é alimento para a alma e é contraponto fundamental da segurança. O risco é diferente do medo, pois ele não apavora e paralisa o ser, ele é o oposto, é possibilidade de caminhar frente às inseguranças. O risco é a coragem que emana no coração e faz enfrentar o agressor e o mundo. Esse campo é a possibilidade de reação frente a uma adversidade sem que a alma dos homens seja destruída pelas angústias. A segurança atua unicamente contra o medo e não contra o risco, elas não são condições que se anulam, coexistem. O risco faz parte da essência humana, pois fomenta a coragem, sem a qual o coração é refém do terror. O risco tem se desvelar ao homem em quantidades que a si possam ser suportáveis, caso contrário existirá um sentimento de catástrofe (Weil, 2001).

Sob a perspectiva de Winnicott (1956), é possível criar diálogo com as colocações de Weil (2001) a respeito do risco. Assim, as necessidades fundamentais da criança, que compõem a experiência de vivenciar o amor materno, estão tanto nos cuidados quanto nas falhas, neste ponto, podemos compreender as falhas como a vivência do risco. O risco é o enfrentamento do mundo com a certeza da presença da mãe inserida dentro do íntimo do bebê, caso contrário, o risco se torna abandono e, logo, angústia.

Algumas mães sofrem dificuldades durante o período da preocupação materna primária, afetadas por eventos da vida adulta ou por alguma forma de adoecimento emocional, portanto não estando disponíveis emocionalmente às crianças ou não compreendendo seus próprios excessos (Winnicott, 1960).

Os aspectos ontológicos do respeito, da ordem e desordem, da segurança e do risco (Weil, 2001) podem ser compreendidos como fundamentos convergentes dentro da teoria do amadurecimento emocional em Winnicott (1983). Pode-se interpretar que a possibilidade de a criança habitar o mundo de forma integrada, dentro de sua própria corporeidade, no tempo-espaço, em acesso a transicionalidade, subordina-se ao respeito como condição do amor.

Segundo esse vértice psicanalítico, durante a fase de dependência absoluta, o bebê, a princípio, é totalmente entregue à experiência de vulnerabilidade do cuidado materno. Ele na realidade não existe, mas sim, é extensão de sua própria mãe, pois ainda não há a formação de um *self* estruturado. O toque da mãe, o corpo que ampara, os sons e ritmos que a mãe emite, todas essas condições corporais do cuidado serão o pano de fundo que organizará todo o princípio que possibilitará a criança habitar seu corpo (Winnicott, 1983).

A possibilidade de a criança habitar, organizar-se em um espaço-tempo, subordina-se à frequência e à disponibilidade de um ambiente suficientemente bom. Esse é um dos primeiros

passos para que uma criança possa vir a existir de forma integrada, pois não é possível habitar o mundo sem a experiência de organizar-se em uma temporalidade (Dias, 2000).

Durante a fase de dependência absoluta, é a profícua sintonia dos cuidados maternos em consonância às necessidades físicas da criança, como a fome, o frio, as excreções e outros desconfortos gerais, que aos poucos irão marcando o bebê, de forma que, através da corporeidade, a presença se torne registro e base do que um dia se tornará a memória. “Fazendo assim, a mãe propicia que o bebê seja iniciado na periodicidade do tempo, tendo como matriz o seu próprio ritmo, o ritmo corpóreo” (Dias, 2000, p. 175).

Para Weil (2001), a possibilidade de vivenciar o risco é central. O risco é o enfrentamento paulatino das desventuras da vida, é enfrentamento sem agonia. Conforme viés psicanalítico de Winnicott (1975), mediante certo nível de vivência dos cuidados ambientais a mãe irá instintivamente falhando às demandas da criança. Esse é o ponto essencial do princípio de realidade, são as falhas graduais, dentro daquilo que a criança consegue tolerar, preservando a presença materna dos momentos de espera, que irá rumar à fase de dependência relativa, onde se inicia um princípio do não-ser.

A raiva, porém, possui outra natureza, ainda enraizada nos mesmos princípios. A raiva sustenta-se na experiência da frustração ambiental, assim como é afastamento do sentimento insuportável da culpa e da agressividade contra o objeto de amor. “Se a cisão dos objetos em bom e mau realmente ocorre, o sentimento de culpa é atenuado, mas em compensação o amor perde uma parte valiosa de seu componente agressivo, e o ódio torna-se mais explosivo.” (Winnicott, 1950/2000, p. 292). Dentro da perspectiva do autor, existem diversas formas defensivas que uma criança pode organizar mediante a falha ambiental que acarretará manifestações de agressividade compulsiva.

Quando uma criança já angariou certo nível de maturidade de si, ao se defrontar com constantes brigas parentais, ela tenderá a ficar fixada nesta experiência, certa quantidade de energia é investida no controle da internalização dos pais em briga e em determinados momentos a criança passará a se portar como se estivesse sendo possuída pela triste experiência testemunhada. “[...] ela age de modo compulsivo agressivo, desagradável, “irracional”, delirante.” Nesse cenário, o autor aponta que há somente duas saídas para a criança que testemunha a violência. A primeira é atuar a condição infausta que é abrigada dentro da sua personalidade, por isso ela provocará brigas, reencenará aquilo que foi introjetado dentro dela. A segunda maneira está no campo das projeções, para a gestão de seu próprio mundo interno e preservação daquilo que considera bom dentro de si, ela projetará para o mundo externo sua agressividade (Winnicott, 1950/2000).

Para Weil (2001), a ordem é fundamental para que o homem possa habitar o mundo, é uma necessidade da alma, segundo suas conjecturas filosóficas, a organização subordina-se ao cuidado e o respeito. Em Winnicott (2000), a organização do self, os processos maturacionais por sua vez relacionam-se à qualidade do ambiente suficientemente bom ofertado à criança que é cuidada. A manifestação patológica desse aspecto humano atrela-se ao modo como o ambiente suficientemente bom é ofertado à criança, possibilitando a experiência de ordem necessária para a integração de si. No entanto, em caso contrário, a criança poderá se organizar como cisão em sua própria personalidade, com manifestações de atos violentos e compulsividade destrutiva.

2e - Considerações finais sobre Erínia e seus rituais: *eu de verdade acredito que o tempo é dinheiro*".

O ritual que marca o caso de Erínia era o da organização. Não tolerava que absolutamente nenhum objeto fosse modificado sem seu consentimento e odiava ter que realizar qualquer arrumação se não fosse ela a causadora da bagunça, caso isso acontecesse, era arremessada em uma situação agônica. A necessidade do controle perpassava para seu cotidiano, portanto cada passo que dava, cada compromisso, cada conta paga eram anotados em sua agenda. O domínio do cotidiano lhe dava a enorme sensação de bem-estar.

Conforme contribuições de Weil (2001), é possível conceber que existe dentro das bases fundamentais da subjetivação humana a necessidade de ordem. A ordem é força contra as desestabilidades do mundo, é campo relacionado à sensação de segurança que se destaca mesmo nos pequenos afazeres do cotidiano, com tarefas compreendidas como corriqueiras, até em questões fundamentais do corpo humano, como a fome, o frio e o desconforto.

Assim, segundo as contribuições de Weil (2001) e Winnicott (1950) os atos obsessivos através dessa narrativa podem ser compreendidos como uma prótese da necessidade de ordem, ordem essa que originalmente vem da relação mãe-bebê, organização básica que estrutura o ser humano na experiência de existir no mundo de forma integrada, dentro do tempo-espaço. A completa dissociação de Erínia mediante a falência do ritual pode comprovar esse ponto de vista, caso o ritual fosse quebrado caía em estado agônico manifesto através da mais pura fúria contra o mundo, contra seu passado.

Através da vertente de Winnicott (2010), é a corporeidade do ambiente materno que será incumbida de tal experiência de organização à qual a criança é subordinada. Os cuidados ofertados pelo ambiente suficientemente bom irão auxiliar que a criança se organize dentro do

espaço-tempo. A sensação de segurança que mantém a criança em sua continuidade de ser vem da possibilidade de ela preservar em si as lembranças dos cuidados maternos. Sendo assim, é possível compreender que através da preocupação materna, um profundo laço entre a mãe, ambiente e as necessidades básicas da criança, a ordem se desvela à criança.

A mãe de Erínia desde muito cedo tivera problemas com seu marido. Essa mulher nunca foi feliz em seu casamento, sempre tratou muito rispidamente suas duas filhas e utilizou as tarefas domésticas para castigá-las. O adoecimento materno era marco constante das narrativas de Erínia, não conseguia recordar em nenhum momento de sua infância os gestos de carinho de sua mãe. Lidar com sua própria mãe era como pisar em ovos, nunca conseguia saber o que esperar dela, na realidade, sempre esperava o pior.

Dentro do quadro apresentado é possível compreender a organização de Erínia como substituta da introjeção dos cuidados parentais. Para Erínia viver em experiência de segurança, habitando o mundo dentro do campo da Esperança, utilizava-se de um substituto protético e, como tal, de baixa serventia aos desenlaces da vida.

As tarefas domésticas que foram utilizadas como castigo por sua mãe durante sua infância e adolescência marcaram sua vida. A sensação de desprezo e humilhação foi tão grande que a remota possibilidade de ocorrer novamente a levava à desestabilidade e a crises de agressividade. Dentro do campo psicanalítico apresentado, é possível compreender que a agressividade é marca de que algo dentro do sofredor está cindido, de um *self* dissociado. Winnicott (1961/2000) já apontava que a questão do neurótico obsessivo está justamente dentro deste aspecto, em uma área cindida dentro do campo da personalidade.

Assim, mediante o amadurecimento da criança, a agressividade se torna parte da própria experiência do amar. É reivindicação ao mundo daquilo que era precioso e se perdeu, semelhante a uma tendência antissocial (Winnicott, 1987). A fúria é um grito ao universo daquilo que fora uma vez fundamental dentro dos processos maturacionais primitivos, e através do vértice do paradoxo, aquele que agride o faz porque se sente afrontado (Winnicott, 1950/2000).

Esse pequeno adendo teórico é revelado na dramática de Erínia, em seu cotidiano, sentia-se altamente ofendida por qualquer questão que lhe atravessasse. Caso alguém lhe desse um “*não*”, uma resposta menos cordial, um de seus clientes não agisse com educação, não conseguia conter-se e iniciava uma investida das mais sórdidas ofensas, semelhante à conduta de sua própria mãe.

Este é o ponto fundamental que pode ser captado dentro dessa narrativa sobre o surgimento dos rituais na dimensão clínica está no campo das introjeções. É possível notar que

devido ao adoecimento materno desde sua tenra infância, Erínia nunca havia conhecido o amor no campo das relações afetivas, somente o compreendia como provisão física e material. Mediante a falência da relação de seus pais que culminou no castigo através dos afazeres domésticos, semelhante à história da Gata Borralheira, a Cinderella, a sofredora perdeu completamente sua organização psíquica, portanto usar os rituais foi sua única opção como prótese da organização emocional.

Dentro do manejo clínico, as interpretações lhe causavam enorme mal estar e movimentos de resistência ao processo terapêutico, sentia-se julgada quando interpretada, quando comparada à sua mãe. A animosidade na contratransferência demonstrava isso, quando ela repetia *“hoje eu te odeio muito”*, porém jamais deixou de comparecer a nenhuma sessão. Ter um confidente, um interlocutor que estava disponível a ela foi ponto fundamental. O acolhimento e apreciação ao invés da interpretação dos conteúdos inconscientes era fulcro de seu tratamento e de sua melhora. Se a agressividade também pode ser compreendida como manifestação das tendências antissociais, a busca por afeto e compreensão era vital, então foi ouvida.

Erínia sentia-se profundamente sozinha, mesmo em sua relação conjugal, ou, melhor dizendo, trazia a sensação da solidão e da miséria que havia marcado profundamente sua alma e, como aspecto traumático, não importavam os investimentos e declarações que seu marido fizesse, ou a quantidade de dinheiro que acumulasse, sempre se sentia do mesmo jeito. Os rituais dentro desse vértice podem ser compreendidos também como síntese da dramática que vivenciava. Os rituais de jamais reparar algo que não fora ela quem fizera e os de nunca tocar um objeto que não fora mudado por ela refletiam uma forma de existir através da recusa da doação de si. Sua prática dinheirista, sua mesquinhez, a necessidade de anotar todos os seus gastos caminhavam nesse sentido. Mesmo o seu tempo não poderia ser desperdiçado, ela anotava com minúcia cada compromisso, pois *“eu de verdade acredito que o tempo é dinheiro”*, dizia ela.

Mesmo depois de 3 anos de trabalho terapêutico, Erínia não obteve melhora. As desventuras do cotidiano adulto, como as contas a pagar, os clientes que deviam para ela e as bagunças de seu marido eram constantes lembranças do desamor do ambiente parental, as quais a jogavam em profundo sofrimento. Devido ao estado defendido em que se encontrava, não se sentia acolhida no ambiente terapêutico e decidiu desistir de seu tratamento. Como nunca conhecera o cuidado, mesmo quando ofertado, não se sentiu apta a vivenciá-lo.

Assim, compreendi que os rituais de ordem buscam no externo uma necessidade de ordem dentro do campo interno. Os rituais em sua composição se formam como uma síntese de

toda uma dramática existencial peculiar, seus símbolos específicos trazem de volta aspectos de uma historicidade perdida, ao mesmo tempo, necessidade de revisitação da mesma. Uma necessidade humana do ambiente de amor uma vez perdido, compreendido especificamente por Erínia como as tarefas do cotidiano.



### 3 – OS RITUAIS DE PURIFICAÇÃO

*Sentia-me no limite do mundo; espreitando pela borda um caos insondável de noite eterna. Em meu terror ocorreram curiosas reminiscências do Paraíso Perdido e da hedionda escalada de Satã pelos disformes reinos da escuridão.*

*- H.P.Lovecraft, Dagon.*

3a – O protagonista Quíron, *“Por favor, fique atento, preste atenção em mim”*.

Essa é a crônica da jornada de Quíron e, como toda jornada, é cheia de riscos e de reviravoltas. Trata-se de uma travessia complexa e tortuosa em direção ao seu coração, até então nublado pelas vicissitudes de seu passado. Com 28 anos de idade, Quíron buscou ajuda no atendimento clínico encaminhado pelo psiquiatra por estar sofrendo com fortíssimas crises de angústia e extremas ideações suicidas. Já havia tentado se matar 3 vezes e em todas foi impedido por sua mãe que se manteve atenta ao sofrimento de seu filho.

Quíron havia passado por diversos tratamentos psicológicos durante toda sua vida, constantemente buscava ajuda em ambiente terapêutico. Segundo ele, fez terapia desde seus 15 anos de idade, porém nunca sentiu real eficiência nas abordagens pelas quais havia passado. Um aviso insidioso me ocorreu neste instante "por favor, fique atento, preste atenção em mim".

Seu corpo demonstrava um aspecto bastante desgastado, marcado pela total ausência de esperança na vida, aspecto mais que fundamental relacionado ao seu adoecimento, questão que o atravessou durante toda a vida. Assim, ao mesmo tempo em que Quíron falava em um tom de cordialidade constante, extremamente educado e atencioso, sua ansiedade transpassava às palavras. Uma torrente verborrágica, algumas vezes desconexas e confusas, movidas pelo mais infinito desespero, ele buscava possibilidade de acalanto, sedento e necessitado de presença humana.

Uma imagem clara pode ser captada em nosso encontro. O desespero pede por confissão. Sem conseguir manter contato visual, olhou fixamente os seus pés e revelou-me que tudo começou, pois se apaixonou por um de seus melhores amigos. Para um ser que fora forjado pela pura rigidez e deveres de uma igreja dogmática isso foi uma situação assustadora, um pecado inaceitável e a condenação ao inferno era algo certo, pelo menos era o que pensava. O

campo religioso para ele não era sinônimo de liberdade, mas um aprisionamento, como uma planta que cresce em um pequeno vaso e tem suas raízes atrofiadas.

*“Eu sinto que eu morri desde que tudo começou”*, lamentava-se Quíron. É sofrível ao ser humano abandonar suas certezas, quando as potências lógicas falham ante ao poder dos afetos, quando os mistérios se revelam frente ao mundo, a desestabilidade acompanha. Assim, Quíron, que se conhecia como heterossexual, casado há 7 anos, membro de uma rígida igreja, filho altamente obediente à vontade de seus pais, com altas habilidades sociais, calmo e sereno, havia se deparado com algo novo, inexplorado, um mistério para si mesmo e, como um recém-nascido, sentia frio e fome, estava confuso e perdido.

Não foi a neurose obsessiva que o levou para a situação clínica, nem mesmo o imenso sofrimento que enfrentava com a realização de seus rituais que desde a adolescência o afligia, neste ponto podemos afirmar que os seus mecanismos defensivos ainda sustentavam certa organização para seu ego, porém, quando os conteúdos os quais tanto lutava para nublar de si mesmo foram evidenciados, ele entrou em colapso, vivendo episódios de intensa ideação suicida relacionada com a descoberta de sua sexualidade através de um rompante.

*“Tenho a sensação de estar dentro de uma piscina, olhando o céu de dentro da água, enquanto o mundo passa, eu fico preso aqui”*, dizia ele. Seu sofrimento pode ser entendido como a não possibilidade de existir dessa maneira. Para cada situação de seu cotidiano enxergava apenas catástrofe e castigo, como se seu olhar avistasse somente um abismo. A esperança havia o abandonado completamente e Quíron estava em colapso absoluto, porém essa sensação não era algo novo para ele, apenas um aspecto mais insidioso do qual tinha parca consciência dentro de sua própria historicidade.

Quíron apresentava rituais desde os seus 15 anos de idade e para ele era como viver o inferno na terra. Dizer que precisava dos rituais era pouco, comportava-se como um escravo dos atos obsessivos. Precisava realizar o sinal da cruz em os batentes de portas antes de entrar em qualquer cômodo e, além disso, devia entrar com o pé direito, assim, não importava onde estivesse, sentia que estaria abençoado por Deus. Caso não conseguisse realizar seus preparatórios compulsivos, uma imensa ansiedade tomava conta dele. Esse aprisionamento, essa regra autoimposta pelos mistérios do seu inconsciente o atravessou durante toda a adolescência.

Devido a essa condição, ficava constantemente envergonhado, discretamente realizava seu gesto de forma que não fosse notado pelos seus colegas e nem por seus familiares. Com o tempo, ele refinou seu hábito a fim de que outras pessoas não percebessem sua neurose. Os toques nos batentes das portas tornaram-se cada vez mais ágeis, mais discretos, mais

imperceptíveis, assim como era sua própria forma de habitar o mundo, discreto, sigiloso, imperceptível.

Desde os 12 anos, o jovem Quíron tinha também outro ritual que havia marcado profundamente sua vida, o de limpeza. Esse garoto gastava cerca de 10 litros de álcool por dia, lavando suas mãos até machucarem. O medo de pegar alguma infecção por bactérias ou fungos era algo muito intenso para ele. A obsessão pela limpeza o desgastava, em sua casa lavava e desinfetava todos os talheres, pratos, o chão, o banheiro, absolutamente tudo. Perdia horas de seu dia nessa atividade, entretanto sem nunca encontrar a menor possibilidade de paz no que fazia. Toda vez em que terminava suas atividades, encontrava outra coisa para limpar. Diante disso, era considerado pelos seus próximos como um jovem que se importava com sua vida familiar, um jovem atencioso que tinha como intuito dividir as atividades domésticas, porém essa mesma família nunca percebeu o adoecimento pelo qual ele estava passando.

Recordava-se de outro gesto compulsivo. Aos 14 anos de idade, necessitava falar um sonoro “não”, com veemência, pois havia novos pensamentos que lhe incomodavam mais do que o medo de fungos e bactérias, um grande temor de contrair ou ser portador de HIV. Mesmo sem saber ao certo o motivo desses pensamentos, pois até sua vida adulta nunca teve relações sexuais com ninguém, a ideia de ser soropositivo atravessava a sua mente com desespero e terror.

Todas as vezes em que assistia às propagandas governamentais as quais passavam durante o período de carnaval sobre os riscos das doenças sexualmente transmissíveis, sentia-se altamente deprimido e aflito. Recordava-se que em uma aula de biologia a professora havia lhe dito que o vírus do HIV poderia se manter incubado durante uma década e nesses casos, seria imperceptível para testes convencionais. Aguardou então o enorme período de 10 anos e, quando completou 25 anos de idade, realizou um teste de sangue, que, para seu alívio, foi negativo.

Quíron sempre foi inimigo dos pensamentos, sua mente não era um ambiente de repouso, não existia possibilidade de encontrar-se tranquilidade em sua alma, seus pensamentos não eram uma construção criativa para si, quando fechava os olhos deparava-se com horrores os quais seus pensamentos lhe ofertavam. Constantemente profanas imagens perpassavam sua mente, algo que era chocante e aterrador, que ultrapassava os limites que conhecia como bom senso e moralidade. Ele imaginava Jesus Cristo e Nossa Senhora tendo relações sexuais. Em algumas circunstâncias, imaginava o próprio demônio se deitando com o Cristo. Não conseguia entrar em uma igreja sem que imaginasse os santos e anjos relacionando-se.

Para ele, que teve uma rígida criação religiosa, a existência desses conteúdos ultrapassava os limites da moralidade e ética cristã. Tremia monstruosamente quando essas imagens se tornavam nítidas em sua mente e acreditava que sua alma estava condenada ao inferno, já se imaginava caindo em danação pela vida eterna, por isso, mediante qualquer possibilidade de falha moral, sofria.

Um outro aspecto importante dentro da sua historicidade durante este período de sua vida está também dentro do campo religioso. Em sua infância ele via a figura fantasmagórica de uma menina:

“Eu não me recordo ao certo o período da minha vida que eu a via. Eu acho que eu deveria ter cerca dos 12 anos. Ela vinha durante as noites, ela se arrastava como uma paraplégica durante a noite, ela tinha o cabelo cumprido, ela simplesmente queria me matar. Isso foi complicado pra mim, porque me dediquei ainda mais dentro do trabalho religioso tentando expurgar esse fantasma da minha vida, minha mãe me levou em vários lugares pra eu conseguir me livrar disso, eu nem dormia, eu precisava dormir junto com a minha mãe todas as noites”.

Dos 15 anos até a idade adulta dedicou-se ao trabalho religioso como forma de exorcizar sua mente. Frequentava compulsivamente a igreja, assim como centros espíritas, compreendendo, a princípio, que estava sendo atormentado por entidades malignas. Acreditava que existia uma espécie de entidade que atormentava sua vida. Sentia que se fizesse algo que contrariasse as vontades de Deus, que se por algum momento faltasse com ética com alguém, se a linha da bondade se rompesse, não teria mais a proteção divina e essa entidade o perturbaria cada vez mais até destruí-lo. O que começou com apenas um medo repentino, foi tomando proporções enormes em sua vida. Durante um grande período de tempo participou de diversos rituais espíritas a fim de se livrar dessa entidade.

Seu ritual de proteção, o constante sinal da cruz nos batentes de portas, buscava a possibilidade de habitar o mundo de maneira segura, de angariar para si uma paz que não tinha dentro de sua dimensão psíquica. Era, então, enlouquecedor para ele ter uma vida religiosa e conseguir aguentar os flagelos mentais que o açoitavam. Entretanto esses pensamentos sobre o profano e a entidade zombeteira que lhe aterrorizava mostravam muito uma parte de seu próprio passado que continuava nublado.

A mãe de Quíron sempre foi uma figura extremamente doce e delicada por quem guardava extremo amor e carinho. Os afetos que tinha por ela sempre foram dentro do campo da idealização, era seu modelo. Extremamente trabalhadora, muito divertida e delicada, sempre foi o núcleo, a pedra de torque da dinâmica familiar. Nunca angariando absolutamente nada

para si, somente se dedicando a sustentar a família como cozinheira, lembrava de sempre vê-la acordando muito cedo enquanto todos ainda dormiam. Essa mulher havia vivenciado a extrema pobreza em sua infância e o descaso de seus pais. Pelo que se recordava de ter ouvido de acordo com as memórias de sua própria mãe, ela havia começado a trabalhar ainda muito cedo, aos 12 anos de idade, na cozinha de um grande restaurante nas redondezas de sua cidade de origem.

Em compensação, Quíron guardava enorme rancor de seu pai. Menosprezava seu progenitor e o considerava uma pessoa egoísta e de conduta desprezível em relação à sua esposa. Diante de uma mãe adoecida pelos anos e de um pai leviano de suas responsabilidades familiares, ele era incapaz de conter suas angústias, pois sua família não possuía capacidade de acolhimento para o seu sofrimento, o olhar de acolhimento que seria um bálsamo para suas feridas era escasso.

Quíron alegava que sempre fora uma pessoa introspectiva e odiava se expor socialmente. Em sua adolescência detestava que o tocassem fisicamente e quando isso acontecia, instabilizava-se instantaneamente. O toque em sua pele não era uma experiência de ternura ou afeto, mas sim, sinais de invasão. Dentro da sua concepção consciente, considerava o período do colegial o pior momento de toda sua vida, porque por um longo período foi alvo de *bullying*<sup>16</sup> de colegas de escola. Lembrava-se com bastante raiva de se tornar o centro das brincadeiras dentro da sala de aula. Sua fala oscilava entre a fúria e a melancolia quando relatava os pormenores das piadas que escutava das pessoas.

Relatava as ofensas uma por uma, sabia os nomes de todos os seus agressores. Listava-os com rancor, algo que não parecia pertencer a sua própria personalidade, recordava-se amargamente das brincadeiras que sofria em ambiente escolar. É terrível é ao jovem ser rejeitado pela sua comunidade, existe a sensação dos olhares que condenam, uma ideia sobre si mesmo que se molda através da convivência social. Dentro do campo transferencial o ódio e a melancolia emanavam de suas palavras.

Lembrava-se de um dia em particular, quando a diretora de sua escola esperou que saísse da sala de aula para dar um recado para o restante de sua turma de classe: *“não mexam com ele porque ele é frágil”*. Tal recado foi motivo de maior exposição para ele. Os colegas de sala o chamavam de gay, doente e louco. *“Eles não sabiam o quanto eles tinham razão”*, suspirou Quíron em um tom melancólico.

Sem defesas, foi identificado facilmente por seus colegas como um fácil alvo de piadas. Esse foi um sofrível período para ele, por isso todos os dias, antes de ir à escola, chorava, tinha

---

<sup>16</sup> O termo remete-se a língua inglesa da palavra “Bully”, valentão, briguento, encrenqueiro (Landau, 2005).

crises de ansiedade e isso durou anos. *“Acho que comecei a ficar medroso nesse período, porque comecei a ficar bastante paranoico, sentia que as pessoas me odiavam, acho que comecei a pensar no suicídio nessa fase, na realidade, comecei a sentir, fato é que isso nunca passou”*.

Como é fundamental na existência humana o respeito e o reconhecimento de si através do olhar do outro! Um outro que fomenta suas potências. Mas ao contrário, sentia-se rejeitado por todos, não amado, um verdadeiro pária que não conseguia achar um porto seguro. Então optou pela solidão. Os afetos predominantes em suas relações comunitárias eram a desconfiança e a certeza de que em algum instante seria destruído e ridicularizado.

Essa experiência de anos só o fez confirmar suas dificuldades, assim, aprendeu que ser homossexual era algo errado e digno de retaliações, havia, portanto, mais pedras em seu caminho. Sempre se apaixonava por colegas de sua turma, porém mantinha-se em silêncio, na realidade, era uma força para além disso, depois de um período essa paixão era levada a um campo que conseguia tolerar, o da amizade, assumindo novamente uma postura heteronormativa.

Quando adulto, jamais conseguiu permitir-se viver uma relação com um homem, mesmo depois de ter “descoberto sua sexualidade”, pois a sua historicidade compunha todas as relações do campo homoafetivo como sinônimos da violência e exposição. Essa ligação tinha um triste fundamento, uma última peça ligada a todo o adoecimento que o acompanhou de forma insidiosa durante sua vida. Uma última nota de um triste acorde, a última pincelada que tece a obra.

O ponto central de seu sofrimento estava em um terrível evento que vivenciou em sua infância. Esse sofrimento era o ponto de ligação entre o ódio que sentia de seus pais; sua impossibilidade de aceitar sua orientação sexual; a relação que estabelecia entre sexualidade e violência; os pensamentos invasores que emanavam a imagem do sagrado e o profano; a sensação de sujidade ligada aos rituais de limpeza; e ao temor de ser soro positivo.

Dos 8 até os 10 anos de idade Quíron fora vítima de violência sexual por um adulto ligado à própria família. Essa experiência monstruosa fora o núcleo de seu adoecimento e o afetara durante toda sua vida. Jamais, enquanto adulto, conseguira ter uma experiência sexual plena, pois mesmo que não tivesse consciência, isso retomava condições há muito tempo reprimidas e o guiava a crises intensas de ansiedade e ao choro compulsivo.

A marca que estava guardada a 7 chaves em seu inconsciente, o enigma que seu ego havia encaminhado às trevas do esquecimento regressou quando, em sua vida adulta, se apaixonou por um amigo e declarou-se. Talvez esse tenha sido o momento em que teve a maior

capacidade e tolerância para aguentar seus conteúdos, enfim, também foi como cortinas que se abriram ao infausto da infância.

Junto à possibilidade de amor, vieram as memórias contra as quais lutava para jamais ter acesso, então se lembrou do nome de seu agressor, das roupas que usava, dos cheiros, do corpo, do evento com uma lucidez catastrófica. As feridas do sofrimento abertas secretaram angústias.

Quíron caiu em um surto de natureza dissociativa que durou um período de um ano, pois em sua fantasia havia se tornado o agressor que o violentou durante 2 anos em sua infância. O mal-estar o acompanhava, e em uma de suas fantasias imaginou que todos sabiam que ele era homossexual, que seu destino estaria condenado à solidão, iria perder tudo, amigos, familiares, seu emprego, absolutamente, tudo iria ser retirado dele.

Encontrava-se em constante sofrimento, dentro da impossibilidade do viver em experiência de Esperança. Não existia meios de se reorganizar frente a essa crise, não existiam formas de ser feliz, não existia para si a remota chance de ser amado por alguém, pois se sentia horrendo, deformado e monstruoso, seu único caminho era o suicídio.

O suicídio gritava em polifonia. Era evidente que desejava o suicídio a fim de parar a dor que sentia, por outro lado, a morte o impediria de reviver momentos semelhantes à exposição que o atravessou durante o *bullying*, através dos atos agressivos contra si evitaria tornar-se um agressor como aquele que existia em seu inconsciente e por fim a última face da morte é aquela em que ainda reside um pouco da esperança, o suicídio visto como recomeço, mesmo estado de silêncio absoluto paralelo à condição do nascimento.

Quíron acreditava que a doação desmedida era um caminho para sua salvação. Espelhava-se no exemplo do Cristo que fora crucificado para expurgar os pecados do mundo, portanto Quíron precisava seguir o mesmo caminho, sacrificar-se para expurgar tanto seu passado de violência de dentro de si, quanto sua verdadeira essência, não somente como homossexual, mas sim como ser que deseja, que pode se apaixonar e viver um romance, que pode ser notado, gastar dinheiro, dar problemas, arriscar um sonho, que vive em experiência de liberdade e em comunhão com o outro.

*“Eu nunca realmente existi, isso era um boneco, uma marionete que percorreu a existência, você tem ideia de quantos anos da minha vida eu perdi? A hipocrisia que eu sou? Eu não sei direito nem por onde começar...”*. Assim começou sua vida, com sofrimento, parte do próprio nascimento. Sua existência nesse mundo parecia ser um misto de tormento e fragilidade. Pensava em si como um dente-de-leão frente à ventania, mediante a qualquer possibilidade de entrave, de confrontos e de atravessamentos, fragmentava-se no mais puro

sentido do desespero e do medo da aniquilação. Porém, ainda sim, havia um sopro de vida, como no nome da própria flor, um pouco de leão habitava essa pessoa.

*3b - Algumas considerações sobre Quíron: “Eu não acho que alguém possa amar uma coisa como eu, quebrado, disforme”*

Na mitologia grega Quíron era um centauro, filho de Gaia, a personificação do próprio planeta Terra e do próprio tempo. Diferente dos outros centauros, ele dedicava-se à cultura, à arte, aos ensinamentos, sendo conhecido como o tutor dos heróis e como o pai da medicina. Uma flecha envenenada causou uma cicatriz que jamais se fechou, por isso iniciou uma busca para curar-se. Durante o caminho, fez uso de seus conhecimentos para ajudar todos os miseráveis no caminho, porém jamais curou sua própria ferida (Commelin, 2001).

Como o hermenauta que mergulha nos mistérios de uma nova história que se desvela, muitos são os aspectos que atravessam a alma e compõem o adoecimento psíquico. As verdades que se revelam frente ao homem durante a sua vida são terríveis, a obscuridade do inconsciente, ou melhor, segundo as contribuições de Safra (2014), de todas as camadas existenciais compõem a subjetividade humana.

Em diversos momentos de sua historicidade houveram períodos difíceis e ninguém para compartilhá-los. O adoecimento materno durante sua tenra infância lhe trouxe conseqüências, a violência sexual que o impediu de um desenvolvimento normal deste importante campo ao ser humano, o desrespeito e a exclusão em sua vida escolar que o fez desconfiar de suas próprias qualidades, o impelindo a sentir-se feio e disforme e finalmente, a obrigatoriedade de assumir uma farsa para si como homossexual, foram essas as forças que esfarelaram sua existência. Vestir um escafandro pesa, respirar por canos e bombas para adentrar em um ambiente hostil cansa, existir lhe demandava muita energia, e isso era parte também de seu adoecimento.

A vida intelectual foi para ele um porto seguro e, apesar de toda uma fachada social, jamais se permitiu relações interpessoais. Ocupava-se constantemente com seu trabalho em um hospital público e quando adulto e durante seus momentos livres se dedicava ao trabalho voluntário, cuidava dos outros da mesma forma que sua alma necessitava de cuidados para si. Concebi o sentido que fazia do trabalho voluntário, cuidava dos outros assim como gostaria que fosse cuidado, ao mesmo tempo, como paradoxo, sua doação para o mundo revelava-me sua falta de investimento em si mesmo, como um moribundo que se desliga de suas coisas perto do momento de sua morte.



A leitura e o campo artístico foram seu modo de fugir do mundo. A sensibilidade era um aspecto genuíno, seu espírito era aberto ao campo do sentir, imerso pelo estético, pelas tantas dramáticas existenciais que o perpassavam. Seu gosto pessoal o guiava especificamente ao mórbido, ao soturno e ao gótico. Passava grande parte do seu tempo dedicado à leitura dos trabalhos de Edgar Allan Poe<sup>17</sup>, o grande romancista norte americano, mestre do suspense que se debruçou intensamente sobre temas como a morte e o sinistro. Era possível sentir em seus diálogos o tino melancólico que habitava o seu ser, quase um grunhido de quem sente dor, uma consonância com a morte que de tantas formas já havia sentido.

Eram evidentes os danos que o trauma sexual lhe causou. Durante toda sua vida, jamais acessou a sites de pornografia ou teve interesses dentro deste campo, suas relações eram dadas pela dimensão da ternura, não praticando onanismo, porque considerava tudo isso “*sujo*”. Desconsiderava piamente que a sexualidade poderia ser compreendida como forma de vinculação, para ele este campo era uma lacuna, um vazio, sinônimo de sofrimento. Esse aspecto fora manifesto em diversos momentos em sua vida, tanto na sensação de sujidade e os rituais de limpeza, quanto no espectro que lhe atormentara o início de sua adolescência. Em suas palavras o fantasma: “*Vinha se arrastando, como uma paraplégica. Durante as noites eu a via, puxando seu corpo com os braços em minha direção, toda suja, com os cabelos sujos, eu tinha uns 12 anos quando eu via ela, eu precisava dormir com minha mãe de tanto medo*”. Compreendi que a manifestação da garota suja era algo além da inominável violência que sofreu, e também uma fortíssima identificação com a figura materna. Desde muito novo questões que envolvia o feminino e estavam aparentes, e retomando as concepções já trabalhadas de Rank (2013), manifestas como um duplo intolerável de seu *self*.

Quão complexo é o inconsciente. Junto com seu enorme sofrimento de sua crise inicial, e através da possibilidade de resignificar seus conflitos, seus rituais de limpeza cessaram, porém, deram lugar a outro, relacionado a sua estética. Ele não conseguia sair de casa sem um chapéu e protetor solar no rosto, se não conseguisse realizar essas duas condições, não conseguia mais sair de casa.

Se durante sua infância uma experiência precoce do campo sexual fora um marco do sofrimento, em sua adolescência as ofensas do *bullying* reforçaram seu grande temor pela existência, sentia as relações interpessoais como algo extremamente complicada e insegura e acima de tudo, sentia-se feio, praticamente, disforme, em outras palavras, inapto a qualquer

---

<sup>17</sup> O livro específico ao qual se referia era “Edgar Allan Poe: Medo Clássico (2017).”

peessoa se interessar afetivamente por ele, o que acabou por gerar em uma nova torrente de sofrimentos relacionados a possibilidade de ser amado.

*“Quíron: Eu preciso te confessar uma coisa, eu desejo morrer há muito tempo, todos os dias eu penso em suicídio, porque eu não vejo a possibilidade de continuar vivendo, eu sei bem que alguma hora eu vou ser destruído.*

*“T: Por que você acredita nisso?”*

*Quíron: Porque é só isso que eu conheço. Violência, humilhação, desamparo. E eu acho que a morte é a melhor das soluções, assim eu paro de sofrer. A grande verdade sobre mim é que eu sou um suicida. Ou melhor, eu estou morto há muitos anos, só que ninguém percebeu.*

*T: Por que você acha que você vai ser humilhado? Você percebe que você já foi, eu imagino o como deve ter sido horrendo pra você vivenciar todos os anos de humilhação, do bullying, a intensidade daquilo tudo que você não pode viver naquele momento retorna em seu presente, eu sei disso, eu espero que você consiga ver também, porque a vida é farta e há pessoas maravilhosas no mundo, se você se permitir conhece-las.*

*Quíron: Eu sou completamente deformado. Quebrado, louco e feio, não consigo me sentir bem socialmente. Prefiro ficar sozinho, é mais seguro pra mim, sinto que vou sofrer de todo jeito.”*

Como alega Safra (2004), existe uma área entre aquilo que é dito e aquilo que é impossível de ser acessado, um campo intermediário onde habita o mistério. Compreendi que os rituais fazem parte desse aspecto. Os gestos obsessivos como atrelados ao incognoscível, ao desespero humano frente a ignorância, aquilo que é inviável ao sofredor.

No final do trabalho terapeutico os rituais de Quíron se alteraram, os rituais de limpeza cessaram e em seu lugar outro surgiu. Uma questão central me atravessou a mente neste instante, por que novamente surgiram rituais obsessivos? Porque segundo Freud (1909/2013) é uma condição inata ao neurótico obsessivo seus desejos serem reprimidos pela presença de um superego cruel? Ou, através do viés de Winnicott, de uma abordagem voltada as questões interpessoais, para Quíron não existia ambiente de acolhimento adequado o bastante para que pudesse entregar-se em um estado regressivo e colocar suas questões mais fundamentais em movimento.

Este novo ritual que surgiu tinha haver com a estética. Quíron sentia-se a pessoa mais horrorosa do mundo assim, não conseguia sair de casa sem um boné e protetor solar, começou a investir muito de seu tempo em dietas e academia, mais do que tudo ser amado, porém, não fazia ideia de como, assim, criou novas lógicas protéticas que se direcionavam à possibilidade de experiências de amor. Segundo ele: *“Foi algo espontâneo que eu comecei a parar de gastar álcool e tomar banho sem parar, não me sinto mais sujo como antes, mas pelo contrário, me sinto cada vez mais solitário”*.

Compreendi que a questão em movimento estava nas formas de amar e se relacionar. Ele buscava com todas as forças de seu coração a possibilidade de vivenciar uma experiência de amor. Porém, tristemente,

3c – Transferência e contratransferência - O caminho da esperança: *“Meu quarto não tem absolutamente nada, só tem um colchão no chão e um armário”*

Quíron não via esperança na vida. Qualquer atravessamento que enfrentava se enxergava dentro do pior cenário, da catástrofe e destruição. Esse é um dos pontos que me saltaram como égide fundamental ao adoecimento emocional: a completa impossibilidade de habitar o futuro. Se alguma coisa errada acontecesse em sua rotina, ele se apavorava, tremia e chorava com o desamparo de um recém-nascido. Ele também não dirigia com medo de ocorrer algum acidente, não viajava com receio de precisar do dinheiro, eventualmente, não frequentava bares e festas com vergonha de se expor socialmente, assim, acabava absorvido pela demanda de seus pais e doava seus recursos com frequência. *“Meu quarto não tem absolutamente nada, só tem um colchão no chão e um armário”*. Na grande realidade, assim como seu quarto, Quíron encontrava-se há muitos anos em um enorme vazio e precariedade existencial.

Do ponto de vista transferencial, Quíron pedia por presença humana, um olhar que o auxiliasse a resgatar seu *self* verdadeiro mediante a todas as confusões que vivia em sua mente e, ainda mais, a quebra da identificação com seu próprio agressor. Porém, na realidade, ele era o oposto disso, somente preservando dentro de si o campo da ternura, tendo totalmente cindida sua própria sexualidade.

Como em um trabalho arqueológico, paulatino, e com a possibilidade de ofertar a ele um ambiente de acolhimento, cuidado e reconhecimento de sua própria singularidade foi encontrada a chave para amenizar seu próprio sofrer, assim como consta nas contribuições de Safra (2006a), converter a angústia infinita no tolerável do sofrimento, e aos poucos, alguém foi surgindo. *“Eu não faço ideia de quem eu vou me tornar, mas eu te garanto, vai ser melhor que aquela casca que eu era”*. Esse, porém, foi somente o começo de sua jornada, pois ele disse: *“Ainda tenho que aprender muito sobre a vida, sobre como me relacionar, sobre as pessoas, limites, na realidade, acho que eu sou um trouxa socialmente falando, ainda tenho medo de sair, de me expor”*.

Assim, segundo contribuições de Safra (2004), para que alguém exista no mundo é necessário o olhar que receba, que aponte a possibilidade de existência, e que através do encontro e da amizade como reconhecimento ético lhe dê boas-vindas ao mundo.

Um outro aspecto que me atravessou a mente foi o surgimento de seu segundo ritual, a compulsão estética. Dentro deste gesto captei o eclodir de um enorme desejo de se vincular, de vivenciar amores típicos de livros, ao mesmo tempo, um imenso temor de se relacionar com outro homem. Seus sonhos estavam tomados por tal conteúdo ambíguo, do desejo e do medo.

3d – Considerações teóricas sobre o adoecimento de Quíron: *“Durante muitos anos eu flertei com a morte, sentia-me morto”*

Segundo a perspectiva existencial teológica de Florensky (2010), o mistério quando eclode como a luz da revelação não é sempre uma experiência de leveza, muito pelo contrário, pode desestruturar aquele que confronta a verdade, por isso se descobrir pode ser um processo profundamente doloroso. Quando a verdade visita o homem é necessário que esse seja tão flexível quanto a cera que se fabrica uma vela. Viver a ruptura da identidade é uma queda em um abismo, esse tenebroso processo demanda um trabalho homérico de recriação de si. Quando Quíron percebeu sua identidade fragmentando-se frente a si, caiu em profundo sofrimento.

Um ponto fundamental à compreensão dessa dramática, segundo Winnicott (1961/1994), é a existência de um núcleo psicótico em cada neurótico obsessivo. Dentro da linguagem tecida pelo autor, não se trata meramente de uma questão de separação dos quadros patológicos, mas sim, pelo vértice existencial, uma verdadeira lacuna em sua historicidade que não pode ser realmente vivenciada pela criança, e assim, compreendida dentro do campo traumático. Além disso, é fundamental salientar a diferença entre os estados dissociativos da não-integração. Para que alguém venha a dissociar, é necessário que já obtenha certo grau de maturação dentro do desenvolvimento emocional, ou seja, vivenciar um ambiente suficientemente bom de forma a conseguir sentir-se integrar-se no tempo e espaço, personalizar-se, de maneira que seu *self* encontre moradia na sua própria corporeidade, e no âmbito da realização, a compreensão humana de que o mundo concreto não pertence às vontades do seu próprio *self*, mas sim, se relaciona com o mesmo (Winnicott, 1960/1983).

Ao adentrar em situação clínica, Quíron, encontrava-se em um estado dissociado da própria realidade. Persecutório com o que as pessoas iriam falar dele, aguardava por ser exposto e ridicularizado, sentia frio, tremia compulsivamente, não mais comia, já havia perdido 10

quilos devido à condição emocional em que se encontrava. Os pensamentos suicidas eram uma constante.

As feridas de Quíron foram a estrela vésper que criou seu mundo, de certa maneira, a impossibilidade do devir fora corrompido por essa mácula. Um dano que ficou dentro de seu coração por toda sua vida, e o fez incapaz de maturar sua própria sexualidade. Não encontrou espaço dentro de sua dinâmica familiar para se falar a respeito do ocorrido, da mesma forma sentia que esse mal lhe pertencia, pois uma criança que sofre algo inominável, dessa natureza, não precisa que alguém lhe informe que algo sinistro lhe ocorreu, a criança como ser da lucidez já sabe disso (Safra, 2009).

Quíron não tinha condições emocionais, muito menos recursos para lidar com o que lhe fora feito, assim, com todas as suas forças negou-se o campo natural da maturação sexual e prendeu-se dentro do registro da ternura tornando-se uma pessoa extremamente cordial e bondosa, acreditando que a sexualidade era algo infausto, somente se deparando com as verdades da sua própria historicidade através de um rompante.

Segundo ele, *“durante muitos anos eu flertei com a morte, sentia-me morto”*. Suas palavras expressavam a mais pura angústia a qual vivenciara. Aquilo que Quíron havia sofrido em sua infância o havia deixado eternamente marcado. A violência sexual que ocorrera aos 10 anos de idade inseriu-se nele como segredo, marca e barreira. Nunca foi possível encontrar um interlocutor, alguém de confiança para compartilhar suas dores e conversar a respeito em condição de real acolhimento.

Ferenczi (1992) debruça-se sobre um polêmico assunto a respeito da violência sexual e seus efeitos dentro do campo da subjetivação pelos princípios intrapsíquicos no paradigma psicanalítico. Uma criança que passa pela infausta experiência de violência sexual, devido à fase do desenvolvimento psíquico em que se encontra, não conseguirá ter defesas para enfrentar tal experiência, e diante disso adentra o domínio do extremo horror, assim, como forma retroativa, irá perder a consciência de si mesma e, logo, se identifica com o próprio agressor.

O termo identificação, dentro deste cenário, remete a um processo bastante paradoxal. O processo identificatório que a criança irá acessar servirá para negar o ocorrido, apagar da realidade vivenciada a presença de seu próprio agressor, enviando-o para o nublado e inacessível reino subjetivo. É uma tentativa de repreensão da experiência intolerável, semelhante a um estado de transe oriundo de um trauma. A criança violentada conseguirá manter-se dentro da dimensão da ternura, porém, devido aos processos identificatórios, assimilará para si a culpa do seu próprio agressor. A criança, que originalmente é terna, se sentirá culpada por causa de uma confusão instaurada. Ela não confiará no seu próprio

testemunho e sucumbirá a um sentimento vexatório, fruto de uma série de conflitos de natureza neurótica (Ferenczi, 1992).

*“Eu só queria morrer, sabe, queria que me deixassem em paz pra morrer, você tem ideia de como é difícil pra mim tentar me relacionar com qualquer pessoa? Era vermelha a camiseta que o desgraçado usava, era vermelha e eu me lembro até da estampa dela, eu me lembro do cheiro, você acha que é justo isso? Você acha que passar por isso é justo? Arrancaram uma parte de mim! Arrancaram muito de mim!”, confessou Quíron.*

O primado da problemática destacada por Ferenczi (1992) é a existência das múltiplas linguagens dentro da subjetivação humana. A criança, dentro do registro da ternura, um afeto que em seu sentido geral tange a dimensão do lúdico, possui suas particularidades bastante distantes do campo das pulsões instintuais de um adulto. É possível alegar que a criança violentada sofrerá por duas vezes, pelo trauma concreto que a impugna historicamente e pelas consequências emocionais da invasão psíquica pela introjeção do ego agressor, formando um possível cenário neurótico.

Durante um grande período, Quíron recorrera ao tratamento psicológico, porém nenhum de seus terapeutas prévios conseguiram sustentar tal situação. Para alguns, a extensão de um abismo só é captada em fragmentos, isso não era o bastante para ele. *“Eu dizia para uma antiga psicóloga minha, eu acho que sou gay, e ela me respondia, claro que não é, é só uma confusão sobre o abuso que você passou”,* relatou Quíron.

A negação de sua historicidade e a impossibilidade para suas escolhas foram sentidas como fomento de sua própria repreensão, misturando a experiência de ser homossexual e um abusador, mesmo tendo consciência da existência da forma terna com que se comunica com o mundo. Em sua dinâmica familiar, nunca fora capaz de encontrar porto seguro. Apesar de já ter tentado conversar algumas vezes com seus pais sobre sua intimidade, sobre a violência de sua infância e sua orientação sexual, escutava respostas como: *“não, meu filho, você deve ter reencarnado várias vezes como mulher e agora, como reencarnou como homem, você sente algumas confusões, é só isso”*. Seus familiares usavam do campo religioso para evitar o olhar da singularidade de Quíron.

A provisão do ambiente humano é fundamental neste momento para a criança traumatizada, porém nem sempre ela terá a credibilidade frente aos adultos devido ao limite dos mesmos. A criança que passa por tal situação não se revolta com agressividade ou ódio, mas sim, obedece ao abusador. Ainda dentro da questão da violência sexual, parte do *self* invadido

da criança irá se encontrar atrelado ao momento do trauma. Devido a isso, existirá a formação de um núcleo cindido, dentro deste paradigma teórico, significa um distanciamento dos conteúdos do ego redirecionados aos domínios inconscientes (Ferencze, 1992).

O segundo ponto que compõe toda a problemática vivida por Quíron se encontra no *bullying*. Desde sua quinta série até o primeiro colegial sofreu constantes agressões de seus colegas da turma, necessitou evitar se apaixonar por seus amigos. Dentro de uma perspectiva para além das contribuições psicanalíticas, a amizade é parte essencial da existência humana, não como um constructo psíquico, mas sim, aspecto ontológico fundamente da dimensão do ser. “Ela [a amizade] é acolhimento do nascimento do ser humano, o que permite um lugar de si entre os outros homens” (Safra, 2004. p. 125).

Assim, a humilhação direciona ao sofrimento, ela é fruto oriundo da segregação social em que o ser é impedido de compartilhar uma experiência comunitária como um todo, ele é visto pelos demais como indigno, ou seja, o resultado deste tipo de experiência tange o campo ético, aquele que enfrenta a humilhação sentirá “vergonha de si, que interdita os gestos que poderiam pôr em marcha a criatividade do paciente, tanto no sentido de seu devir, quanto para uma ação política que pudesse vir a transformar sua situação social” (Safra, 2004, p.141).

*“Desde muito cedo vivi o inferno, estou no inferno e ninguém nunca percebeu, eu só queria morrer, queria colocar um fim nisso desde muito cedo. Você sabe o quanto é triste para um jovem desejar constantemente o suicídio?”*, Quíron sempre repetia essas mesmas palavras em um tom melancólico e languido. *“Desde pequeno eu me odeio, me odeio mais que tudo no mundo”*, disse ele.

O *bullying* sofrido por Quíron agravou seus problemas sociais. Dentro das citadas concepções, uma fratura ética<sup>18</sup> é sentida pelo sofredor como impossibilidade da continuidade de ser e o viver criativo, que fomenta sua já agravada concepção de si devido à introjeção de um ego agressor, como alguém de extrema falta de valor, indigno de amor e untado pelo medo.

O medo e a morte fizeram parte de toda a dramática existencial de Quíron. Ele não dirigia, não se arriscava, não saía de casa, entre outras coisas. Segundo Winnicott (1963/1994), o medo encontra suas raízes naquilo que já fora vivenciado, porém não compreendido. Em outras palavras, quando uma criança enfrenta determinada situação, a qual ela não pode vivenciar, devido aos recursos emocionais que tem disponível no momento, a experiência insere-se dentro de si como inominável. O medo é paradoxo, pois é a necessidade de reviver o infausto aquilo que atravessou o sofredor, para assim trazer o oculto sob o domínio da fantasia

---

<sup>18</sup> Utilizo do conceito de ética conforme as contribuições de Safra (2004).

e compreender em sua própria historicidade. Porém, tamanho fora o insuportável de sua síntese existencial, que preferia a morte do que vivenciar novamente esses infaustos.

Este fora um ponto fundamental para a compreensão dos rituais obsessivos, aquilo que eles subordinam-se está dentro da dimensão das inúmeras variedades dos medos que podem assolar a dramática humana, e do pavor que os mesmos se repitam na dimensão do porvir, ao mesmo tempo, esse temer é uma necessidade inata de reavaliar uma condição passada, ainda não elaborada.

3e- Considerações finais sobre os rituais de Quíron: *“Meus rituais me davam uma sensação de bem-estar, sabe? Quando eu fazia meu treco com o dedo nas portas, o sinal da cruz, eu me sentia protegido, eu sentia que tava tudo bem”*

*“Meus rituais me davam uma sensação de bem estar, sabe? Quando eu fazia meu treco com o dedo nas portas, o sinal da cruz, eu me sentia protegido, eu sentia que tava tudo bem”*, relatou Quíron. Compreendi que os rituais religiosos do sinal da cruz ou as preces compulsivas pareciam com os pensamentos intoleráveis, a própria criação das imagens de Jesus Cristo se relacionando sexualmente com Nossa Senhora ou o Diabo, eram ao mesmo tempo manifestações simbólicas da violência sexual e do escândalo. Colocar as figuras máximas da concepção judaico-cristã em tal situação destacava a gravidade do que considerava a violência que lhe atravessou, e, também sua própria concepção da homoafetividade.

As contribuições de Freud (1907/1996;1909/2013) consoam naquilo que foi captado, é notório perceber que os rituais neuróticos são sempre acompanhados por pensamentos invasores, as ideias intrusivas conflitantes ao ego. Ambos os fenômenos neuróticos são duas faces de uma mesma moeda.

Os rituais de limpeza também derivam desse campo traumático, fazendo parte dessa mesma etiopatogenia, apenas alterando as influências simbólicas que tangiam o registro ontico, ou seja, de sua historicidade durante o período que os sintomas foram manifestos.

Também é coerente afirmar que dentro da minuciosa descrição clínica realizada por Freud (1907/1996) a respeito dos sansões dos neuróticos e dos conteúdos captados desta narrativa, os rituais são formas fantasiosas de resoluções para uma condição insuportável a si, na realidade, conflitos inacessíveis a si. Como alega Ferenczi (1992), condições relegadas dentro de todo um complexo sistema neurótico que irá perpassar a vida adulta. A questão central está em que o sofredor tentará, através do seu gesto, resolver um problema do qual não



possui a remota consciência com o que realmente está lidando, porém, é fator de imensa ansiedade para eles.

Assim, os rituais são simplificações de soluções de condições emocionais insuportáveis, ou melhor, inacessíveis. É muito mais simples ao ego buscar lavar as mãos ao invés de acessar toda uma dimensão traumática da qual o sofredor não conseguiu vivenciar, é mais fácil realizar preces compulsivas do que adentrar em todo um complexo defensivo criado para evitar conflitos emocionais, é mais simples ao sofredor criar lógicas deslocadas de seu conteúdo original para tentar lidar com aquilo que fora reprimido. Os mesmos conteúdos que se atrelam a manifestação dos rituais vazam para os outros campos existenciais do sofredor.

#### 4 – OS RITUAIS E A ESPERANÇA

*“Sem a pequena morte de toda a noite, como sobreviver à morte de cada dia?”*  
– José Paulo Paes, *Hino ao sono*.

##### 4.a - A protagonista Athena: *“Agente firme e não saia desse emprego”*

Foi devido ao estresse no trabalho que a jovem Athena de 27 anos adoeceu. Durante um período de dois anos, sofreu enorme pressão em ambiente de trabalho. Na realidade, seria incorreto dizer que sofria pressões, o que realmente vivenciou era mais uma situação de verdadeiro assédio. Constantemente cobrada por seus superiores, a ela era exigido muito mais do que era de sua devida função, vivia sob constante experiência de violência.

Por questões pessoais com a sua chefe, era atacada por intermédio das relações do dever. Havia pedido conselhos para a sua mãe sobre o que ela deveria fazer em tal situação, mas ela somente conseguiu lhe dizer “agente firme e não saia desse emprego”.

Desde que começaram os ataques dentro do seu ambiente de trabalho, perdeu completamente o sono. Sempre que tentava descansar, tinha pesadelos com o ambiente de trabalho: os deveres, prazos e cobranças lhe atravessavam tirando a sua paz. Seus pesadelos confirmavam isso, pois no campo onírico revivia essas perseguições.

As dificuldades que encontrava no trabalho eram parte de uma dramática que há muito já conhecia, muito semelhante à que enfrentou na faculdade. Seu período como universitária também não fora uma situação fácil. Durante a primeira universidade, seu colega de quarto iniciou uma série de piadas e brincadeiras bastante vexatórias contra ela. As brincadeiras tornaram-se cada vez mais violentas até que se tornaram algo intolerável, então ela se tornou solitária dentro da universidade, não tinha forças para confrontar seu agressor e pediu o cancelamento de seu curso. Assim se consolidaram suas crises de insônia.

Ao trocar de universidade, Athena se viu encantada por um jovem, nesse encontro vivenciou seu maior amor, dedicou-se intensamente a essa relação e, assim, por um período, viveu o amor. Porém, com o passar do tempo, as configurações dos desejos desses jovens não foram mais convergentes, e aquilo que era um projeto de vida para Athena se tornou uma relação bastante unilateral e, posterior a isso, abusiva. Flertava com o que fora o início da

relação e não com o evento atual, não conseguia se ver desvinculada desse amor do passado, sentia-se profundamente aprisionada nele.

Novamente sentia que tinha virado piada dentro da sua turma e da universidade. Sentia-se humilhada pelos comentários de seus colegas e aos poucos se isolou do convívio social. Sua insônia ainda era presente. Foi também durante este período que começou a se tornar mais agressiva com as pessoas. Um aspecto que não fazia parte dela, porém foi a única forma que encontrou de se defender frente a tamanha sensação de humilhação. “O mundo me fez ter um coração peludo”, dizia sempre com um sorriso melancólico, fazendo referência a uma passagem dos livros de Harry Potter<sup>19</sup>.

As experiências do mundo concreto a fizeram crer em um mundo solitário. Depois do rompimento com seu ex-namorado nunca mais conseguiu se aventurar em um novo romance. Aos poucos tornou-se introspectiva, somente mantendo relações com seus amigos de infância, não permitindo a aproximação de nenhum novo conhecido. Fechou-se ao mundo como forma de não se decepcionar novamente, assim era muito mais seguro.

O livro favorito de Athena era a peça *“Entre quatro paredes”* de Jean-Paul Sartre (1944/2007). Essa obra conta uma ótica do plano infernal diante de duas perspectivas essenciais, a primeira sendo o inferno a impossibilidade de descansar. Os condenados que iam para o inferno não podiam dormir e nem conseguiam piscar os olhos, eram obrigados a ficarem atentos e despertos o tempo todo, mesmo o microssegundo do piscar era inexistente nesse plano, nenhum alívio, nenhum descanso. O excesso de pensamentos é infernal.

O outro marco da danação que é possível captar dentro dessa obra literária está na conclusão e máxima de Sartre: *“o inferno são os outros”*. Os 3 protagonistas da obra atormentam uns aos outros devido aos seus próprios defeitos morais, não havendo a necessidade de que um demônio cumprisse esse papel. Esse livro metaforiza os sofrimentos de Athena de forma bastante minuciosa. Essa peça fala das relações humanas comparadas a relações infernais. Relacionar-se é ser torturado pelos caprichos do outro, assim como fora no período de faculdade e na sua grande decepção amorosa que a assombrou durante anos. Ao mesmo tempo, fala sobre uma preocupação sobre o pós-vida, o grande trauma que atingiu a dramática de Athena.

Desde muito nova sempre foi a aluna número 1 de sua classe, bastante dedicada à leitura e aos estudos. Quando era criança, Athena tinha uma excelente relação dentro de sua casa, seu

---

<sup>19</sup> A referência realizada pela paciente vem de um livro da escritora J.K.Rowling, “Os contos de Beedle, o Bardo” (2007), série derivada da franquia de romances infanto-juvenil intitulada “Harry Potter”.

pai foi um homem extremamente afetuoso e presente, assim como sua mãe. Seu pai trabalhava em uma cidade vizinha, sempre chegando muito tarde a casa. Ela esperava todas as noites ele chegar.

Com um melancólico Athena desabafou: *“Eu jantava duas vezes só pra conseguir jantar com ele”*. Era fundamental para ela a presença do pai, havia sempre muita felicidade quando falava sobre suas memórias da infância onde ele ainda habitava.

*“Porém certa noite ele não chegou para jantar”*, Athena se lembrava com prodigiosa minúcia sobre o dia do ocorrido. Fora acordada pela sua mãe em prantos com a notícia de que um acidente havia acontecido, com toda a sensibilidade de uma criança, ela instintivamente sabia o que havia acontecido. Seu pai sofreu um acidente na estrada e veio a óbito. *“Eu passei meses esperando ele voltar para jantar”*, disse Athena. Depois disso foi aprofundando-se cada vez mais nos estudos e na literatura. Esse fora o marco de seu adoecimento, assim começou a sensação de ameaça que seria a base dos rituais de checagem.

A morte de seu pai fora um ponto crucial de seu adoecimento, afetando seu passado e seu devir. *“Eu fico imaginando como seria minha vida se meu pai estivesse presente, tenho certeza que seria meu melhor amigo”*. Esse acontecimento também mudou assim como toda sua dinâmica familiar: *“minha mãe se tornou uma pessoa mais fria, focada no trabalho, afinal de contas, ela tinha que sustentar duas filhas”*.

Os rituais de checagem acompanhavam toda sua historicidade, desde criança até a vida adulta. Precisava certificar-se constantemente, e sentir-se segura e somente conseguia ter essa sensação através das verificações, caso não as fizesse era impossível ficar tranquila. Athena relatava: *“eu sei que eu já verifiquei, mas é mais forte do que eu, eu preciso ir lá e ver de novo”*.

Seus pensamentos criavam enormes esquemas de possibilidades catastróficas no cotidiano que somente eram minguados mediante a este gesto empobrecido. Sua compulsão se expandia da checagem da boca do fogão até a revisão do carro. Rever milhares de vezes os documentos de seu trabalho, realizar um excesso de exames médicos, entre outras tantas coisas. Esse rito tornou-se um modo de vida, um jeito de viver guiado por lógicas subordinadas pelo medo da destruição. Os rituais de checagem exigiam minúcia e investimento de tempo.

O poder de racionalização e de verbalização de Athena impedia qualquer forma de diálogo dentro da situação clínica. Utilizava de enlaces lógicos e das mais refinadas retóricas para justificar a impossibilidade de ser feliz, de encontrar um amor verdadeiro, ou do porquê deveria permanecer em um trabalho que odiava.

4.b - Algumas considerações sobre Athena: *“Você não esperava que uma mãe solteira conseguisse criar bem duas filhas, né?”*

A deusa grega Athena era cultuada pelos gregos como sendo a futura sucessora do maior dos deuses do olimpo, Zeus. A deusa era a senhora da sabedoria, da inteligência e da racionalidade. Ela havia nascido não do ventre de um útero, mas de um galo da cabeça do próprio pai (Commelin, 2001). Athena recebe seu homônimo devido a seus atributos harmônicos à própria deusa, a inteligência e sua profunda relação com seu pai.

A Athena, a protagonista dessa narrativa clínica, sentia que o período da faculdade, em que sofreu o *bullying* de seus colegas; a traição de seu namorado; o assédio que sofreu no seu trabalho foram lhe convencendo da impossibilidade de existir em experiência de cuidado. Cada dano em seu retirava sua capacidade de dormir, seus conteúdos oníricos eram constantes pesadelos. *“Eu sempre sonho com gente morrendo, cenas de perseguição, homens armados, tiros, essas coisas, pra que dormir, né?”* Dizia ela em tom de piada.

A lógica dentro desta narrativa é forma de combater a sensação de pavor que lhe acompanhava desde muito nova. Athena criava esquemas altamente engenhosos para dar conta da ansiedade que habitava nela. Ao invés de lidar com essas condições emocionais as reduzia através da racionalização. Ao invés de lidar com o luto de seu pai e com a humilhação na faculdade, que fora obrigada a passar por conta de seu antigo relacionamento, transformava essas difíceis questões em outra coisa através da razão. Sentia que algo terrível estava acontecendo, compreendia que provavelmente era o gás de cozinha que estava vazando, ou necessitava verificar se estava tudo bem com o carro na garagem.

Constantemente fazia a revisão do carro, gastava muito dinheiro em sua manutenção, excessivamente trocava as rodas, morria de medo de que ele fosse roubado em cada esquina que parasse à noite, ou mesmo na garagem de sua casa. A imagem do carro retomava uma condição terrível de sua história: o acidente rodoviário que levou a vida de seu próprio pai.

Sua mãe neste período também adoeceu, não conseguindo sustentar emocionalmente suas filhas, tornou-se uma mulher distante e deprimida, ao mesmo tempo, bastante provedora materialmente. Para Athena seu pai lhe dava carinho e ternura já sua mãe, a praticidade e o conhecimento de mundo, em outras palavras, para ela, seu pai era o coração e sua mãe, o cérebro. *“Você não esperava que uma mãe solteira conseguisse criar bem duas filhas, né?”*, defendia Athena quando questionada sobre os vínculos e os cuidados que recebera de sua mãe durante sua vida. *“Ela era uma mulher dura, fazia o que podia”*, relatava.

Ela tinha uma relação bastante paradoxal com sua mãe. Ao mesmo tempo em que as discussões e brigas eram uma constante, jamais a culpabilizou pela falta de apoio e compreensão, sempre alegando: *“Ela fez aquilo que pôde, não posso exigir dela nada”*. Para sua mãe o cuidado era a provisão, não o afeto nem a ternura, devido a isso, Athena somente sentia segurança e amparo através de sua intelectualidade e de seus gestos compulsivos.

Athena havia passado por diversas situações bastante complicadas em sua vida que acarretaram a sua perda do sono. *“Foi durante a faculdade que eu comecei a ter dificuldades de dormir”*, falava referindo-se ao difícil término com seu namorado e às piadas que sofreu devido ao que se submetia em sua antiga relação. *“Minha mãe nunca fez nada, acredita que quando ela foi pra faculdade ela ainda ficou de papo com os caras que me zuavam?”*, comentou perplexa. Assim, a dificuldade de adentrar nos campos oníricos pode ser compreendida como um rompimento na experiência de transicionalidade, pois ela não vivenciava o estado de repouso na quietude do sonhar, mas um estado turbulento e atribulado da angústia no silêncio e na solidão (Safra, 2006a; 2009).

Ao longo dos anos, seu humor aos poucos foi se alterando. De uma criança doce e delicada, mediante as dificuldades da vida, tornou-se uma pessoa ácida e agressiva e fechou-se para todas as pessoas a sua volta. Suas relações tangiam o campo profissional ou somente antigas amigas de infância, não se permitia arriscar ser machucada por outras pessoas. Essa sua mudança gradativa pareceu-me resposta aos tantos rompimentos éticos que vivenciou dentro do campo da alteridade, o que segundo Safra (2004), é somente através do olhar do outro que o ser humano existe em experiência de alteridade, e logo, dentro da continuidade de ser.

Não é à toa que seu livro favorito era o trabalho do romancista, filósofo e teatrólogo Jean-Paul Satre (1944/2007) *“Entre quatro paredes”*. Que em todo o desenlace do texto, a dimensão infernal é retratada como sendo fruto das relações interpessoais adoentadas, assim como, a grande dramática dos personagens que estão condenados a danação eterna é a impossibilidade de fechar seus olhos e dormir. Este livro pareceu-me um resumo de toda sua trajetória e adoecimento.

4.c – Transferência e contratransferência – O caminho da esperança: *“Tem dias que eu odeio tanto você.”*

O campo contratransferencial foi um ponto fundamental para o acompanhamento de Athena, pois seu excesso de verbalização e de argumentos lógicos existia para que não pudesse

adentrar o domínio inconsciente, ao mesmo tempo, manifestação de uma enorme ansiedade que guardava em seu coração. Durante o primeiro ano de trabalho terapêutico muito pouco ousou falar sobre sua própria historicidade, somente verbalizava a respeito das questões do cotidiano e dentro do campo contratransferencial sempre trouxera um pedido por uma testemunha, alguém que ficasse do seu lado frente ao assédio que vivenciava no trabalho. Pedia por um amigo, pedia por um braço direito, alguém que tomasse partido e estivesse ao seu lado, porém sem nunca assumir que estava diante de tal experiência dentro do campo da ternura.

Com ajuda da situação clínica, conseguiu sair do emprego que tanto lhe fazia mal, assim Athena demonstrou grande capacidade de confiar. O ambiente terapêutico ganhou um novo significado para ela, não somente era um amigo, mas uma pessoa de extrema confiança, e como um presente que oferece como gratidão, permitiu-se falar a respeito de seu passado. Começou falando da faculdade, do seu antigo namorado e, finalmente, de seu pai, o marco de seu adoecimento.

A possibilidade de falar a respeito desses pontos tão fundamentais fora algo de grande serventia clínica, assim como de imensa fragilidade. Toda vez que a questão a respeito de seu pai, de seu ex-namorado ou do período de humilhações que passara na faculdade era trazida à tona ela desconversava, falava sobre questões do trabalho ou do cotidiano.

Após esse período, houve momento de grande animosidade. Falar sobre seu pai era falar sobre a falta, sobre as possibilidades das experiências não vividas e aceitar sua própria necessidade de cuidados, assim, dentro do campo contratransferencial, começou a se tornar bastante agressiva, chegando algumas vezes até a jogar almofadas em seu terapeuta. *“Tem dias que eu odeio tanto você, mas tanto, acho que nenhum paciente seu jamais te jogou coisas, né? Mas eu joga”*. Ainda assim, jamais faltou a nenhuma sessão.

Também senti como se ela colocasse o terapeuta no lugar que habitava, aquela criança que era “odiada”, aquela menina que jamais poderia procurar por cuidado ou ternura, que questionava suas qualidades como ser humano. Assim, sua agressividade falava a respeito das vivências de violência concreta as quais passou, falava sobre a forma subjetiva com que tratava a si mesma, assim como apontava para uma perda, uma perda muito primitiva e essencial, do suporte e do amor parental em sua infância e que o registro da amizade nunca fora hábil em suprir.

4.d- Considerações teóricas sobre Athena: *“Sabe, eu tenho uma sensação horrenda que me acompanhou a vida toda...”*

Através do prisma psicanalítico é possível compreender as diferenças e as aproximações dos fenômenos atrelados ao luto, porém essa condição também se aplica a um modo de vida, a extradição, entre outras situações que o homem se vê longe daquilo que conhece como familiar e precioso. Dentro do campo da saúde mental, ele é um processo natural em resposta à experiência de perda, sendo um estado passageiro. As características do estado melancólico são diferentes, em linhas gerais pode ser descrito como uma profunda dor e desinteresse pela vida, um desânimo intenso, incapacidade de se relacionar afetivamente, diminuição da autoestima de forma que a própria pessoa passe a ter sentimentos punitivos contra si própria (Freud, 1917).

O luto preserva algumas das características da melancolia. A falta de interesse no mundo e os pensamentos focados no objeto perdido são condições semelhantes, porém sem a questão que tange a própria autoestima. A realidade concreta comprova ao sofredor que o objeto amado não mais existe. A obsessão pelo objeto perdido rompe-se mediante aos dados da realidade concreta, através da linguagem metapsicológica, é uma hipercatexia do objeto perdido. Com uma análise minuciosa das lembranças, desejos e das possibilidades que o envolviam, ocorre um desinvestimento das energias libidinais e, aos poucos, através desse sofrível processo, o ego se vê novamente apto a buscar um novo objeto de amor (Freud, 1917).

Dentro dos meandros do campo psicanalítico freudiano é possível afirmar que o estado melancólico é o adoecimento do luto. A melancolia é um fenômeno relacionado à perda de um objeto de amor, porém não necessariamente morto, pode ter sido perdido como no caso de uma noiva abandonada no altar. Fundamental nesse vértice é perceber que não fora somente o objeto que se perdeu, algo a mais que não fora percebido ao nível do consciente também. A questão central do adoecimento melancólico, que se confirma perante os ataques de autocensura, está no conflito de seu próprio ego. O objeto amado perdido estava introjetado no próprio ego, os ataques feitos a si na realidade são direcionados ao próprio objeto perdido. Esse fenômeno tange a relação da ambivalência afetiva direcionada ao objeto de luto semelhante aos casos de neurose obsessiva (Freud, 1917).

Pode-se concluir que dentro das contribuições freudianas a questão central está na introjeção do objeto perdido. Enquanto no processo de luto as relações da pessoa com o objeto amado se fazem no campo do consciente, o processo melancólico destaca uma função introjetada ao nível inconsciente que habitava o objeto perdido.

Segundo as contribuições de Ferenczi (1909/2011), quando o neurótico introjeta um objeto, ele não somente o relaciona com este ao nível da consciência, ele arremessa ao seu interior uma parcela da própria realidade, fazendo tal objeto amado parte de suas próprias



fantasias internas. Esse mecanismo se deve a uma forma resolutiva para lidar com algum conflito dentro do mundo concreto, evidente no caso do fenômeno investigado, a negação da própria realidade em que o enlutado vive.

Uma mulher que teve seu marido preso, por exemplo, e se ataca cruelmente pelo ocorrido, na realidade, está investindo uma carga agressiva contra o próprio objeto de amor existente dentro de si. Os ataques contra si, que até então pareciam sem sentido, tornam-se inteligíveis frente à luz da psicanálise e aos processos de introjeção. Dentro da constituição do amor existe uma escolha objetal e, também um investimento da libido, mediante ao falecimento, ou a uma decepção essa relação será arruinada. No caso normal do luto, ocorrerá um processo da retirada desse investimento objetal e o direcionamento a outro objeto, porém no caso da melancolia isso não existe. A libido direcionada ao objeto de certa maneira fora reinvestida contra o próprio ego, por uma identificação com o objeto perdido (Freud, 1917).

Através das contribuições freudianas acima descritas é possível compreender o fenômeno da melancolia como desinteresse pelo mundo, a incapacidade de o sofredor adentrar-se na instabilidade da vida em busca de novos objetos de amores e a marcante perda do interesse pela realidade. Todas essas facetas do fenômeno do adoecimento melancólico compõem o que se pode compreender como a total ausência de esperança.

Sob um vértice fenomenológico existencial, a Esperança é vista como parte da constituição humana e não é fruto dos processos mentais, a esperança que sustenta e antecede os processos cognitivos. O ser humano é um ser aberto aos eventos ontológicos do universo e assim está em constante transformação. A Esperança é a ponte de acesso do homem à dimensão do porvir, é o desejo do homem de realizar-se no reino do amanhã. Dentro de uma leitura winnicottiana é possível compreender que a esperança é a transicionalidade que ocorre na dimensão do futuro (Safra, 2013).

Segundo as contribuições de Safra (2006b) é possível alegar que o evento da morte é paradoxo. O ser humano vivencia duas condições fundamentais atreladas à morte, a solidão do nascimento e do fim. Ambas são solidão, porém somente são toleráveis através da capacidade humana de armazenar em si a experiência de amor que vem da presença dos cuidados fundamentais em tenra infância. A presença converte as angústias da solidão na transcendência da solidão, na desestabilidade do silêncio, no repouso da quietude, na loucura da morte, na possibilidade de um recomeço, assim é coerente alegar que aquele que vivenciou o amor enfrenta a morte com Esperança na vida. Segundo Athena:

“Sabe, eu tenho uma sensação horrível que me acompanhou a vida toda. Quando eu estou sozinha ou quando eu vou dormir isso piora muito. Tenho a sensação de que dormir é morrer, mas não descansar igual fala a poesia, não me recordo agora, depois eu mando pra você, mas é uma morte de desespero, você me entende?”

Ainda de acordo com as contribuições de Safra (2006b), uma das faces da morte é a agonia. As agonias impensáveis vêm das tenras relações do cuidado, elas são fruto da falha da mãe, ambiente dentro do estado de dependência absoluta, momento este em que a criança mais depende dos cuidados. A agonia é a impossibilidade de se viver o tempo-espaço. O marco do enlouquecimento se atrela a questões como o nunca e o eterno, não existe a possibilidade de uma organização psíquica, o não viver dentro deste vértice relaciona-se à impossibilidade de maturação do *self* e, assim, o não habitar no mundo de forma integrada.

Para Winnicott (1975) a possibilidade de uma criança caminhar dentro dos processos maturacionais, sem cair em agonias impensáveis, em transicionalidade, está relacionada à vivência satisfatória dos cuidados ambientais primitivos. É através do forte laço da identificação gerada pela preocupação materna primária, na possibilidade de vivenciar o ambiente suficientemente bom, pelo cuidado primordial que irá preceder o gesto criativo e os fenômenos transicionais. Logo, podemos compreender que a marca do amor materno habitará a interioridade da criança. Os fenômenos transicionais são herança dessa fundamental relação e atrelam-se à possibilidade da continuidade de ser e, assim, o viver em experiência de esperança.

Conclui-se que dentro do paradigma freudiano, a dificuldade que o sofredor encontra para que a condição da perda melancólica seja tão mais agravante e de difícil resolução se comparada ao luto, está nos conteúdos reprimidos relacionados à perda. Manter o objeto perdido dentro da dimensão inconsciente o amor escapa à destruição. O trabalho melancólico tem seu desfecho quando a fúria direcionada contra si pulveriza-se, assim como quando o objeto introjetado é desprovido de seu valor e o ego percebe-se como acima do próprio objeto perdido (Freud, 1917).

Enquanto as conjecturas teóricas do campo freudiano se resguardam dentro das relações pulsionais e da introjeção objetal, as contribuições de Safra (2006a; 2013) e Winnicott (1975) se pautam no campo das experiências inter-relacionais. Podemos compreender que o estado melancólico dentro deste vértice pode ser vislumbrado como a ausência da possibilidade do viver em estado de esperança, ou seja, é a quebra da transicionalidade e continuidade de ser. Ponto traumático do evento humano em que as frustrações do mundo concreto venceram a memória dos cuidados primevos de forma a guiar o sofredor em direção a estados agônicos.

4.e- Considerações finais sobre os rituais de Athena: *“Foi durante a faculdade que eu comecei a ter dificuldades de dormir”*

Os rituais mais marcantes dentro da dramática apresentada através de Athena eram de verificação. A verificação baseava-se na deturpação das lógicas racionais de seu cotidiano que culminavam nos ansões dentro do campo da neurose obsessiva. A lógica, nesta dramática, torna-se simbolização da constante sensação da insegurança e do medo. A exemplo disso, todas as noites ela verificava se a boca do gás estava fechada, sequencialmente, verificava se a porta de seu carro estava trancada, mesmo dentro da garagem do prédio e antes de dormir checava se as portas ou janelas estavam bem trancadas.

Nas poucas noites em que conseguia dormir, sonhava que morria por envenenamento por vazamento de gás, sonhava que seu carro era roubado, ou sofria um acidente enquanto dirigia pela estrada, e em seus sonhos mais recorrentes ladrões invadiam sua casa. Seus rituais podem ser compreendidos como gesto realizado frente à experiência de vulnerabilidade e perigo, vivências essas que encontravam suas raízes em seu passado.

É possível alegar que o surgimento dos rituais em sua dramática começou através da união de dois pontos fundamentais: o falecimento de seu pai e o adoecimento materno. A perda do ambiente suficientemente bom durante a infância acarretou um insidioso adoecimento emocional. *“Desde cedo eu tinha umas manias estranhas, começou com organizar minhas coisas, minha mãe achava que era só zelo, mas eu já era bem louca desde criança”*, disse Athena.

A razão que acompanhava seus rituais eram próteses para a sensação originária de amparo e esperança. Não conseguia sentir-se segura, compreender a vida com fartura, encontrar felicidade nos riscos, ou simplesmente ceder ao repouso, uma sensação de instabilidade a acompanhava durante toda sua vida.

Assim, a melhora de Athena se deu através de dois pontos cruciais ao tratamento clínico. Como aponta a perspectiva fenomenológica, a razão subordina-se à experiência, em outras palavras, seus tantos temores sobre a vida eram forma de compreensão simbólica da sensação agônica que a acompanhava. O excesso do medo que era a chave de seu sucesso profissional e o perfeccionismo de seus trabalhos eram frutos das falhas do seu ambiente materno, somada à significativa perda de seu pai.

Um ponto fundamental do manejo clínico foi demonstrar para Athena que sua poderosa lógica também era manifestação sintomática. Esse ponto era de difícil manejo, pois seu excesso

de verbalização fora muitas vezes proposital para defender-se dos princípios de realidade e dos confrontos de seu terapeuta. Através da compreensão e do acolhimento, suportando suas intensas investidas contratransferenciais, foi possível depois de 2 anos de acompanhamento clínico, restaurar sua capacidade de vivenciar o mundo em experiência de esperança. A conduta de Athena aos poucos foi se transformando, aos poucos fora novamente se relacionando com novos amigos e vivendo investidas amorosas, seu relacionamento com sua mãe também ganhou maior consonância e houve menos discussões. Nunca fora pedido para que de forma veemente abandonasse seus rituais, todavia, espontaneamente, foi se vendo livre deles.

## 5 - O LUGAR DO RITUAL: O SILÊNCIO E O MEDO

*Teu segredo é tão parecido contigo que nada me revela além do que já sei.*

*E sei tão pouco como se o teu enigma fosse eu. Assim como tu és o meu.*

*- Clarice Lispector, Teu Segredo.*

### 5.a – O protagonista Tácito: “*Você me ama? Por favor, diz que me ama*”

Tácito tinha 25 anos de idade, considerava-se um bom filho, bastante atencioso com seus pais e sempre fez o possível para ficar perto da família. Teve a oportunidade de fazer uma universidade em outro estado, porém optou por estudar em uma próxima a sua cidade de origem. Sempre se relacionou com garotas que pertenciam a sua comunidade religiosa, e, claro, meninas que tinham o sobrenome que seus pais aprovariam, coisa comum em uma cidade pequena. Era uma pessoa que sempre buscou respeitar a vontade de seus parentes e o bem estar de sua comunidade, bastante estudioso e gentil, muito querido por seus amigos e conhecidos.

Admirava profundamente sua mãe, para ele, a matriarca idealizada era a pessoa mais íntegra do mundo. Essa mulher tinha um papel de destaque na comunidade religiosa da cidade onde morava. Seu pai, um homem muito provedor e de poucas palavras, extremamente trabalhador, vivia pela sua família e não media esforços para dar do melhor ao filho. Tácito tinha extremo orgulho de sua família e faria de tudo por eles.

Entendia que para ser admirado e amado tinha que oferecer o melhor de si. Sua compreensão sobre a condição do amor era relacionada à não existência de falhas. Considerava-se moralmente perfeito. Ia à igreja duas vezes por semana, sentia-se um verdadeiro servo de Deus.

Tácito era um rapaz de aspecto sereno e cordial, porém tinha momentos em que se perdia, era quando sofria com grandes acessos de raiva. Em sua adolescência lembrava-se de episódios muito vergonhosos para si, momentos de fúria que se iniciavam quando contrariado ou cobrado por seus pais ou amigos. Lembrou-se de que quando jovem chegou até a agredir fisicamente seu primo por conta de ciúmes de sua mãe.

*“Teve uma vez que minha mãe deu um presente para o meu primo, acho que a gente tinha cerca de oito anos de idade, eu nem lembro o que minha mãe tinha dado pra ele, eu só lembro que eu quase arranquei a orelha dele. Nossa! Eu me lembro que a minha tia me olhava com cara de ódio”.*

Em outro episódio, perdeu sua carteira e chegou a destruir os móveis de seu quarto em busca dela. Esses tristes acontecimentos terminavam em longos períodos de culpa e tristeza. *“Depois que essas crises passam, eu fico bastante chateado, eu fico muito decepcionado comigo mesmo”*.

Outro aspecto fundamental da história desse jovem era sua grande desconfiança da condição de amor. Para ter certeza de que era amado precisava de constantes confirmações no cotidiano. *“Você me ama? Por favor, diz que me ama”* era uma frase que constantemente dizia para sua namorada. *“Eu não faço ideia de como ela tem paciência comigo, eu mesmo não teria”*. Relatou Tácito.

Quando pequenos contratempos ocorriam, quando a namorada não podia estar presente devido a compromissos da faculdade ou familiares, sentia que o término estava próximo. Desejava que sua namorada estivesse sempre a sua disposição, exigia explicações para cada um desses pequenos rompimentos de compromissos, chegando a tornar-se chato e sufocante. Era um costume pedir explicações minuciosas para tudo aquilo que fugia de seu controle.

Outro aspecto fundamental dentro desta narrativa está no profundo vínculo que Tácito nutria por sua mãe, a união de ambos era algo notório. Segundo suas palavras:

*“Eu não consigo me imaginar vivendo sem minha mãe, nós sempre fomos grudados, unha e carne, tudo o que eu preciso ela me dá desde que eu sou novo, pelo menos é o que eu lembro, acho que no final eu fui super mimado, mas eu sou filho único, né? Então tinha que ser assim”*.

Era possível notar que o nascimento de Tácito fora como a vinda de um príncipe para toda sua família. Primeiro homem de toda uma geração familiar, todos os seus tios e avós curvavam-se ao seu desejo, ele não havia conhecido o não em sua vida, seus pais movimentavam-se para que ele jamais sofresse por nada do mundo. Uma tarefa aparentemente homérica. Para essa família o amor era proteção, a proteção contra todas as possíveis desventuras da vida, assim, provisão desmedida.

Sua mãe exercia essa função com extrema felicidade, o aquário que o protege da própria vida e, ao mesmo tempo, o afastava da mesma, preservando-o somente para si. Essa extrema proteção continha um segredo, um aspecto transgeracional que atingia Tácito. Essa maternagem estava estruturada através do registro da miséria, sua mãe vivenciou muito sofrimento em sua infância, houve muita miséria material e muita luta. Além disso, a mãe de Tácito enfrentava há anos uma severa depressão, para ela o medo era uma trincheira em um campo de batalha, uma mulher de conduta bastante nervosa, já havia passado por dezenas de profissionais, porém sem

nenhuma real resolução. Portanto, devido às rupturas em seu próprio casamento, agarrou-se na única forma que concebeu como o amor verdadeiro, seu primogênito.

*“Agora pensando bem, eu sinto que faz sentido eu ser ansioso também, eu sinto todo o nervosismo que ela passou pra mim, da mesma forma que ela me amava. Sabe, ela nunca me deixava fazer nada quando eu era pequeno, não podia sair em festas, não podia ficar muito tempo na rua, ela achava que eu estava doente a toda hora, tudo podia dar errado, eu podia me machucar, algo ruim iria acontecer, depois que eu comecei a conversar com você que eu percebi, ela é super tensa, nervosa né, tipo, você sabia que ela nem dirige? Ela morre de medo de dirigir, será que ela passou alguma coisa pra mim? Porque eu acho que ela é bem neurótica, tipo, vindo de longe, acho que ela foi a vida toda”.*

Tácito acreditava veementemente no poder da fé, dos dogmas e do milagre, entretanto, apesar de toda sua religiosidade, sentia que algo não estava certo. Acreditava que seus pensamentos tinham certa convergência com a vontade divina, por isso eles eram poderosos e perigosos. Não tinha clareza de qual eram os limites entre sua fantasia, seus pensamentos e aquilo que era a fé e a vontade de Deus. Facilmente se apavorava com as situações que suas fantasias criavam.

Se Tácito quisesse um emprego melhor bastava pensar que surgiria. Qualquer vontade que tinha bastava direcioná-la ao universo e seria realizada, porém isso também ocorria às avessas. Alguns pensamentos lhe acometiam a mente de forma desastrosa. Tinha pavor de pensar no falecimento de sua mãe e se pensasse isso iria acontecer. Qualquer situação em que pudesse haver risco de morte para alguém querido, a morte se tornava iminente. Para evitar que tal destino acontecesse precisava piscar seus olhos de forma dura, assim evitaria o conteúdo dos pensamentos invasores.

Tácito tinha rituais bastante peculiares. Todas as vezes que trancava uma porta precisava fechá-la observando minuciosamente e atentamente se havia a presença de alguém no corredor. O fechar da porta tinha que ser um movimento gentil e lento. O trinco da maçaneta não podia gerar barulho algum, nenhum ruído, caso contrário precisava fechar novamente a porta novamente mesmo que estivesse muito apertado para usar o banheiro. Isso era um grande gerador de angústia para ele. Além disso, antes de sentar-se para usar a privada, era necessário olhar-se no espelho e sorrir. Se o sorriso não fosse adequado para ele, caso em seu entendimento não transparecesse verdadeira felicidade, não poderia fazer suas necessidades.

Esse ritual possui aspecto da sua própria personalidade, o sigilo. Para que pudesse evacuar precisava de preparos adequados. Observava o corredor para se assegurar de que ninguém estaria presente. Não podia fazer barulho algum ao entrar no banheiro para não haver a possibilidade de ser descoberto por ninguém.

Outro ritual bastante particular também era relacionado ao seu namoro. Tudo que manuseava com a mão direita tinha que encostar o dedão por último antes de largar o objeto. Esse gesto tinha como sentido uma confirmação positiva relacionada ao seu namoro atual (o dedão para cima, confirmação de que tudo está bem). Por outro lado, tudo aquilo que pegasse com a mão esquerda tinha que deixar o dedo indicador encostar por último (era um sinal de negativo, o balançar dos dedos para o lado), a mão esquerda significava sua ex-namorada.

Existia nele um enorme medo da solidão, um desejo de ficar com as duas garotas e o medo da possibilidade do abandono. Esses conflitos morais o enlouqueciam. A moral era um dos aspectos a que buscava com todas as forças manter-se agarrado, claro, pois assim teria a admiração das pessoas e estaria nas graças do divino, e isso lhe dava estabilidade.

Durante todas as noites, Tácito rezava, utilizava um terço que havia ganhado há muito tempo de sua avó, enrolava-o em suas mãos e comungava com Deus. Não importava o local em que estava, ou a situação, para poder dormir necessitava fazer suas preces ao divino, isso era parte da sua cultura e fundamental para sua família e para si.

Curiosamente, em determinado momento mais avançado do trabalho terapêutico, revelou-me que quanto mais ele abandonava seus rituais, mais se sentia distante de Deus. Para Tácito, adentrar os domínios ocultos de seu interior, acessando condições emocionais há muito truncadas, jogava-o em estado de sofrimento.

Seus rituais ocorriam dentro do registro do segredo, no íntimo do silêncio. Desde o insidioso e poderoso piscar de olhos que o protegia até seus preparos para a realização das necessidades fisiológicas. Questões como sua agressividade; sua capacidade de confiar no amor dos outros por ele; o ciúme de sua mãe, de sua namorada; suas primeiras experiências sexuais, algumas delas sendo homoafetivas; foram questões que, por anos, Tácito escondeu de todos.

5.b – Algumas considerações sobre Tácito: *“Eu precisava ter certeza de que eu estava sozinho em casa, caso contrário eu não poderia usar o banheiro”*

Na mitologia grega, Tácita era uma náiade, uma ninfa, filha de um rio. Zeus havia se apaixonado por uma ninfa que havia se escondido no lago de origem de Tácita, então o pai dos deuses ordenou que todas as náiades procurassem por sua amada, porém Tácita desobedeceu ao deus e foi contar a Hera, a rainha dos deuses e esposa do soberano, a respeito das ordens de Zeus, que ficou enfurecido com a fofoca e ordenou que cortassem sua língua e enviassem ao tártaro o pedaço de sua serva. Tácita foi considerada em Roma como a deusa do silêncio e do



segredo. Em seus festivais eram feitos rituais para evitar as maledicências. O aspecto que se destaca desse mito relaciona-se à ideia de os segredos podem evitar a punição (Commelin, 2001). Nesse mito é possível concluir que para a compreensão grega o silêncio é uma forma de proteção contra o mundo, uma trincheira contra os inimigos, porém uma trincheira, apesar de aparentar ser um local de proteção, ainda aguarda por inimigos.

Através do contato com o ser que sofre e se desvela, e com a possibilidade de ser o interlocutor e comungar com algumas das angústias existenciais de Tácito, as imagens que captei e que me soaram paralelas à condição ontológica que tece esse mito grego me inclinaram à Punição. A ninfa Tácita silenciou-se devido à punição e ao castigo, porque as palavras, como forma de perpetuação das ideias convertidas daquele que se expressa, acarretariam má interpretação e sofrimento, logo, abandono e solidão.

Dentro deste cenário, a imagem que eclode à mente é a do constante medo de que algo poderia se perder, ou melhor, dentro das conjecturas de Winnicott (1963/1994) sobre o medo ser uma experiência muito dolorosa ao sofredor, que arremessada à dimensão inconsciente, aguarda ansiosamente para ser revivida no futuro. Dentro da história de Tácito, algo fundamental como o amor já havia sido perdido, o adoecimento de sua mãe, mesmo sem a remota consciência dessa lembrança que enfrentava, reproduzia como uma síntese da sua dramática existencial.

Os rituais de Tácito ocorriam na dimensão do silêncio e do segredo. Os seus sansões eram executados somente quando estava só. *“Eu precisava ter certeza que eu estava sozinho em casa, caso contrário eu não poderia usar o banheiro”*, era o que dizia. Compreendi que o preparo para utilizar o banheiro encenava sua condição existencial frente ao mundo. Os prazeres somente poderiam ser obtidos sem nenhum olhar externo. Suas necessidades fisiológicas, seus conteúdos considerados podres por ele, não poderiam ser vistos por ninguém. Ele relatou: *“eu tinha vontade de ter duas namoradas, queria manter essa relação, transar com elas quando tivesse vontade, sabe que eu queria ficar com um amigo meu, também, queria ver como que era isso, mas não posso fazer nada disso”*. Dizia ele aos risos. De acordo com o que concebi da sua condição existencial, as experiências pertinentes à adolescência não eram compreendidas por ele como algo natural, na realidade, todas essas experiências eram vistas como o risco de perder o amor daqueles que o cercam.

Dentro deste ponto, uma ideia atravessou a minha mente. A concepção de que tinha sobre a condição do amor, somente sendo perfeito é que seria amado, sempre à altura da concepção de seus pais. Para ele o amor não era um aspecto que suportava fraturas.

Dentro de sua dinâmica familiar, Tácito se posicionava de forma a evitar o diálogo com seus pais, principalmente sobre aspectos da sua intimidade, como os conteúdos sobre a sexualidade, a possibilidade da escolha profissional, sobre suas percepções sobre a vida religiosa, ou qualquer outro possível motivador de brigas e conflitos. *“Eu jamais faria nada para confrontar meus pais, eu prefiro ficar na minha, eu sei como eles são, eles não brigariam mesmo comigo, mas eles ficariam bem tristes”*.

A perfeição era parte de seu modo de se apresentar ao mundo. O imaculado que exigia de si, também exigia dos outros. Em determinada ocasião, ele havia declarado:

Tácito: *“Eu só gosto daquelas meninas de família, somente aquelas que não vão em festas, daquelas que vão para a igreja, que não são putas”*.

T: *“Mas o que há de errado com as pessoas que vivenciaram muitas experiências afetivas?”*

Tácito: *“Nada, mas eu não gosto, elas são sujas, promíscuas.”*

T: *Veja, você está se relacionando com pessoas, ao que me parece, você fica buscando uma idealização que você concebe para si, mesmo nas suas relações de amor, você acredita que você tem que ser casto para ser amado e começou a colocar essa fórmula nas pessoas com que se relaciona”*.

Após ouvir minhas palavras, Tácito riu intensamente, como se algo fizesse extremo sentido para si, sustentando o sorriso em seu rosto, regressou à condição original de seu silêncio e começou a observar o chão.

### 5.c – Transferência e contratransferência – O caminho da esperança: “...vida é farta”

Durante um período inicial de três meses, Tácito manteve-se bastante silencioso durante as sessões de terapia, porém, sem nunca perder sua típica cordialidade, mantinha-se pontual e, aparentemente, muito feliz em nossos encontros. Seu silêncio inicial nunca transmitira a sensação de desconforto ou de menosprezo, mas sim uma curiosa satisfação frente à presença do outro.

Tácito fartou-se desse ambiente de acolhimento, suas longas pausas de silêncio tornaram-se verborragia. Muitas vezes Tácito pedia por mais sessões semanais. A confiança no trabalho terapêutico fora essencial, indispensável para seu tratamento, e a possibilidade de confidência dos seus segredos mais íntimos. Utilizava-se deste encontro para se reposicionar frente ao mundo, para questionar suas crenças e constantemente questionava a veracidade de

seus pensamentos e de seus medos. Era fundamental para Tácito ouvir que eles existiam dentro da sua dimensão interna, porém não tinham a potência que imaginava, eles eram frutos de angústias muito primitivas que habitavam dentro dele, até então desconhecidas para si.

Seus rituais ocorriam dentro do segredo e do sigilo. Sentia tremenda gratidão em encontrar um ambiente de acolhimento para expressar livremente esses aspectos. Sentia que todas as vezes que me revelava algum de seus rituais, ou mesmo conteúdos que considerava sigilosos, esperava com medo por alguma forma de retaliação por parte de mim. Um dos nossos diálogos elucidou bem essa questão:

*“Eu fico feliz em ter encontrado alguém para conversa. É um alívio ter conseguido encontrar alguém. Você não me julga nem me faz críticas, posso ficar à vontade, eu não vejo muito você como um psicólogo, eu vejo mais como um parente, um amigo”*. Ouvindo suas palavras compreendi a síntese de toda sua dramática existencial. O medo compulsório de Tácito de perder o amor de todas as pessoas a sua volta revelava uma condição muito primitiva que guardava em seu coração. Logo, no início da infância, a mãe de Tácito havia adoecido, conseqüentemente, esse adoecimento deixou marcas profundas em seu processo maturacional. O constante risco de perder o amor das pessoas à sua volta pareceu-me uma tentativa de reviver aquilo que havia se inserido dentro desse registro, assim, viveu constantemente com a sensação do medo e da perda, pertinente à falha do ambiente emocional. Na realidade, ainda sentia fortemente esse vazio, essa solidão que angustia e enlouquece.

5.d - Considerações teóricas sobre Tácito: *“Eu nunca contei isso pra ninguém”*.

Freud no trabalho *“Atos Obsessivos e as Práticas Religiosas”* (1907/1996) de forma indireta abarcou um pouco do que conseguimos perceber como a dimensão do segredo dentro do cenário de sofrimento neurótico. Para o autor, a situação com que se depara o neurótico tange o campo da vexação, ele encontra-se atrelado a uma dedicação compulsória aos seus ritos, algo que não consegue compreender muito menos o interlocutor que o observa. O autor utilizou-se do mito francês da fada Melusine para alegorizar tal situação do segredo e do sofrimento.

Melusine era uma fada, filha de divindades da floresta, porém dentro de sua narrativa casa-se com um mortal e funda uma cidade. Tudo ia bem em seu reino, era um lugar abençoado e farto, porém o rei ficava intrigado com certos mistérios. Todos os seus filhos possuíam alguma marca sobrenatural, alguns deles dentes de javali, outros patas de animais, as crianças possuíam talentos sobrenaturais, força e genialidade, mas da mesma forma um temperamento bestial.

Como descendente da magia da natureza, Melusine tinha uma maldição, todos os sábados se transformava em uma criatura, da metade da cintura para cima era mulher e da cintura para baixo uma enorme serpente, porém ela tinha uma salvação. Caso seu marido não visse sua transformação, um dia sua maldição seria quebrada, assim ordenou que ele não a espiasse durante seus banhos de sábado, que pelo contato com a água desencadeavam suas transformações (Hartland, 1913).

Certo dia, o rei morrendo de curiosidade não aguentou, esperou até a rainha entrar no banheiro e espiou pela fechadura. Ele viu Melusine dentro de uma enorme banheira e, para sua surpresa, ela era uma enorme serpente. Nesse instante, a esposa percebeu o intruso e com um grito, um misto de vergonha e amargura por sua aparência revelada, voou para longe e nunca mais voltou. Sem sua mágica e presença o reino também definhou (Hartland, 1913).

Dentro do ponto de vista metapsicológico, Freud (1907/1996) compreende que esse era justamente o cenário psíquico o qual vivenciava o neurótico obsessivo, pois ele próprio possui uma vida dupla, de um lado seus conflitos são aterrados na dimensão inconsciente, sendo que sua única ponte de acesso e calmaria às aflições desta condição são seus rituais secretos, enquanto no mundo concreto exerce suas funções com maestria, então seu segredo é concebido por ele como uma troca justa.

Ademais, recordando as contribuições de Winnicott (1963) sobre o segredo, aquilo que o paciente guarda dentro do registro do silêncio e do segredo e é revelado ao terapeuta é como um presente, um estado de alteridade de comunicação, que pode ser compreendido como um movimento de esperança e reposicionamento do ser, e assim o foi. Dentro desta abordagem não é somente um segredo que é entregue ao analista, é a possibilidade de encontrar alguém para confiar, é a experiência de entrega e cuidado.

A respeito do silêncio inicial de Tácito, as contribuições de Massud Khan (1963), em consonância aos pensamentos de Winnicott, mostram-se palco profícuo para adentrar neste fenômeno e na situação clínica. Para o autor, o silêncio está para além de questões relacionadas à dimensão defensiva ou descargas pulsionais, esse fenômeno é polifônico por excelência, é possibilidade de manejo como fenômeno regressivo, tem uma face como manifestação da conduta antissocial e, também, parte do gesto criativo.

O silêncio aponta para um possível trauma acumulativo, um conceito divergente do trauma dentro do viés freudiano. Segundo as contribuições psicanalíticas, o trauma tem sua origem em um atravessamento do ego, que não possui recursos elaborativos para simbolizar determinada condição, nesta perspectiva teórica o trauma é um evento que também se relaciona

ao estrangulamento das energias sexuais relacionadas com a primeira infância (Khan apud Freud, 1950). Porém, o trauma acumulativo se distancia dessa condição e

“[...] leva em consideração acontecimentos psicofísicos do estágio pré-verbal do relacionamento entre a mãe e o filho, correlacionando seus efeitos no que mais tarde, passa a agir como um relacionamento perturbado entre a mãe e filho, ou como uma distorção do ego e do desenvolvimento psicosexual (Khan, 1963. p.74).

Trauma acumulativo, diferente da conceituação clássica de trauma, possui seu fulcro etnogênico dentro da fase fundamental dos cuidados na relação mãe-bebê, durante a fase de dependência absoluta. O ambiente de provisão falha em sua função, esse rompimento possui desfechos subsequentes para todo o restante da maturação da personalidade.

Khan (1963) acompanhou o caso de um jovem de 18 anos que se mantinha em constante estado de retraimento e quietude dentro do trabalho clínico. O jovem em questão havia simplesmente se recusado a realizar suas últimas provas na escola e ficava meramente rabiscando os papeis do exame, causando desespero em sua família. Posteriormente, havia parado seus estudos e se recusava a ir para a universidade. Esse rapaz tinha uma postura um tanto introspectiva, não saía do quarto e não se interessava em falar com ninguém. Passava grande parte do seu tempo investindo em literaturas românticas e ouvindo música clássica. Porém anos anteriores a isso tinha uma vida social normal. Bastante inteligente e sensível à arte havia gostado bastante da vida escolar.

No momento de iniciar o trabalho clínico com Khan, o jovem encontrava-se frente à pressão parental para realizar, dentro de alguns meses, os exames finais novamente. Ele pertencia a uma família de condições financeiras bastante bastada e, claramente, notava-se um conflito contra seus pais. O jovem em questão se mostrou resistente ao tratamento, alegando ao analista que não via sentido naquela situação, muito menos sentia-se doente, pois seus projetos de vida não eram os mesmos de seus pais, ele planejava ter um emprego simples ganhando o bastante para frequentar concertos musicais e pagar suas contas. A máscara social e polida que o jovem demonstrava, de acordo com as confabulações de Khan, na realidade era uma atuação do universo emocional, o qual o paciente vivenciava. Sua fala, na realidade, revelava uma condição de adoecimento emocional bastante reservada a qual vivenciava. A sua revolta contra a faculdade e a realização dos exames finais eram uma clara manifestação de defesas de natureza antissocial.

Tendências antissociais são uma forma de reinvidicação da criança frente ao mundo. São encenações traumáticas de uma perda muito significativa, o ambiente facilitador,

fundamental aos processos do amadurecimento pessoal. Essas tendências surgem como a cólera, o choro, o isolamento, o roubo, entre outras. Dentro das tendências antissociais há também um ponto fundamental: o momento de esperança. Quando o pedido de socorro da criança é compreendido através dessa desajeitada forma de comunicação e acolhido em condição de afeto é possível, ao nível regressivo, restaurar a experiência da perda original que levou a criança ao adoecimento (Winnicott, 1987).

Khan (1977) percebia na conduta de seu jovem paciente um campo melancólico, uma linguagem defendida, um falseamento de si mesmo, como alguém que se esconde através da educação e da arte. O silêncio não é somente ausência do campo verbal, mas o “silenciamento” de si, a nulidade da possibilidade criativa, a dificuldade de um viver com vitalidade, o desaparecimento da singularidade frente aos olhares do mundo. O silêncio revela-se ao analista frente muitas faces, o minguar de sua própria personalidade refletia-se como o retraimento dos recursos verbais.

Para um analista clássico, que se fundamenta no campo interpretativo, essa última condição pode parecer bastante frustrante, gerando no próprio terapeuta um impulso por demandar alguma forma de reação ao paciente, algo para que possa interpretar. Para o autor uma distinção fenomenológica deve ser feita, a distinção de mudez e do silêncio. A mudez é uma condição que resguarda uma dimensão agressiva, diferentemente do silêncio, que em sua natureza possui um sentido de neutralidade, ou mesmo um aspecto benigno (Khan, 1977).

Os entraves que o autor salienta nesse caso estão dentro do campo contratransferencial. Para o autor, sustentar o silêncio trazido por esse jovem era algo de grande incômodo, por isso sentia-se muitas vezes compelido a cutucar o próprio garoto na tentativa de obter alguma resposta. Porém, após suportar tais impulsos, pôde compreender que o fenômeno vislumbrado era o silêncio existencial em que o paciente se encontrava perante o mundo.

Foi através dessa tendência antissocial que o jovem sofredor pôde compartilhar sua angústia. O silêncio dentro desse registro comunica uma sensação de paralisação das relações afetivas, uma atuação que aponta para uma condição de sofrimento que se encontrava dentro da sua própria dinâmica familiar. Com base no que Khan (1963) apontou como trauma acumulativo, esse desvelar traduz uma condição agônica vivenciada pelo jovem devido a um trauma ocorrido dentro da primeira infância. Ainda muito novo, quando tinha três anos de idade, a mãe desse jovem sofrera uma severa depressão e teve que ser internada algumas vezes.

Pertinente compreender que o grande medo de Tácito de perder o amor das pessoas “(...) o medo clínico do colapso é o medo de um colapso que já foi experienciado. Ele é um medo da agonia original que provocou a organização de defesas (...)” (Winnicott, 1963/1994, p.72).

Sendo assim, é possível interpretar que o medo de Tácito de perder o amor daqueles à sua volta, na realidade, apontava algo já vivenciado, a perda do acolhimento materno é convergente a esse pensamento. Em Winnicott o medo é paradoxo, aquele que teme algo já vivenciou um momento de que não fora capaz de compreender efetivamente, logo, ele projeta no futuro a possibilidade de reviver aquilo que se instaurou como traumático, pois

O ambiente materno, tão fundamental aos processos do amadurecimento emocional, foi retirado de si, relacionando-se à incapacidade de integração dos seus próprios impulsos agressivos. Além disso, essa perda gerou um constante estado de sofrimento pela busca de um tesouro perdido, o ambiente de cuidado oriundo da identificação materna primária. A própria condição de seu adoecimento já demonstrara uma forte identificação com a historicidade de sua própria mãe e, segundo o autor, ele “(...) precisava era de um setting onde pudesse ficar doente (Khan, 1963. p.217).

Regressando às contribuições de Winnicott a respeito do caso acompanhado por Khan, um ponto fundamental da face do silêncio na dimensão clínica está na possibilidade regressiva e é atrelado ao gesto criativo. Essa perspectiva se distancia das interpretações psicanalíticas clássicas, a questão fundamental está no ambiente ofertado ao paciente e na possibilidade de sustentar os impulsos contratransferenciais relacionados ao fenômeno do silêncio. Assim como o ambiente materno, no silêncio que tudo comunica sobre as necessidades da criança à mãe, pela preocupação materna primária, o silêncio ofertado pelo analista é experiência análoga. É nesse cenário que o paciente poderá, através do gesto criativo, fundar aquele que se apresenta à sua frente como parte de si mesmo, ao mesmo tempo em que cria, também algo dentro de seu mundo interno é alterado. Um rompimento muito primitivo, dentro do que o autor considera como trauma cumulativo, é restaurado na experiência genuína de presença.

Assim, o silêncio dentro dessa perspectiva possui característica polifônica. Dentro da ótica psicanalítica de Winnicott, as faces do silêncio na realidade são genuína forma de comunicação emocional. Também é manifestação da conduta antissocial, um sinal emocional da perda terrível, perda de um ambiente suficientemente bom à criança, fundamental aos processos de amadurecimento emocional, ao mesmo tempo, necessidade de presença humana, que em um movimento regressivo pode encaminhar aquele que sofre rumo aos processos de maturação.

5.e - Considerações finais sobre os rituais de Tácito: *“Eu perdi as contas de quantas vezes eu passei apertado por conta disso...”*

Os rituais de Tácito apresentados nesta narrativa expunham uma condição presente em quase todas as narrativas desenvolvidas: a solidão. Os rituais observados como o piscar dos olhos como forma de lidar com os pensamentos catastróficos, o de gesticular os dedos negando a possibilidade de um amor poligâmico e o ritual da utilização do banheiro, que necessitava ser realizado na completa solidão.

Inicialmente, o ritual do piscar dos olhos existia atrelado a uma condição da onipotência dos pensamentos que acometiam a sua mente, da mesma maneira que se pensasse que algo bom aconteceria, também acreditava que as catástrofes viriam. O segundo ritual visto dentro desta narrativa relaciona-se ao gesto dos dedos, da negação da poligamia, e de tantas outras experiências do campo afetivo, que considerava como pecado. Essas condições já evidenciadas dentro das contribuições clássicas freudianas (1907/1996;1909/2013) relacionam-se à onipotência dos pensamentos infantis que atravessam as barreiras da percepção do mundo concreto, assim como a ambivalência da relação de amor e ódio relacionado aos objetos internos. O intolerável se comunicava através de toda uma constituição sintomática, os gestos para Tácito até então estavam esvaziados de sentido, entretanto, através do campo interpretativo, começou a compreender e revisitar os conflitos que passavam dentro da sua dimensão inconsciente. No momento em que proferiu a significativa frase: *“quanto mais eu abandono meus rituais, mais me sinto distante de Deus”*, possibilitou essa apreciação.

O terceiro ritual manifesto era o que encenava a dimensão existencial que vivia: o registro da solidão. Ao assegurar-se de que ninguém estava presente para ver sua intimidade, ele conseguia realizar suas necessidades. *“Eu perdi as contas do quantas vezes eu passei apertado por conta disso, pensa, eu não conseguia ir no banheiro na escola, eu usava o banheiro dos funcionários, ninguém nunca me pegou, mas eu passei cada sufoco!”*, dizia ele rindo da sua própria situação. Dentro do registro simbólico estava clara sua condição, um terrível medo de que suas fezes, seus conteúdos internos, fossem vislumbrados por qualquer outro interlocutor. Porém, a ideia de que se os conteúdos ambivalentes fossem vistos, ele iria perder o amor das pessoas à sua volta era a base de seus medos.

Tácito passou a vida toda buscando a perfeição para que não houvesse o risco de perder o amor daqueles com que ele convivia. Sempre buscava ser o mais perfeito possível, assim como queria sempre altos padrões para si. *“Eu instintivamente busco pelas meninas mais bonitas, eu não consigo ficar com as que não são, eu sei que é um erro meu”*, dizia ele.

Porém, na realidade, a sensação da possibilidade de perder o amor das pessoas caso não fosse perfeito apontava para uma condição paradoxal, um cenário bastante primitivo em que



ele, de certa forma, já havia perdido o amor de sua mãe. Esse fenômeno é consonante as contribuições já citadas de Winnicott (1963/1989) a respeito do medo. Seus rituais foram formados devido à experiência da falha do ambiente de cuidado em um período muito precoce, devido a um adoecimento emocional que assolou sua própria mãe. Mesmo não estando consciente desse evento, ele havia percebido isso e como algo infausto, registrado dentro de si. Essa condição não elaborada deixou sua marca, um sentimento de medo constante que atravessava seu porvir, a odiosa angústia marca do rompimento transicional, interpretado simbolicamente de que seria abandonado, pois uma vez já o fora.

## 8– CONSIDERAÇÕES FINAIS: A POLIFONIA DOS RITUAIS.

*Vislumbrei um mistério no clarão da sua presença...Quando o mistério é muito impressionante, a gente não ouse desobedecer...  
De Saint-Exupéry, Antonie*

Histórias que pude acompanhar durante o período de três anos através de meus protagonistas-pacientes me possibilitaram não somente entender, mas, sim, conhecer e comungar com diversas dramáticas que sustentaram esse percurso teórico-clínico. Os rituais foram um aspecto entre as imensidões existenciais visitadas, um recorte devido à implicação científica, porém não com o intuito de reduzir a dramática existencial a questões sintomáticas, mas a possibilidade de reconhecimento de um fenômeno particularmente angustiante a todos aqueles que se aprisionam nisso.

Na hermenêutica em situação clínica (Safra, 2004), como método e perspectiva teórica, concebe-se que o singular é parte particularmente preciosa dentro do evento humano. Esse trabalho foi fruto do encontro, as tessituras narrativas são síntese da união de nossos mundos e a tentativa da apreciação da pluralidade do sofrer contemporâneo e de como isso afetou nossos protagonistas. Assim, finalizo esse trabalho não com uma conclusão, mas com perspectivas e possibilidades que nasceram dessa imersão e, talvez, com contribuições para o pensamento científico e ao importante manejo clínico de quadros semelhantes. Não pretendi dentro dessa pesquisa criar uma teoria a respeito dos rituais, muito menos engessar os olhares que se direcionam a quem busca por ajuda clínica, mas continuar um trajeto tão dinâmico quanto a própria experiência humana.

Dentro da perspectiva de Safra (2006a) e da situação clínica, o pensamento psicanalítico é enriquecido por todo um aporte existencial fenomenológico, e atualmente o pensamento desse autor é consolidado dentro da filosofia russa, em especial às contribuições de Florensky e da Perspectiva Inversa (2012), que retoma um processo de subjetivação atrelado aos vários campos existenciais que perpassam a condição humana, criando um diálogo entre o campo das representações simbólicas, compreendido dentro do registro do psiquismo, dos símbolos apresentacionais, que se presentificam no campo existencial e do não sensorial, que dentro da perspectiva psicanalítica tem como representante Winnicott, além de tantos outros autores que

consoam sobre um vértice fenomenológico, e, finalmente, com base nas dimensões ontológicas que antecedem mesmo o evento humano, compreendida por Safra (2006a) como o simbolismo do ícone. Esses são alguns dos campos existenciais que se atrelam à subjetividade humana. Esta pesquisa não teve como intenção abarcar todos os campos existentes atrelados à formação dos rituais compulsivos, mas desvelar aqueles que atravessaram nossa trajetória em meio a essa busca.

#### 5a – Os rituais e a dimensão representacional: A dimensão simbólica

Daquilo que pude vivenciar dentro do período de 3 anos acompanhando as mais variadas dramáticas envolvendo o uso de rituais compulsivos e encontrei em comunhão com as contribuições de Freud (1907/1996;1909/2013) o uso de sansões pode ser compreendido a partir de dois vértices. A função mediante ao adoecimento do ego como um mecanismo defensivo e o da sua particular estruturação simbólica atrelada aos mesmos, esses são os rituais de verificação, limpeza e protetivos.

Existe algo não elaborado que sustenta os sansões, um conteúdo de enorme horror. Todos os rituais observados em situação clínica acompanham um pensamento invasor, mesmo que esse conteúdo emocional não esteja claramente revelado àquele que se subordina aos gestos compulsórios, pois “(...) simultaneamente à ideia há também a sansão, isto é, a medida defensiva que é obrigado a tomar, para que a fantasia não se realize.” (Freud, 1909/2013. p. 27).

De forma minuciosa, os rituais protetivos de Cassandra eram pareados com os pensamentos sobre a morte, a sensação de que algo ruim fosse acontecer que perpassava todo seu cotidiano; os rituais de limpeza de Quíron direcionados à fantasia de sujidade e contaminação; os de verificação de Athena à sensação de vulnerabilidade e desamparo; assim como os de organização e controle de Erínia à sensação constante de desrespeito. Os rituais são uma ponte que indica algo não vivido no coração do sofredor, são uma outra face de um pensamento invasor.

Na literatura clássica freudiana o mesmo pode ser concebido a Lanzer, o “*Homem dos Ratos*” (Freud, 1909/2013), que, de maneira resumida, desenvolveu uma missão de reembolsar o dinheiro ao responsável do pagamento de seus novos óculos, uma sansão em resposta ao impedimento de um pensamento invasor, o castigo dos ratos recair ao seu pai que já havia falecido. A estruturação dos rituais e dos pensamentos invasores subordinam-se às deformações

dentro do campo simbólico através dos mesmos processos semelhantes ao que sofrem os conteúdos oníricos, o deslocamento e a condensação.

Então, através dessas contribuições, os rituais se estruturam como os sonhos. Ambos os fenômenos se sustentam em uma condição emocional encontrada, reprimida dentro da dimensão inconsciente. Ao adentrar nas mais variadas formas das dramáticas existenciais dessas narrativas pude contemplar tal aspecto. O conteúdo traumático continua preso na dimensão inconsciente. Os rituais se subordinam ao simbolismo dos pensamentos obsessivos que já sofreram os processos de deslocamento e condensação, assim, apesar de pistas de uma condição traumática original, já se distanciaram da mesma

Por exemplo, Quíron não conseguia ter acesso ao infausto que lhe ocorreu em sua infância, então essa experiência traumática sofreu uma deformação e transfigurou-se no que sentia como a sensação de sujidade, por sua vez, os rituais de limpeza atrelavam-se a isso. Já Cassandra não conseguia lidar com o medo de seu pai e as questões envolvidas com a morte apresentado pelo mesmo, assim o projetou como uma figura fantasmagórica, o homem de chapéu preto, e logo criou rituais para lidar com o fantasma, mas não com o pai.

Compreendi uma terceira função dos rituais dentro do registro representacional, uma forma de falseamento da resolução dos conflitos inconscientes. O sofredor ainda não possui recursos emocionais para lidar com determinadas vivências da dramática pessoal, por isso a manifestação sintomática dentro deste cenário se torna prótese da solução de um problema, o qual o próprio sofredor não consegue nem o perceber como uma questão, porém sofre das ansiedades e dos medos pertinentes ao seu próprio adoecer.

Pensando a respeito do manejo clínico, os rituais contêm as chaves para adentrar-se dentro de um mistério, um enigma, se para Safra (2004) o enigma e o mistério encontram-se entre aquilo que é infausto e o dizível, também localizo os rituais dentro deste registro. Dentro do manejo clínico, eles são pistas para guiar o terapeuta a condição original da experiência traumática que ressoa até os dias de hoje. Assim, os sonhos são caminhos para se chegar até o evento não vivido e através da presença do terapeuta, colocar aquilo que se encontra no registro do mistério sob o domínio da fantasia (Safra, 2009).

#### 5b - Os rituais e a dimensão apresentacional: o adoecimento na transicionalidade

Parto de um princípio, a transicionalidade é a herança direta das experiências de cuidado na tenra infância, que se sustentam em seu íntimo, como se o amor daquele ambiente uma vez

conhecido perpetuasse mesmo a distâncias infinitas da mãe, levando a criança, o adolescente e o adulto a acessar um estado de tranquilidade e confiança no mundo, é esse espaço que será preenchido pela experiência religiosa, pelo lúdico e pela cultura (Winnicott, 1975).

Uma fala profícua de uma paciente foi estrela vésper para essa investigação. Athena, quando tinha aproximadamente seis anos, vivenciou um terrível evento, o falecimento de seu pai em um acidente de carro, tragédia que afetara profundamente toda sua família.

*“Quando eu era criança eu comecei a temer minhas próprias brincadeiras, quando eu pulava amarelinha, eu não achava tão legal, porque se eu pisasse na linha, ou jogasse a pedrinha fora do quadrado, eu achava que alguma coisa horrível iria acontecer pra minha mãe, eu já tinha perdido meu pai naquela época, eu já era meio louca, mas eu não conseguia mais brincar direito. Eu fazia muito isso com um jogo de contagens, não sei se você recorda daquele jogo do 11, 22, 33, 44, você conhece? Bom, quando eu chegava no 77, eu era tomada por um pavor horrível a respeito da morte.”*

Se por um lado a psicanálise winnicottiana concebe o jogo não somente como forma da criança elaborar condições psíquicas atrelada a conflitos, mas, sim, um espaço preenchido pela imaginação, uma área forjada como herança da corporeidade materna e da qualidade dos cuidados de um ambiente suficientemente bom, é aqui, no jogar e no lúdico, que a criança se recria constantemente (Winnicott, 1975/1951).

Concebi o ritual obsessivo como um adoecimento do próprio gesto criativo e do brincar, um movimento esvaziado da presença humana, sem a capacidade de adentrar no porvir, e como fruto de uma experiência de ruptura da continuidade de ser alicerçado sob os medos invasores. Através das contribuições acima, acerca da transicionalidade, o ser subordina-se ao movimento natural da continuidade de ser, porém, os gestos obsessivos atrelam-se a um evento dissociado do campo experiencial, o qual o medo é paradoxo, uma tentativa do ser de reviver algo que fora infausta que a criança e lhe obrigou a reagir, e devido a incapacidade de vivenciar tal evento, constantemente o busca no registro do porvir (Winnicott, 1963/1986).

É pertinente recordar de sua análise no caso do menino e o uso dos cordões acompanhado por Winnicott (1951/1975). Essa forma do brincar compulsivo fora concebida pelo autor através de duas maneiras, a primeira sendo um adoecimento que ocorreu dentro do campo transicional e a segunda como uma forma de tendência antissocial, uma tentativa de restaurar um ambiente de cuidado e acolhimento que sentia como perdido. A mãe do menino dos cordões havia sofrido um quadro depressivo bastante grave, essa criança não compreendia o que ocorria, apenas sentiu o minguar dos cuidados do ambiente suficientemente bom e subordinou-se ao uso de um compulsivo jogo, utilizando cordas e fios, amarrando os móveis

pela casa, uma mensagem destinada ao mundo, ao mesmo tempo, tentativa de restaurar um importante tesouro perdido, os cuidados maternos.

Nesse exemplo, nota-se que o prazer que uma criança tem dentro do jogo - o local em que o próprio tempo se subordina à felicidade, onde o brincar torna-se uma linguagem universal e o encontro com os amigos colore o universo - é tomado pelo cinza das ansiedades da fratura do ambiente de acolhimento. Os temores preenchem as rachaduras da transicionalidade. Os símbolos do registro ôntico, da própria historicidade de cada um, se encarregam de oferecer um grande leque dos medos neuróticos.

Se o ambiente suficientemente bom e a continuidade de ser é fundado dentro da relação mãe bebê, Safra (2004) através da sua profícua investigação sobre a subjetividade contemporânea o expande para as formas de relação comunitária e as rupturas do registro ético, demonstrando em seus trabalhos que é fundamental à experiência humana as experiências de alteridade e do reconhecimento de si através do campo da amizade e do pertencimento comunitário. As diversas dramáticas visitadas apontam para esse caminho, uma falha dentro deste campo também acarreta o temor.

Assim, dentro deste vértice, compreendi os rituais neuróticos através de duas contribuições fundamentais. A primeira delas como uma modalidade próxima à tendência antissocial, como já alegou Winnicott (1951/1975), que aguardam por um momento de esperança, o crucial período em que as tendências antissociais são compreendidas pelos adultos como um chamado que vai de encontro às necessidades da criança, pois no campo contratransferencial era possível sentir um enorme anseio pela vida dessas pessoas, um gritante desejo de amar, de viver romances, de fazer amizades, de arriscarem outros empregos, de sentirem em comunhão com outros olhares transformadores, porém, uma força os compeliu a não existir, o enorme temor do futuro.

O segundo ponto, ainda dentro das contribuições de Winnicott (1961/1994) que os gestos compulsivos são um aspecto atrelado a uma parte cindida da personalidade diz respeito ao manejo clínico para se adentrar a eles. Como um aspecto cindido, dissociado, é necessário um estado regressivo que possibilite e propicie um ambiente de acolhimento adequado. Em outras palavras, para se decodificar as mensagens obscuras escondidas por de trás de cada ritual é fundamental que a presença terapêutica seja ofertada, e permitir que um estado regressivo do paciente que reestruture sua capacidade de confiar no mundo, assim como revisitar as questões de sua própria historicidade.

Assim, concluo que a experiência da perda de um ambiente de acolhimento acarreta uma paralisação da experiência do vir a ser, ou seja, constante sensação de desesperança. Ao

mesmo tempo, é um aceno à possibilidade do encontro com o outro, o outro ambiente, da experiência de alteridade que restitui o trajeto do existir.

### 5c – Os rituais e a perspectiva inversa: O mundo escondido

Compreendi que o mito de Melusine utilizado por Freud (1907/1996) no trabalho “*Atos Obsessivos e as Práticas Religiosas*” possui algo da condição ontológica que atravessa o ser. Como salienta Ricouer (2013) dentro do viés fenomenológico, os mitos são símbolos que ganharam um refinamento narrativo, com cenários, enredo e personagens, eles são da dimensão do cósmico, dos saberes ontológicos que antecedem a formação da psiquê e atingem toda a condição humana. Assim, compreendi que o que a fábula desvelava à Freud como forma de revelação era o existir dentro da experiência da Solidão<sup>20</sup>. Uma das falas de Quíron retrata toda uma síntese existencial relacionada ao seu modo de existir no mundo:

*“Eu me sinto completamente perdido, na verdade, sinto-me estranho, e quando digo estranho me refiro estranho à vida, a vida é algo que não me pertence. Sinto que estou dentro de um buraco, estendendo a mão para que alguém venha e me tire daqui, um amigo me apresente o mundo, me ensine como é sorrir, ser espontâneo! Mas não há ninguém que me puxe para a existência, eu queria alguém pra amar, mas eu não consigo me expor, sabe? Eu acho que eu vou tomar porrada do mundo, sou ser espancado, igual como eu era durante o bullying, tenho medo de ser humilhado. Eu não consigo fazer absolutamente nada do que diz respeito à minha vida pessoal. Eu sinto um enorme medo a respeito de tudo. Eu não consigo sair, ir em uma festa e dar em cima de alguém, eu não consigo me arriscar, não consigo gastar meu dinheiro comigo. O medo me compele a ficar dentro do que eu sinto como um buraco, que de certa forma, esse buraco é a coisa mais próxima que eu tenho de segurança”.*

Ainda segundo as contribuições da hermenêutica aplicada à psicologia e das possíveis angariações da Perspectiva Inversa, é fundamental que o terapeuta/analista consiga perceber a síntese de todo o evento dramático que o sofredor passa. Síntese dentro desse viés não tem o sentido de resumo, muito pelo contrário, mas, sim, da captação dos diversos campos que compõem o evento humano que sustentam um fenômeno observável (Tagliambe, 2018).

Quíron desde cedo fora invadido por experiências que não eram pertinentes ao seu desenvolvimento, portanto, em sua experiência social, fora recebido com ofensas e

---

<sup>20</sup> Escrevo com letra maiúscula referindo-se ao fenômeno da Solidão como aspecto ontológico, dentro das contribuições de Heidegger (2005).

humilhações, desse modo uma amálgama de suas dramáticas lhe compeliu a uma ideia central, que inibia seu verdadeiro modo de ser, forçando-o durante anos a assumir uma identidade à qual não se sentia apropriado. No caso de Cassandra, a visão da violência direcionada aos cachorros, que destroçou seu emocional, consoou com os maus tratos de seu pai e a experiência abusiva que sofreu com seu ex-marido. Já em Erínia, a impossibilidade de vivenciar os cuidados maternos atrelados aos intensos e constantes castigos de sua adolescência. Cada um dos traumas vivenciados se instaurou como um acorde que compõe uma triste melodia, uma lúgubre música que indica o quão cruel é o mundo, obrigando-os a viverem sempre dentro do registro da Solidão.

Assim como a fada Melusine que necessitava esconder o seu melhor lado, sua herança feérica, sua magia e sua historicidade, devido ao grande temor de não ser compreendida e atacada por sua condição, compreendi aqueles que se subordinam aos rituais compulsivos.

No entanto, não sob o vértice pulsional, mas como nas contribuições de Safra (2004), como parte de seu idioma pessoal, suas peculiaridades, seus gostos, sua possibilidade de desejar e eclodir, sem temer retaliações. Mesmo que eles próprios não percebessem, consegui captar em todos os casos, uma imensa ansiedade por existir, por se relacionarem, por arriscarem caminhar pela fartura da vida, isso fora ponto captado durante o trabalho clínico, na dimensão contratransferencial e através dos conteúdos oníricos.

Enfim, sem a intenção de criar uma lei universalizante a respeito das manifestações neuróticas, compreendi os rituais obsessivos como um aceno de quem fora soterrado sob tantas formas de violência que puderam atravessar a vida. As dramáticas de cada um dos protagonistas os forçaram a viver nas sombras de sua própria historicidade, em segredo eles lidam com as ansiedades e temores que são paralelos ao registro do abandono e da solidão. Assim, concebi os rituais obsessivos como um aceno, uma mensagem dentro de uma garrafa que é arremessada ao mar na espera de um resgate, na espera de um interlocutor que desvele suas dores e receios, porém, não somente no que diz respeito ao campo interpretativo, mas à experiência adequada do cuidado e da alteridade, que será sentida como experiência ética, o contato com o outro como uma abertura para a possibilidade de experiência no registro de comunidade, e assim, porta de entrada no mundo.

Para Safra (2006a) os rituais são movimentos de esvaziamento da experiência de presença e pertencimento coletivo, aquele que se submete aos ritos encontra-se dentro da égide da solidão, porém a possibilidade de conversão dos rituais em cerimônias é o ponto crucial que rompe o silêncio e o abandono. Dentro da experiência clínica, esse movimento se dá devido ao estado de abertura daquele que se depara frente ao adoecido. A apreciação dos diversos campos



da dramática existencial é fundamental quando o humano revisita suas experiências traumáticas, e ele agora o faz acompanhado, carregando a presença daquele que comunga consigo para dentro do modo de habitar o mundo. Essa experiência de presença é fundamental, pois, com os símbolos secretos do neurótico desvendados, munido da experiência de reconhecimento e ternura de um ambiente de acolhimento, ele deixa de estar na dimensão da solidão e caminha novamente ao pertencimento, seus rituais então se tornam cerimônias, que são fenômenos que ocorrem a partir do contato com o outro, e portanto são a porta de abertura ao existir em pertencimento e esperança. Assim, finalizo, todo ritual anseia por se tornar cerimônia.

## 9 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAM, J. (2000). *A Linguagem de Winnicott: Dicionário de palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Trad. Marcelo Del Grande Silva. Rio de Janeiro: Editora Revinter. (Trabalho originalmente publicado em 1996).
- ARLOW, J. A. (1961). *Silence and the theory of Technique*. J. Amer. Psychoanal. Assoc. 9.
- AULAGNIER, P. (1976). Le droit au secret: condition pour pouvoir penser. In: Du secret. Nouvelle Revue de Psychanalyse, Paris: *Éditions Gallimard*, n. 14, p. 141-158.
- BALINT, M. (1958). Tree areas of the mind. Int. J. Psycho-Anal., 39.
- COMMELIN, J. (2001). Mitologia grega e romana. Trad. Eduardo Brandão. 4ª Edição. São Paulo: Martinsfontes. (Trabalho originalmente publicado em 1951).
- DIAS, E. O. (2017). *A teoria do amadurecimento pessoal de Donald W. Winnicott*. Ed. 4ª. São Paulo: D.D.W. Editorial.
- \_\_\_\_\_. (2006). Caráter temporal e os sentidos de trauma em Winnicott. *Winnicott e-prints*, 1(2), 1-8. Acessado em 24 de fevereiro de 2020, disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-432X2006000200001&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2006000200001&lng=pt&tlng=pt)>.
- DOLTO, F. (1980). Prefácio. In: Mannoni, M. *A primeira entrevista em psicanálise*. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p. 9-30.
- ERIKSON, E. H. (1956). The problem of ego identity. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 4(1), 56-121.
- FERENCZI, S. (2011). Transferência e introjeção. In: S, FERENCZI. *Psicanálise I* (pp. 77-108). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1909).
- \_\_\_\_\_. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S, FERENCZE. *Psicanálise IV* (pp. 97-106). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1933).
- FERNANDES, E. (2009). Atalho e vinheta-uma proposta de entendimento. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 17, n. 1, p. 117-135.
- FLORENSKY, P. A. (2010). *La columna y el fundamento de la verdad*. Salamanca: Encuentro.
- FREUD, S. (1996). Atos obsessivos e práticas religiosas. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9. (Trabalho originalmente publicado em 1907).

- \_\_\_\_\_(1974). Totem e tabu. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.13, pp.11-191). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913)
- \_\_\_\_\_(2013). Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O Homem dos Ratos”], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos. Trad. Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1909).
- \_\_\_\_\_(2019). O infamiliar [Das Unheimliche] – Edição comemorativa bilíngue (1919-2019), Seguido de O Homem da Areia de ETA Hoffmann. Trad. Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares (Freud) e Romero Freitas (Hoffman). São Paulo: Autêntica, 2019. (Trabalho originalmente publicado em 1919).
- FULGENCIO, L. (2011). *A constituição do símbolo e o processo analítico para Winnicott*. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 21, n. 50, p. 393-401.
- FULGENCIO, L. (2012). Críticas e alternativas de Winnicott ao conceito de pulsão de morte. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 15.
- GADAMER, H. (2003). *Verdade e método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. de Flávio Paulo Meurer. Nova rev. da trad. por Enio Paulo Giachini e Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Vozes, 2003.
- GUIMARÃES, R. M; BENTO, V. E. S. *O método do “estudo de caso” em psicanálise*. Psico, v. 39, n. 1, 2008.
- GRANATO, T. M. M. (2004). *Tecendo a clínica winnicottiana da maternidade em narrativas psicanalíticas*. Tese de Doutorado em Psicologia - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- HARTLAND, E. S. (1913). The Romance of Mélusine. *Folklore*, v. 24, n. 2, p. 187-200.
- HASKY, F. (2007). Do TOC ao toque: efeitos de um trabalho psicanalítico. *Mudanças- Psicologia da Saúde*, 15(2), 153-160.
- HEIDEGGER, M. (2005). *Ser e Tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis: Editora Vozes. Parte I, 15ª edição. (Originalmente publicado em 1927).
- HERRMANN, F. (2006). Psicanálise, ciência e ficção. *Jornal de Psicanálise*, v. 39, n. 70, p. 55-79.
- HUME, D.; COLVER, A. WAYNE; P.; JOHN, V. (1976). *The natural history of religion*. Oxford: Clarendon Press.
- KHAN, M. (1963a). O conceito de trauma cumulativo. In: *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984. p. 57-76.

- \_\_\_\_\_. (1963b). Silêncio como comunicação. In: *Psicanálise: teoria, técnica e casos clínicos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984. p. 205 - 219.
- LANDAU, S. (2005). *Cambridge Dictionary of American English for speakers of Portuguese: Semibilingue Ing/Port*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J-B. (1988). *Vocabulário da psicanálise*. Ed 3ª. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1970).
- LÉVI-STRAUSS, C. (1975). A eficácia simbólica. In: LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p. 215-236.
- LAJO PÉREZ, R. (1990). *Léxico de arte*. Madrid: Akal.
- MAGTAZ, A. C. & BERLINCK, M. T. (2012). O caso clínico como fundamento da pesquisa em Psicopatologia Fundamental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(1), 71-81. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142012000100006>> Acessado em 20 de maio de 2019.
- MACEDO, A. C. (2011). *O reverente irreverente: A espiritualidade em rituais de umbanda*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- MANTOVANI, A., & BARRÃO, J. F. M. H. (2005). Psicanálise e religião: Pensando os estudos Afro-Brasileiros com Ernesto La Porta. *Memorandum: Memória e história em psicologia*, 9, 42-56.
- MENDES, E. D.; PROCHNO, C. C. S. C. (2006). A ficção e a narrativa na literatura e na psicanálise. *Pulsional Revista de Psicanálise*. Ano XIX nº, v. 185.
- MIGLIAVACCA, E. M. (2002). Dupla face do mito: Modelo e função. *Rev. bras. psicanál.*, 251-262.
- NAFFAH NETO, A. (2008). Contribuições winnicottianas à clínica da neurose obsessiva. *Percurso—revista de psicanálise*, 41. Disponível em :< [http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo\\_view&ida=58&id\\_tema=2](http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=58&id_tema=2)>. Acessado em 02 de agosto de 2019.
- PALMER, R. E. *Hermenêutica*. (1969). Trad. de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Eds, v 70.
- PEIRANO, M. G. (2003). *Rituais ontem e hoje* (Vol. 24). Zahar.
- PHILLIPS, A. (2006). Winnicott. Trad. Alessandra Siedschalg. Aparecida, SP: Ideias & Letras.
- POE, E. A. (2017). *Edgar Allan Poe: Medo Clássico*. Rio de Janeiro: Darkside Books.
- PONTALIS, J. B., & LAPLANCHE, J. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

- RANK, O. (2013). *O duplo: um estudo psicanalítico*. Trad. E. L. Schultz. Porto Alegre: Dublinense. (Trabalho originalmente publicado em 1925).
- RICOUER, P. A. (2013). *Simbólica do Mal*. Trad. Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa, Portugal: Edições 70. (Trabalho originalmente publicado em 1960).
- ROUDINESCO, E. & PLOM, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- REZNIK, D. D., & SALEM, P. (2010). Duas faces da noção de segredo em psicanálise. *Cadernos de Psicanálise*, 32(23), 93-105.
- RIBEIRO, M. A. C. (2001). Um certo tipo de mulher: mulheres obsessivas e seus rituais. *Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos*.
- SAFRA, G. (2004). *A Po-Ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- \_\_\_\_\_(2005). *A face estética do self: Teoria e Clínica*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- \_\_\_\_\_(2006a). *Hermenêutica na Situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal*. São Paulo: Editora Sobornost.
- \_\_\_\_\_(2006b). *A Maturidade e a Morte*. Instituto Sobornóst, Série: A visão clínica de Gilberto Safra. Gravação em 2 CDs de áudio mp3. Duração 1 h e 4 minutos e duração 1 h e 7 minutos.
- \_\_\_\_\_(2006c). *Desvelando a história do humano: O brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio*. São Paulo. Sobornost.
- \_\_\_\_\_(2009a). Dimensões do silêncio: A constituição do si mesmo e perspectivas clínicas. *Caderno de Psicanálise*, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 31, n 22, p. 75-82.
- \_\_\_\_\_(2009b). *A Questão do mal e a constituição do Self*. Instituto Sobornóst, Série: A visão clínica de Gilberto Safra. Gravação em CD de áudio mp3. Duração 1 h e 43 min.
- \_\_\_\_\_(2013). Disponibilidades para a realidade psíquica não sensorial: Fé, Esperança e Caritas. *Ide (São Paulo)*, São Paulo, v. 36, n. 56, p. 91-104, jun. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062013000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em 22 de outubro de 2019
- \_\_\_\_\_(2014). A contribuição de Pavel Florensky para a situação clínica. *In: Anais do I Congresso Internacional Pessoa e Comunidade: Fenomenologia, Psicologia e Teologia e III Colóquio Internacional de Humanidades em Saúde*. Org. Antúnez, Andrés Eduardo Aguirre; Safra, Gilberto; Ferreira, Maristela Vendramel. Universidade de São Paulo.
- SARTRE, J. P. (2006). *Entre quatro paredes*. Trad. Alcione Araújo e Pedro Hussak. RJ: DP & A. (Trabalho originalmente publicado em 1947).
- SCATOLIN, H. G. (2012). O ritual obsessivo de ocultar facas: a religião individual de um neurótico. *Psicologia Revista*, 21(2), 141-151.

- TAGLIAMBE, S. (2018). Uma fantasia que coincide com a realidade: Florenskij e Winnicott. In: *Cadernos Prosofon: Pavel Florenskij e a psicologia interfaces*. Org. Gilberto Safra. São Paulo. Editores: Gilberto Safra e Andres Eduardo Aguirre Antunéz. Nucleo de Pesquisa e Laboratório Prosofon, Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- WEIL, S. (2001). *O Enraizamento*. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC. (Trabalho originalmente publicado em 1949).
- WINNICOTT (1950). A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In Winnicott, D. W. *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Ed. 2000. p. 288-304. (Originalmente publicada em 1935).
- \_\_\_\_\_ (1956). Fragmentos referentes a variedades de confusão clínica. In: WINNICOTT, D. W.; Winnicott, C; SHEPPHERD, R; DAVIS, M. (Orgs). *Explorações Psicanalíticas*. Trad. José Otavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994. p. 26-28.
- \_\_\_\_\_ (1956b). Comentário sobre neurose obsessiva e frankie. In: WINNICOTT, D. W.; Winnicott, C; SHEPPHERD, R; DAVIS, M. (Orgs). *Explorações Psicanalíticas*. Trad. José Otavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994, p. 124-126.
- \_\_\_\_\_ (1961). Psiconeurose na Infância. In: WINNICOTT, D. W.; Winnicott, C; SHEPPHERD, R; DAVIS, M. (Orgs). *Explorações Psicanalíticas*. Trad. José Otavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994, p. 53-58.
- \_\_\_\_\_ (1963). O Medo do colapso (Breakdown). In: WINNICOTT, D. W.; Winnicott, C; SHEPPHERD, R; DAVIS, M. (Orgs). *Explorações Psicanalíticas*. Trad. José Otavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994. p. 70-76.
- \_\_\_\_\_ (1951). Objetos e fenômenos Transicionais. In: WINNICOTT, D.W.; *O brincar e a realidade*. Trad. de José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 13-43.
- \_\_\_\_\_ (1983). *O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudos Sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional*. Trad. Iríneo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed. ( Trabalho originalmente publicado em 1965).
- \_\_\_\_\_ (1987). *Privação e delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1971).